

JEAN SEGATA

**LONTRAS E A CONSTRUÇÃO DE LAÇOS NO ORKUT**

*1*

---

ILHA DE SANTA CATARINA  
JULHO DE 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**LONTRAS E A CONSTRUÇÃO DE LAÇOS NO ORKUT**

2

---

Dissertação de Mestrado entregue como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Orientador: Dr. Theophilos Rifiotis

ILHA DE SANTA CATARINA

JULHO DE 2007

*...aos gritos rascantes dos eletrônicos –  
a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas,  
todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo  
a ponto de eu neste instante explodir em: eu.  
Esse eu que é vós, pois não agüento ser apenas mim,  
preciso dos outros para me manter em pé,  
tão tonto que sou, eu enviesado[...]  
eu que quero sentir o sopro do meu além...*

Clarice Lispector – “A Hora da Estrela”.

*para Juliara:  
aventuras sem fim...*

## AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que participam direta e indiretamente em um processo de formação como este que se torna difícil – e mesmo constrangedor, nomear alguns poucos, em detrimento a outros. Serei espontâneo: lançarei os nomes que vierem enquanto escrevo, sem privilégio de ordem, ou de gratidão.

Agradeço ao CNPq pela concessão de Bolsa de Estudos com a qual pude realizar a pesquisa e, da mesma forma, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, pelo acolhimento e formação; o seu corpo docente e funcionários – especialmente, os professores e professoras dos quais fui aluno, aqueles que me mostraram alguns bons mapas, admiração e inspiração para que eu seguisse as trilhas da Antropologia: Sônia Maluf, Esther Jean Langdon, Alberto Groisman, Maria Amélia, Alicia Castells, Miriam Grossi, Rafael Bastos, Oscar Calávia e, de maneira muito especial, toda minha gratidão ao Professor Theophilos Rifiotis – muito mais que orientador; um amigo, um conselheiro – segurança e motivação.

Agradeço aos colegas de turma: Alberto, Vivian, Bruno, Magdalena, Javier, Bárbara, Moreno, Hanna, Tatyana, Daniel, Camila, Sérgio, Juarez e Rodrigo e todos os demais colegas de PPGAS, com os quais construí boas discussões em aula e tomei bons cafés nos intervalos. Estendo assim meu agradecimento às colegas de PPGAS no doutorado, Micheline Ramos de Oliveira – como professora: inspiração; como orientadora de TCC: compromisso; como amiga e colega: alguém com quem eu sempre pude contar. Da mesma forma, agradeço a Juliana Cavilha Mendes por todo o incentivo para eu vir para o PPGAS e, em especial, Maria Elisa Máximo, colega de GrupCiber por toda a leitura, crítica e sugestão aos meus trabalhos. *In memoriam*, a Guimarães Jr. que não conheci pessoalmente, mas que se fez presente em minha trajetória, como alguém que abriu caminhos para a investigação no ciberespaço na Antropologia e especialmente na constituição do GrupCiber no PPGAS/UFSC, nos servindo de referência e inspiração; “Guima” está sempre vivo em nossos trabalhos. De antemão, estendo o agradecimento aos membros da banca examinadora deste trabalho, por já fazerem, direta e indiretamente parte dele: os já citados por outras gratidões, Theophilos Rifiotis, Sônia Maluf, e Maria Elisa Máximo e, Airton Jungblut, cujos trabalhos já me serviram de referências nessas trilhas de uma antropologia do ciberespaço.

Aos participantes da minha pesquisa, Marcos, P.Valdo, José Carlos, Carol e Lilian, substanciais neste trabalho. Meu obrigado também a Alberto da Costa Gomes, que me apresentou, com sabedoria e boas risadas, a Antropologia, ainda na graduação em Psicologia – estou esperando aquele livro do Pierre Lévy e pensando em tirar do papel aquele projeto de pesquisar a história do humor! Da mesma forma, meu agradecimento também ao Prof. Michel Maffesoli do Centre de Recherche Sur L’actuel et Quotidienne (CEAQ), da Université de Paris V – “René Descartes” – Sorbonne, incentivador, sempre atencioso aos meus reclames e disposto a responder meus questionamentos.

Agradeço aos meus pais, Mario e Reinildes, que muito lutaram e me incentivaram em minha trajetória acadêmica, sem jamais medir esforços; não me refiro apenas às condições materiais, os custeios de moradia, de livros, ou mensalidades; agradeço sim os abraços fortes seguidos de um “meu filho, estude, siga em frente – estamos aqui querendo sempre o melhor pra ti”. Fica também o obrigado ao meu irmão Luciano pelo incentivo e a minha sobrinha Jenifer Luana – a luaninha – que apontava os traços vermelhos sob as palavras na tela do computador: “tio Jean, tá errado ali!”. Por fim, minha gratidão à minha esposa Juliara, sempre disposta a ler os meus rascunhos, cobrar as minhas leituras e escrita e, acima de tudo, sempre colocando um sorriso sem fim na minha vida.

À Adriana Calcanhotto, pela melodia; Caetano Veloso, pelo balanço; Zeca Baleiro, pela crítica; Lenine, pela sobriedade; e a Celso Fonseca, Chico, Tom, Elis e Maria Rita, que venho descobrindo, pela poesia – obrigado por tocarem para mim enquanto eu escrevia. De igual modo, ao meu violão, que na solidão aqui em Floripa, serviu como ombro para as dores e, ao mesmo tempo, mostrou-me sempre que é melhor continuar me dedicando à Antropologia mesmo, pois à música...

## RESUMO

Esta etnografia resultou de uma pesquisa em um ambiente constituído no entrelaçamento de espaços no orkut, chamados de *comunidade*, o *msn* e a cidade de Lontras, no interior do Estado de Santa Catarina, compreendido com um ponto local, dentro de uma rede mais ampla, ou global, com suas muitas possibilidades de ligação e interação das mais diversas formas e qualidades. Neste sentido, no contexto de uma Antropologia do Ciberespaço em construção, este trabalho teve como objetivo mostrar aparente a potencialidade de se poder experimentar nas redes sócio-técnicas, um movimento de ligação e religação de amizades e antigas relações e, especialmente, um movimento de ligação e religação ao local, à terra, especialmente possibilitados pela emergente construção do ciberespaço no cotidiano das pessoas. Essas redes, seriam construídas no intrincado jogo da proxemia - do alguém que conhece alguém, que conhece alguém, onde cada sujeito é compreendido como um espaço de interação que se liga ao outro, formando redes. Ao longo do trabalho ainda são feitas reflexões sobre o potencial interativo das redes sócio-técnicas, noções de sujeito, subjetividade, identidade e corporalidade no ciberespaço, bem como uma reflexão sobre a aparente fragilidade dos laços construídos no ciberespaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciberespaço, Comunidade, Redes, Ligações.

## ABSTRACT

This work is a description of the communities in orkut linked to the small city of Lontras, from the State of Santa Catarina that had as objective to show that in the contemporarity times in what it is lived an apparent processes of *reliance* of old friendships, of old relationship and, especially, a *reliance* movement toward the place, toward the local, especially provided by the emerging appropriation, more and more daily of the cyberspace.

Mainly under Georg Simmel's notions on the adventure it is intended to describe the relationships that happen in such communities, emphasizing the tragic character and seemingly formal of these relationships: as the adventures, those relationships and, even those spaces, had, in his majority, beginnings and ends quite marked, and most of the time, what did seem to have importance for the groups that formed and they constituted those spaces was it be-together, for the simple fact of be-together, without privileging the contents of those relationships. Inside of a global space, as the cyberspace, a global community, as the orkut, seems constitutes itself through an united linked of us, in it majority, on locality.

**KEY-WORDS:** Community, Adventure, *Reliance*, Internet.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Página Inicial do Orkut .....	32
<b>FIGURA 2:</b> Dados Demográficos.....	35
<b>FIGURA 3:</b> Parte do Perfil Social de Marcos .....	41
<b>FIGURA 4:</b> Página inicial da <i>minha comunidade</i> .....	67

# SUMÁRIO

<b>PREÂMBULO: Onde Está a Antropologia do Ciberespaço?</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO: Lontras e o Orkut</b> .....	19
1. O Antropólogo na Corda-Bamba: Notas Metodológicas .....	22
<b>PRIMEIRA PARTE: CONSTRUINDO UM ORKUT</b> .....	
27	
<b>1. ORKUT.COM: Primeiros Contatos</b> .....	28
1.1. Local-Global, Global-Local: O Orkut e as Redes.....	29
<b>2. “MEU ORKUT”: Do “Estar” On-Line, ao “Ser” On-Line</b> .....	38
2.1. E, Quem não é <i>Fake</i> ? .....	42
<b>3. CONSTRUINDO-SE EM ESPAÇOS: As “Comunidades” no Orkut</b> .....	52
<b>SEGUNDA PARTE: A AVENTURA DE LONTRAS NO ORKUT</b> .....	
62	
<b>4. “ALGUNS FIOS SOLTOS”: Enredando os “Espaços Lontras” no Orkut</b> .....	64
4.1. Lontras no Orkut: Encontros e Desencontros.....	64
4.2. O Colégio: Religando em Memórias .....	69
4.3. A “Comunidade <i>Lontras</i> ”: Com os Pés no Local.....	75
<b>5. ATANDO “NÓS”: P.Valdo e a Emergência de Lontras no Orkut</b> .....	83
5.1. A Chegada de P.Valdo na <i>Minha Comunidade</i> .....	84

5.2. Um “Justiceiro Orkutiano” .....	90
<b>6. “ETERNA, ENQUANTO DURE”:</b> Lontras <i>no</i> Segredo de P. Valdo .....	97
6.1. A Rádio Jovem Lontras .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> A Fragilidade do que Religa .....	113
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	118
Artigos da Internet e Outras Referências .....	125

## PREÂMBULO

### ONDE ESTÁ A ANTROPOLOGIA DO CIBERESPAÇO?

*... antes, mundo era pequeno  
porque Terra era grande,  
hoje, mundo é muito grande,  
porque terra é pequena,  
do tamanho da antena parabolicamará.*

Gilberto Gil – “Parabolicamará”

Em um ensaio intitulado “Onde Está a Antropologia?”, Mariza Peirano (2006) questiona os rumos atuais que a antropologia vem traçando, tanto no contexto brasileiro, como no cenário internacional. Iniciando a sua discussão com um passeio pelas livrarias norte-americanas, onde descreve a redistribuição dos livros nas estantes – que sugerem uma reorganização também das áreas de conhecimento – a autora constrói uma reflexão sugerindo que esta redistribuição reflete uma reorganização do saber antropológico, cada vez mais complexificado ante a quantidade de objetos que a disciplina veio construindo ao longo de sua trajetória, especialmente nos últimos anos, colocando-o sob suspeita de auto-dissolução. Entretanto, ao invés de inquirir sobre o fim, ou não da disciplina (pela construção do que ela chama de anti-disciplinas), Peirano (2006) se pergunta “onde está a antropologia” e reforça a positividade dos *clássicos* da disciplina, que tornam possível uma comunidade de especialistas, dentro de *histórias teóricas*, sugerindo que essa constante reorganização do saber antropológico também é parte constituinte do fazer da disciplina. Quando tomei por certo dar início a esta dissertação, questionando-me “onde está a Antropologia do Ciberespaço”, de alguma forma meu intuito aproxima-se da proposta de Peirano (2006) de auto-exame do fazer antropológico, nesse caso, do saber-fazer antropológico que tem como objeto e campo de estudos, o ciberespaço.

De 1984, quando Willian Gibson publica um romance de ficção científica, onde o termo ciberespaço aparece pela primeira vez, referindo-se a um espaço – não-espaço – da mente, constituído por uma alucinação consensual, com infindáveis nebulosas de dados, cuja complexidade se torna impensável (Gibson, 1984), até os dias atuais, uma série de discussões

levantando posições ora apocalípticas, ora apologéticas em relação ao ciberespaço, tem sido construída principalmente por pesquisadores de disciplinas como comunicação, sociologia e filosofia. Com o desenvolvimento das interfaces, a popularização dos computadores, a utilização civil da internet e com a sua expansão – correios eletrônicos (*e-mail*), salas de bate-papo (*chats*), os compartilhadores de arquivos compactados de música e vídeo (formato *mp3*), as listas de discussão, as “comunidades virtuais” e, mais recentemente, os sistemas de comunicação e interação em tempo real por meio de texto, voz, ou vídeo (*MSN, skype, webcams*), além dos “diários” e “álbuns de fotos” *on-line* (*blogs, photologs*) e “sites de relacionamento”, como orkut – objeto e campo desta etnografia – o ciberespaço vem sendo cada vez mais construído no cotidiano das pessoas na contemporaneidade.

Sob olhar apologético, este movimento de crescente construção do ciberespaço estaria caracterizando uma espécie de vitalidade desse espaço que, até então, como proclamado na ficção gibsoniana – impensável – possibilitaria agora (pensável), a reunião das mais diferentes informações, atividades, povos e culturas, em um mesmo espaço, onde nada seria excluído – nem o bem, nem o mal – e onde a aspiração à grande liberdade, poderia ser vivificada pela errante desterritorialização; um espaço que poderia ser resumido na imagem de uma obra surrealista, onde os mais diferentes elementos dialogam, compartilham e constituem uma realidade para além do real (Lévy, 2002, 2003a, 2004).

Segundo Lévy (2003a), um dos autores “clássicos” nesse debate apologético, que se autodenomina “filósofo da internet”, haveria no ciberespaço uma possibilidade latente de construção de uma “inteligência coletiva”, já que este espaço reuniria um sem-fim de informações remotas dos mais diversos lugares e ordens. Mais que isso: com essa “inteligência distribuída por toda parte”, o ciberespaço poderia vir a se constituir como um “passo metaevolutivo” que segundo ele seria uma espécie de sistema nervoso de uma biosfera, construída por um superorganismo – a unidade de toda raça humana – interligada através do ciberespaço. Como o autor resume, isto seria uma característica de um estágio atual de um processo de evolução biocultural (Lévy, 2004).

De qualquer modo, um aspecto interessante, amplamente defendido nesse discurso, seria o potencial interativo do ciberespaço<sup>1</sup>. Presente embrionariamente no trabalho

---

<sup>1</sup> Ao longo da dissertação, os termos “internet” e “ciberespaço” aparecem muitas vezes quase que de maneira sinônima. Tal fato se dá por uma falta de precisão conceitual desses e de outros termos, como “comunidades virtuais”, presentes na maior parte da literatura especializada. Acredito que uma precisão conceitual é medida urgente para a consolidação do campo da Antropologia do Ciberespaço que vem se construindo e é parte do que proponho como projeto de continuação de pesquisas neste campo, no doutorado. Destarte, seguirei a posição de Maria Elisa Máximo que em recente reunião do GrupCiber (Grupo de Pesquisa em CiberAntropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC) sugeriu que a internet seria uma das várias

de Lévy (2003b) que demarcava o potencial de diálogo, de reciprocidade e de comunicação efetiva do ciberespaço, em detrimento à televisão e o telefone, é nos trabalhos de André Lemos (2001, 2002) que se pode encontrar um grande investimento na afirmação desse potencial de interação no ciberespaço, ao sugerir a idéia de cibernsocialidade. Dialogando diretamente com as noções de socialidade contemporânea e neo-tribalismo, fundantes da obra de Michel Maffesoli, Lemos (2002) sugere colocar a tecnologia digital contemporânea “como um instrumento de novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários” (LEMOS, 2002, p. 88). Nesse sentido, o ciberespaço possibilitaria a construção das mais diversas formas de agregações, através de uma conectividade generalizada e operante, que proporcionaria a troca de um sem-fim de informações e relações sem muitos objetivos além da conexão e do estar junto. É na positividade desta posição que se pode traçar um contraponto com o discurso apocalíptico, especialmente presente nos trabalhos de Virilio (1999, 2000) e Baudrillard (2003).

No discurso destes autores pode se encontrar a sugestão de que com essa apropriação crescente do ciberespaço, estaria se construindo uma “era de servidão”, “delação” e “fim da vida privada” (Virilio, 1999, 2000), vivida “em aparência”, sob a “doença do vazio” (Baudrillard, 2003). Segundo Virilio (1999) a internet, estaria ainda servindo a propósitos militares, como na sua “origem”: antes, com propósito de armazenar dados secretos em um espaço – não-físico – seguro; agora, feito *Big Brother* orwelliano<sup>2</sup>, à procura de informações secretas entre as pessoas e nações, surgindo, na contemporaneidade, como uma verdadeira bomba, numa aproximação que o autor faz com a bomba atômica – capaz de desintegrar as nações. Do mesmo modo, “invadindo os lares”, a internet estaria instaurando uma espécie de “era do *voyerismo*” cotidiano e corriqueiro, que encarceraria cada vez mais as pessoas em seus próprios lares; feito uma reinvenção da servidão doméstica, a internet emerge como uma encarceradora eletrônica, que nos torna servis ao olhar do mundo (Virilio, 2000), inaugurando o fim da vida privada.

Este fenômeno também é interpretado por Baudrillard (2003), como “uma doença que degenera o mundo”, justamente por promover a promiscuidade, nisto que ele chama de “campo viral”, que transmite tudo instantaneamente. Contrariamente a sugestão apologética de unir todas as diferenças em um único espaço, Baudrillard (2003), percebe que, havendo colisão entre diferentes pólos, mistura de tudo o que era separado – sem palco, nem platéia,

---

maneiras de se estar no ciberespaço, compreendendo este como uma esfera mais ampla do que a internet, especialmente considerando a inserção generalizada das tecnologias digitais, como redes telefônicas, ou televisão.

<sup>2</sup> Cf. Orwell, 2003.

sujeito e objeto, real e duplo, haveria apenas massificação e total impossibilidade de julgamento de valores, esvaziando-se a vida, já que todas as distâncias estariam abolidas.

Entretanto, é no pessimismo das palavras desses dois autores que parece emergir uma tensão que poderia remarcar a maneira como se tem olhado, especialmente na antropologia, para esta polaridade entre apologéticos e apocalípticos<sup>3</sup>. Ao olhar de outra forma para este suposto encarceramento das pessoas em seus próprios espaços privados, estaria, não se chegando ao “fim da vida privada”, mas sim à exacerbação deste domínio, ou, colocando-se isto de maneira apologética, estaria se falando em uma revitalização, reconstrução e ressignificação do espaço público e do espaço privado<sup>4</sup>. Da mesma forma que ao se falar em “era do *voyerismo*”, pode se estar compreendendo falar em exposição generalizada, onde estaria, supostamente, como no caso do orkut, “todos, vendo todos”. Neste caso, a socialização se fundamentaria, numa exposição essencialmente performática do “íntimo”, do “banal”, do “frívolo”, do “corriqueiro” (Bruno, 2004), como destacado no aspecto efêmero, frágil e presenteísta da cibernsocialidade (Lemos, 2002). Neste sentido, caminhar-se-ia para uma posição onde se levaria em consideração a possibilidade de uma hibridez – no sentido de mistura desestabilizadora que pode sugerir processos (Hannerz, 1997) – das fronteiras entre aquilo que pode ser compreendido como apocalíptico, ou apologético, ou seja, não seria nem tanto uma coisa, nem tanto outra e, quem sabe, mais complexamente, as duas ao mesmo tempo.

De qualquer modo, como procuro apontar ao longo desta dissertação, anteriormente a esta discussão, a antropologia já vinha complexificando tal polarização com o intuito de não pré-categorizar as suas investigações no ciberespaço. Assim, interessa-me, nesse processo de construção de uma Antropologia do Ciberespaço, especialmente no contexto do GrupCiber, refletir sobre a vida social que acontece nestes espaços complexos que emergem pela apropriação da capacidade de interconexão de redes sociais (Castells, 2003), transcendendo a discussão da tecnologia pela tecnologia, ou mesmo de positivities e negatividades<sup>5</sup>.

Categorizações como “sociedade da informação”, “aldeia global” (MacLuhan, 1995), “realidade virtual” (Rheingold, 1991), “cibercultura” (Lévy, 2004; Lemos, 2002, 2003), ou “realidade ampliada”, presentes em grande parte dos estudos sobre o ciberespaço,

---

<sup>3</sup> Esta polaridade, apologéticos/apocalípticos, há muito é tema de discussão no GrupCiber, sendo que o mérito da posição que tomo neste texto, deve-se às sugestões de Maria Elisa Máximo a este trabalho.

<sup>4</sup> Uma aproximação pertinente a este debate pode ser feita à idéia de “sociedade intimista” descrita por Sennet (2002), em cuja constituição está implicada a “morte do espaço público” e declínio do “homem público”.

<sup>5</sup> Neste sentido, ver também Rifiotis (2003) e Guimarães Jr. (2000, 2004).

procuram ascender a idéia de que algo *novo* está por caracterizar uma suposta transição da modernidade para uma “outra era” – “modernidade líquida” (Bauman, 2001), “pós-modernidade” (Maffesoli, 2004a, 2004b, 2006; Vattimo, 1988), “hipermodernidade” (Lipovetsky, 2004), “hiper-realidade” (Baudrillard, 2002), “neo-modernidade” (Rouanet, 1993) entre outras – com discursos, fundados nos posicionamentos apologéticos: de ampliação, conquista, unidade e transcendência e/ou apocalípticos: da simulação, do vazio e da distância. Certamente quando nos voltamos ao passado, mesmo em caráter ilustrativo, procurando dar sentido aos “grandes momentos” de uma “grande narrativa histórica”, movimentos como o Renascimento, o Iluminismo, ou a Revolução Industrial, parecem ter, coerentemente, seu lugar no tempo e no espaço – de certa forma, hoje, suas rupturas nos fazem sentido, suas aproximações nos parecem necessárias, seus diálogos fundamentados e suas conseqüências absorvidas – tudo parece estar bem acomodado, “poeira assentada”, nos caminhos da história. Entretanto, ao voltarmos a atenção a fenômenos próximos, àqueles que nos metamorfoseiam em seus processos de construção, sentimo-nos desarmados para deles tratar com certo distanciamento crítico. Esse parece ser o caso da emergência do ciberespaço.

Neste sentido, à luz das reflexões que temos construído no GrupCiber, quando me refiro aos movimentos supostamente “assentados” ao longo da “grande história” em detrimento à emergência do ciberespaço, quero pôr em dúvida este estatuto de *novo*, do ciberespaço<sup>6</sup>, pensando-o apenas como um fenômeno que, para muitos, ainda não está devidamente “assentado”, ou que ainda não foi devidamente “digerido”, já que, àqueles os quais chamei ilustrativamente de “grandes momentos”, assim como a emergência do ciberespaço, não são fenômenos externos às sociedades que os constroem, vivenciam e evidenciam; são antes, “tecidos” cotidianamente.

Desenvolvendo esta idéia, eu partia anteriormente da compreensão que este seria um processo contemporâneo de uma tão somente “emergente apropriação” do ciberespaço, que poderia implicar na sua diminuição a um processo externo à própria sociedade, para então ser *apropriado* concretamente pelas pessoas. No entanto, tenho sugerido, agora, uma *construção* do ciberespaço no cotidiano das pessoas, compreendendo que os possíveis sentidos, valores, ou funcionalidades a ele atribuídos, seja parte do processo, tanto social, como técnico, de sua emergência. Tão logo, um dos pontos de crítica da antropologia em relação ao ciberespaço, reside na tentativa de não estanca-lo e categoriza-lo nos limites discursivos de uma “grande narrativa histórica”, como aparentemente se faz a movimentos

---

<sup>6</sup> Esta reflexão já tem sido levantada há algum tempo pelo professor Theophilos Rifiotis, coordenador do GrupCiber.

como o do Renascimento, ou da Revolução Industrial, compreendidos quase que de forma externa, abstrata às próprias condições históricas e sociais que os possibilitaram e os construíram. De igual modo, a proposta não é de aproximar tais movimentos à emergência do ciberespaço, como que sugerindo que ele constitua uma espécie de “renascimento”, ou “revolução”, tampouco de investigá-lo, na antropologia, como uma entidade, movimento ou “era”. O que se propõe é que se investigue a “pequena história cotidiana” de construção desse espaço na vida das pessoas e da vida das pessoas nesse espaço na contemporaneidade, bem como, as redes, os “nós” e os grupos nesses ambientes *on-line* e *off-line*, com seus sentidos, valores e funcionalidades, tecidos no dia a dia.

Certamente que as especificidades do ciberespaço nos faz também refletir sobre o próprio estatuto de pesquisador: quais as diferenças entre um encontro etnográfico face-a-face e um encontro etnográfico interface<sup>7</sup>, ou, até que ponto um pode possuir melhores qualidades que outro? Até que ponto o pesquisador tem controle sobre as emoções, comportamentos, índices comunicativos – enfim, os dados de campo – em um trabalho, em um encontro face-a-face, onde ele supõe “ver”, “ouvir”, ou “interpretar” o outro, em detrimento à interface? E se a suposição de uma garantia maior de anonimato tornasse “esse nativo da interface”, mais “verdadeiro”, “visível”, “audível”, ou “interpretável” que “o nativo do encontro face-a-face”? Dos primeiros trabalhos de campo na Antropologia, onde se priorizava o distanciamento geográfico em busca do outro, do “exótico”, aos distanciamentos mais “psicológicos”, da Antropologia Urbana, dos Estudos de Gênero, Etnicidade, Violência, entre outros (Velho, 1999), o trabalho de campo no ciberespaço, parece repensar o “geográfico e o psicológico”, problematizados agora na não-mensurável distância que separa pesquisador e pesquisado, na tela do computador. Deste modo, como sugere Rifiotis (2002), “a experiência de campo no ciberespaço torna-se cada vez mais próxima de uma situação de co-presença” (RIFIOTIS, 2002, p. 10), não se deixando de problematizar, é claro, a mediação da comunicação por meio de computadores, os diversos *softwares* e códigos negociados, construídos e compartilhados, sejam eles verbais, escritos, corporais, ou outros (id.).

Assim, certamente tão complexo quanto entrevistar um Nuer (Evans-Pritchard, 1997), ou um pai-de-santo no candomblé (Silva, 2006), ou tão desolador quanto desembarcar numa praia deserta da Nova-Guiné (Malinowski, 1978), ou seguir em uma expedição pelo interior do Brasil (Lévi-Strauss, 1986), o trabalho do “antropólogo do ciberespaço” lança desafios que ora ou outra, em quaisquer outros campos da Antropologia são lançados; afinal,

---

<sup>7</sup> Refiro-me a uma modalidade de encontro etnográfico mediado por computador, no âmbito das Comunicações Mediadas por Computador (CMC).

até então, também no ciberespaço, tem-se feito entrevista, contato direto e observação participante.

Afinal, então, “onde está a Antropologia do Ciberespaço?”. Parece-me que esta não é uma pergunta que estará respondida nos limites deste preâmbulo, tão pouco ao longo de toda esta dissertação; tão simplesmente espero que ela abra espaço para reflexões que tomem por esforço construir também o ciberespaço como objeto e campo de investigação antropológica, apontando os delineamentos que vem constituindo o projeto do que se tem chamado de Antropologia do Ciberespaço, nesses caminhos atuais que a Antropologia vem desenhando.

# INTRODUÇÃO

## LONTRAS E O ORKUT

*...mesmo uma rede ampla continua  
a ser local em todos os pontos.*

Bruno Latour – “Jamais Fomos Modernos”.

“Bem-vindo Jean, você está conectado a 7,9 milhões de pessoas através de seus 20 amigos”. Essa era a primeira informação que saltava aos meus olhos quando “desembarquei” em campo para iniciar a pesquisa no orkut, que resultaria nesta dissertação. Nas primeiras vezes que havia “visitado” o campo, em agosto de 2004 – ainda me construindo como “nativo” naquele espaço – esse número não chegava a 3 milhões. Hoje, quando escrevo este texto, a plataforma anuncia que “estou conectado no orkut a mais 57 milhões de pessoas através de meus mais de 380 amigos”.

Mas que espécie de ligação é esta e, que espécie de amigos são estes, se não sou, de fato, amigo nem de pouco mais de 10% destes que compõe a lista, intitulada pelo orkut, de *meus amigos*? Qual a diferença entre esta ligação a 57 milhões de pessoas e o fato de, eu, no mundo, estar ligado a mais 5 bilhões de pessoas em outras dimensões que não o orkut? Ou ainda, por que dentro de uma rede tão ampla, como o orkut, se opta, como eu e outros muitos, por relações mais locais e “afetivas”? Estas, entre tantas outras questões que fui construindo já em campo e no processo de escrita, formam a base das reflexões que procuro fazer ao longo desta etnografia.

O orkut, no ciberespaço, se auto-define como uma “comunidade *on-line* que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis”<sup>8</sup>. Nele é possível a criação de uma espécie de “página pessoal”, constituída por *perfis (social, pessoal e profissional)*, onde cada participante preenche uma série de questionários sobre as suas características e preferências (acadêmicas, profissionais, artísticas, esportivas, religiosas, culinárias, afetivas) e a resposta de uma pergunta mais ampla, *quem eu sou*, entre outras. É possível também, a composição de um espaço dedicado a postagens de fotos – *meu álbum*; recentemente, um

---

<sup>8</sup> [www.orkut.com](http://www.orkut.com).

espaço para postagem de vídeos – *meus vídeos*<sup>9</sup>; e outro espaço dedicado a receber recados de outros participantes do orkut – *meus recados*; que geralmente compõe uma lista de contatos – *meus amigos*; que podem ser adicionados mutuamente, uns às “páginas pessoais” dos outros. Nessas “páginas pessoais”, há ainda, um espaço chamado *minhas comunidades* composto pela adição/filiação à *comunidades* no orkut, que são construídas pelos próprios participantes. Cada um desses espaços funciona com uma espécie de “link sem fim”, que leva o participante de uma *comunidade* para outra, de uma “página pessoal” para outra, numa lógica – *não lógica* – de associação que forma redes.

Neste caso, a presente etnografia teve como campo algumas dessas chamadas *comunidades* do orkut, especialmente, “Lontras”, “LONTRAS”, “Estudei Regente Feijó” e “E.E.B. Regente Feijó”, cujas constituições estão associadas à pequena cidade de Lontras, no interior de Santa Catarina. Tão logo, de forma bastante substancial, a cidade de Lontras também foi campo desta pesquisa, bem como o *MSN*<sup>10</sup>, espaço que permitiu, em grande parte, os encontros etnográficos entre eu e os sujeitos-participantes de minha pesquisa.

Com seus pouco mais de nove mil habitantes, Lontras está localizada na região do Alto-Vale do Itajaí, distante, cerca de 200 quilômetros da capital do Estado, Florianópolis. Sua economia depende, em grande parte, das pequenas propriedades agrícolas, de algumas pequenas indústrias e nos últimos anos, mais substancialmente, de pequenas malharias e confecções alocadas em espaços residenciais, além, é claro, do pequeno comércio local. Costuma-se dizer da cidade, que ela é apenas um dormitório da cidade vizinha – Rio do Sul – devido ao grande número de pessoas que se deslocam para lá diariamente, seja para trabalhar, estudar ou fazer compras. Como cidade pequena, do interior, a maioria dos habitantes se conhece. Há, de alguma forma, ligações mais ou menos diretas e estreitas entre umas e outras pessoas: são antigos colegas de escola, ou trabalho, vizinhos da rua, do bairro, participantes de alguma igreja, filhos de amigos, filhos de antigos colegas de escola, parentes próximos, ou distantes, enfim, uma multiplicidade de laços mais ou menos viscosos e duradouros.

Especialmente para mim, Lontras é mais que uma palavra que *significa* um lugar geográfico, é antes, uma palavra que faz com que eu *sinta* um pouco de quem eu sou: é a cidade onde cresci e vivi por mais de vinte anos e onde ainda mora grande parte de minha família; também foi onde realizei meus estudos básicos, na mesma escola que viria a ser mais

---

<sup>9</sup> Este “serviço” começou a ser disponibilizado em março deste ano, de forma que ele não é descrito e analisado neste trabalho.

<sup>10</sup> Serviço disponibilizado pela Microsoft que, associado a um endereço de *e-mail* permite a interação em tempo real, por meio de escrita, voz e imagem.

tarde o lugar de meu primeiro emprego formal e, fundamentalmente, é a cidade onde residem ainda alguns amigos.

Distanciado de Lontras há algum tempo, eu a revivia em minhas memórias, como algo ideal e utópico. Parece-me que as palavras de Bauman (2003), ao se referir a comunidade, ilustram bem esse sentimento. Segundo o autor, comunidade é o tipo de mundo, que lamentavelmente não está ao nosso alcance, mas que gostaríamos de viver e, que esperamos e acreditamos vir a possuir, como se estivesse sempre no futuro: “comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (BAUMAN, 2003, p. 09). Segundo ainda esse autor, comunidade é uma palavra que guarda muito mais que significados, ela guarda sensações: o que quer que comunidade signifique, é “sempre bom estar em uma comunidade” (ibid, 07); é nelas que buscamos a segurança e a liberdade, o que gera uma sempre tensão entre “comunidade” e “individualidade”: a comunidade com a sua segurança e a liberdade da individualidade.

Talvez fosse essa a tensão que eu revivia em minhas memórias: supostas liberdades e seguranças que eu experimentava no aconchego, na familiaridade e no pacatismo de Lontras, em detrimento às experiências de aparente fragilidade, desconfiança e solidão que eu sentia residindo, agora, em Florianópolis. A cidade de Lontras, sentida então como “paraíso distante”, tornava-se objeto de minhas buscas, ao menos para suspender em uma espécie de cabide, temporariamente, as fragilidades, desconfianças, e solidão que pesavam sobre meus ombros, em Florianópolis<sup>11</sup>. Foi então que minhas experiências nativas de “internauta” possibilitaram que Lontras fosse, de alguma forma, reencontrada por mim no orkut, de tal modo que, em pouco tempo, eu me encontrava entre redes e nós que intrincavam as dimensões *on-line* e *off-line* daquela cidade, construindo um único espaço complexificado por estas duas dimensões.

Neste caso, à medida que fui percebendo que aqueles espaços no orkut eram constituídos por elementos bastante significativos da cidade de Lontras, ou mesmo, pelo fato de que as relações que eram construídas naqueles espaços *on-line* – eram continuidades, frutos, rupturas, ou tensões de relações vividas na dimensão *off-line* da cidade – comecei a delinear os caminhos desta etnografia, refletindo sobre os laços que são construídos nessas

---

<sup>11</sup> Bauman (2003) sugere o exemplo dos “vigilantes do peso”, como uma espécie de “comunidade estética” – cabide – onde se vive por instantes a “sensação boa” de liberdade e segurança, para depois “voltar para a vida cotidiana”.

amplas redes como o orkut, com pontos bastante locais, como a cidade de Lontras. Redes estas, com suas múltiplas potencialidades de promover interações<sup>12</sup>, ligações e reações.

## 1. O ANTROPÓLOGO NA CORDA-BAMBA: NOTAS METODOLÓGICAS

Iniciei o trabalho de campo no mês de janeiro de 2006 e o concluí, entre algumas pausas para reflexão e discussão do material coletado, em julho deste mesmo ano. Durante esse período, “observava participando”, diariamente, o cotidiano daquele ambiente, buscando constantemente problematizar minha própria condição de também “nativo” naquele espaço, em constantes movimentos nos quais eu trazia à reflexão, as experiências que também, eu mesmo, protagonizava no campo. Assim, fui descrevendo as maneiras às quais iam sendo tecidas as teias de significados (Geertz, 1989) naqueles espaços e através daqueles espaços, onde nós estávamos interagindo.

Na convivência diária com os sujeitos-participantes, procurei descrever as maneiras como eles se apresentavam e dialogavam, pensando nos processos de constituição de si naqueles espaços. Já na constituição de laços e redes de interação que nos ligavam e religavam, muito mais do que considerar o que já advertia James Clifford, ao sugerir que os encontros etnográficos são “atravessados por subjetividades e nuances contextuais” (CLIFFORD, 2002, p. 44), precisei considerar que eu também era constituinte decisivo naquelas relações, ao ponto de mais do que apenas problematizar a minha participação nelas, precisei muitas vezes transformar-me em meu próprio interlocutor – ou ainda, etnograficamente pontuando, encontrei-me de várias vezes comigo mesmo enquanto “nativo”, participante daqueles espaços. Tão logo, mais do que admitir as intersubjetividades construídas naquelas vivências, como constituintes do processo de investigação, dotadas assim de qualidades especiais – interação, diferenciação e reciprocidade entre o sujeito pesquisador e o sujeito-participante da pesquisa (Guber, 1999) – em diversos momentos precisei considerar que essa reflexividade em campo se dava comigo mesmo: eu emergia nas relações ora mais intensamente como sujeito-participante da investigação – olhando de dentro, protagonizando interações – ora mais intensamente como investigador naquele espaço.

---

<sup>12</sup> Neste sentido, compreendo que estas interações, em muitos momentos podem assumir formas e qualidades variadas, contextuais, ou híbridas de socialização, tais quais, sociabilidade, conflito, secretismo, ludismo (Simmel, 1983a, 1983b, 1999, 2006) e/ou socialidade e proximidade (Maffesoli, 2001, 2006), como aparecem problematizadas ao longo do trabalho.

Feito um equilibrista na corda-bamba que, suscetível a qualquer deslize, pode cair para um lado ou outro, eu sentia-me propenso à queda – não que eu estivesse em um ponto assimétrico em relação aos meus sujeitos-participantes, mas a cair da corda da antropologia para o “chão nativo” – ao ponto de, principalmente no processo de escrita do trabalho, ter a sensação de ter voltado de campo “mais nativo” do que antropólogo. Por outro lado, foi nesse mesmo processo, que fui percebendo que, contrariamente, o fato de estar consciente de que, se há algum “ponto” que devesse ser alcançado em campo para que eu me tornasse antropólogo, o fato de tê-lo, ou não alcançado, não me faz menos antropólogo do que o fato de saber não tê-lo alcançado: o importante, em minha formação, foi poder, a partir dessa experiência, talvez não tão antropológica no “estar lá” (Geertz, 2002), descobrir os processos de constituir-se como antropólogo, ao menos, no “estar aqui”, que é parte do “estar lá”. Assim, procurei descrever e problematizar as relações às quais eu também me constituí enquanto “nativo” e enquanto antropólogo pesquisador daqueles espaços, já que, mesmo procurando um distanciamento metodológico, as minhas experiências de antropólogo e “nativo” se entrelaçavam e se constituíam mutuamente.

De maneira mais ampla, procurei acompanhar a trajetória de meus sujeitos-participantes da pesquisa, com o intuito de descrever o que nós pensávamos estar fazendo naquele ambiente no orkut (Geertz, 2003), em um texto que incorpora as minhas vozes do *estar lá* – de pesquisador e de “nativo” – em diálogo com as demais vozes do ambiente. Nesse sentido, o outro “já não é o outro, mas a descrição cultural em si” (CLIFFORD, 1987, *apud* Geertz, 2002, p. 175) condensado em meu; resultando em um tipo de escrita construída a partir de uma “subjetividade dialógica” (VERSIANI, 2002, p. 05) que, enfatizando a presença do outro na escrita do eu, acaba por incluir esses outros – vozes, *selves* – em meu discurso (em meu texto), através das memórias e das condições sócio-históricas daqueles processos de construção de subjetividade (Guattari & Rolnik, 2005; González Rey, 2003).

Durante o trabalho de campo, utilizei como ferramenta de coleta de dados, além do meu diário de campo – onde fazia anotações contextuais – o recurso “*Print Screen*”, que “congela” a interface do computador em forma de figura. Dessa forma, pude selecionar alguns dos diálogos que considerei emblemáticos às reflexões que fui levantando em minha descrição, os quais puderam ser estudados – como se sugere em análises performáticas – no contexto das experiências, explorando a dinâmica da expressão poética, sem fixá-las em eventos, mas sim, emergentes, no fluxo da vida cotidiana (Langdon, 1996). Dessa forma, compreendi a mim e aos sujeitos-participantes, como sujeitos interpretativos e subjetivos,

focando-me nas maneiras como nós e os demais grupos que se formaram naqueles espaços, fomos nos definindo e redefinindo, nas interações.

Participaram da pesquisa Marcos, Carol, Lilian, P.Valdo e José Carlos, todos residentes, ou ex-residentes da cidade de Lontras. Especialmente no caso de Marcos e Carol, eles já eram antigas amigas que eu construí, em tempos de escola, naquela cidade. Além deles, outros antigos colegas e amigos da cidade participaram mais indiretamente, como foi Vanessa e a sua amiga Deni (que não era de Lontras, mas que acabou se ligando à cidade em função da amizade com Vanessa). As conversas que tive com esses sujeitos-participantes em *off-line*<sup>13</sup> e que privilegiei como emblemáticas às reflexões levantadas na etnografia, aparecem em destaque no texto, em fonte “Bell MT”, “tamanho 10”, com espaçamento simples, centralizados no corpo do texto. Outros diálogos, reproduzidos indiretamente ao longo do texto, estão destacados em itálico e entre aspas. Suas falas, nomes ou fotos, não foram alterados (nem mesmo ortograficamente – pensando em uma originalidade de algumas formas de escrita no ciberespaço e não em uma tentativa de se posicionar assimetricamente em relação aos sujeitos-participantes da pesquisa), conforme autorizado por eles.

Por fim, procurando tornar a leitura do texto mais fluente, faço uso de algumas diferenciações (grifos) em alguns termos. É o caso da utilização de categorias nativas, como *meu orkut*, *minha comunidade* (neste caso, ao me referir à *comunidade* que eu havia “criado” – “comunidade LONTRAS”, a fim de não tornar confuso a leitura em relação à outra *comunidade* intitulada Lontras), ou *dono do pedaço*, problematizados ao longo do texto e de algumas nomenclaturas utilizadas pela plataforma do orkut<sup>14</sup>, como as já mencionadas, *minhas comunidades*, ou simplesmente *comunidade*, *meus amigos*, *meus recados*, *membros*, *perfil*, entre outras, em itálico. No caso de *comunidade*, quando utilizado como categoria *stricto sensu* (indiferentemente à leitura teórica), utilizo-o sem qualquer forma de grifo e, quando esta especificar algum espaço investigado, é utilizada apenas entre parêntesis, seguida do nome do espaço, por exemplo, “comunidade Lontras”<sup>15</sup>.

Organizei a dissertação em duas partes. Na primeira, intitulada “Construindo *um Orkut*”, procuro fazer uma descrição mais ampla do orkut e da construção de *um orkut*

---

<sup>13</sup> Neste caso refiro-me às conversas que não aconteceram no ciberespaço.

<sup>14</sup> Neste sentido, a plataforma do orkut é um serviço (servidor/software) filiado ao Google (um servidor/software maior). À medida que as pessoas constroem redes, ambientes e interações nesta plataforma, ela é de alguma maneira, humanizada, ganhando formas, qualidades e sentidos. Cf. a distinção entre plataformas e ambientes sugerida por Guimarães Jr., 2000, 2004.

<sup>15</sup> Cabe lembrar que, em muitos casos, alguns termos que uso em minhas análises, tais como *perfil* e *comunidade*, podem se referir tanto à nomenclatura da plataforma, como à adoções nativas. Entretanto, para esta coincidência, não tracei distinções gráficas, tendo em vista que suas utilizações não alteram a construção da reflexão, tampouco prejudicam a leitura do texto.

(espécie de página pessoal naquele espaço). No primeiro capítulo, faço uma breve análise do orkut como um todo, no contexto das redes sociotécnicas, a partir da maneira como ele se auto-define em sua “página inicial”. Em seguida, divido-o analiticamente em dois blocos, o primeiro, descrito no segundo capítulo, diz respeito às “páginas pessoais” – *meu orkut* – construídas por cada participante<sup>16</sup>; o segundo bloco, descrito no terceiro capítulo, diz respeito ao processo de construção das *comunidades*. Ambos os blocos, com suas múltiplas potencialidades interativas, intrincados, constituem o orkut.

Na segunda parte, também dividida em três capítulos, procuro descrever e analisar a construção de um ambiente (Guimarães Jr., 2000, 2004) com a intrincação das *comunidades* “Lontras”, “LONTRAS”, “Estudei Regente Feijó” e “E.E.B. Regente Feijó”, o *meu orkut* e os *orkuts* dos sujeitos-participantes, o *MSN*, e a cidade de Lontras. Feito uma aventura (Simmel, 1999), procurei organizar esta parte de modo que no primeiro capítulo descrevo o movimento de ligar e enredar, esses espaços – tratados metaforicamente por “fios soltos” – que marcadamente deram início a construção, evidência e vivência de Lontras no orkut, ou do *ambiente Lontras*, como me refiro àquele espaço, ao longo do texto – por compreender, como sugiro acima, que ele não é apenas constituído no orkut. No segundo capítulo, procuro descrever algumas formas de interação, protagonizadas, especialmente, por um dos participantes, como processo constante da socialização do seu “eu” e da reorganização do “nós” naquele ambiente; o que acabou se transformando, em um “ponto chave” para a manutenção das ligações e religações naquele espaço. Por fim, no último capítulo, descrevo a construção da “Rádio JOVEM Lontras”, um tópico criado na *minha comunidade* que fez com que aquele espaço, em certo período, chegasse ao “ápice” de sua “vitalidade” e, ao mesmo tempo, marcasse, com uma importante revelação, um quase cessar das interações naquele espaço; movimento ao qual me referi como o “fim da aventura de Lontras no orkut”.

---

<sup>16</sup> A plataforma utiliza o termo *usuário*, para se referir àqueles que chamo de participantes, compreendendo que usuário, diz respeito a um ponto-de-vista da plataforma (como servidora), enquanto que participante sugere a participação de cada um na construção da rede sócio-técnica, constituída no/pelo orkut.

# .PRIMEIRA PARTE.

## CONSTRUINDO *UM* ORKUT

*le lieu fait lien.*

Michel Maffesoli – “Le Rythme de la Vie”.

“O local faz o laço”. Esta sugestão de Michel Maffesoli (2004) inspira não apenas esta primeira parte desta etnografia, mas de modo mais amplo, é o argumento central da reflexão que faço sobre uma rede como o orkut, com amplitudes globais e a cidade de Lontras, como um espaço bastante local, em parte, constituído e constituidor do orkut.

Neste sentido, nesta primeira parte, de maneira mais ampla, procuro fazer uma descrição e análise do orkut no contexto das redes sociotécnicas, sugerindo que elas provocam variações entre o local e o global, onde se tem múltiplas possibilidades de interação e constituição de laços que ligam e religam pessoas e lugares.

Como esta parte possui características mais ensaísticas, sugiro que ela seja lida como introdutória à segunda parte da etnografia, caracterizada por um texto mais etnográfico, de modo que ambas as partes se interconstituam.

# .1.

## ORKUT.COM

### PRIMEIROS CONTATOS

*Quem você conhece?  
Participe do orkut para ampliar o diâmetro do seu círculo social.*

“Página Inicial do Orkut” – [www.orkut.com](http://www.orkut.com)

Era meados de agosto de 2004 e o orkut já estava “no ar” há oito meses. De início eu não havia lhe atribuído muita importância, mas à medida que os meses foram passando, fui criando certa curiosidade, alimentada, especialmente, por duas situações: a primeira delas, pelo fato de que eu já vinha fazendo leituras de estudos sobre o ciberespaço em função de meu Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia<sup>17</sup>, onde percebi que um número bastante significativo de manchetes, em revistas de grande circulação nacional, vinham tratando do que elas chamavam, na época, de “o fenômeno orkut”<sup>18</sup>; da mesma forma, encontrei *sites* de vendas e leilão, onde se oferecia convites para o orkut, por preços que chegavam a R\$ 100,00.

A segunda situação, ligada à primeira, era potencializada pelo fato de que cada vez que eu tentava participar do orkut, minha entrada não era permitida por eu não possuir o dito convite. Restava-me refletir sobre a pergunta, destacada na página inicial do *site*: “Who you know?”<sup>19</sup>. A pergunta me incomodava deveras, mas não exatamente em relação às pessoas que eu conhecia – próximos, ou distantes, eu conhecia um número significativo de pessoas. Antes sim, o que me incomodava, era pôr-me em questão sobre *por quem eu era conhecido*. Afinal, se passara cerca de oito meses e, até então, eu não havia ganhado um convite para entrar no dito, “fenômeno orkut”.

---

<sup>17</sup> Em meu TCC, eu refletia sobre a utilização da internet em sala de aula, como instrumento de mediação de conhecimento e, ao mesmo tempo, espaço de antidisciplina, desarticuladora de poderes exercidos pelos professores (Segata, 2004).

<sup>18</sup> “Orkut: como entender este fenômeno”. Revista Superinteressante, setembro de 2004; “Você também está no Orkut”. Revista Época, n. 326, 16/08/2004; “A vida na era do Orkut”. Revista Galileu, n. 158, 09/2004.

<sup>19</sup> “Quem você conhece”; até meados de 2005, o orkut era disponibilizado apenas em Língua Inglesa, quando então passou a ser disponibilizado em mais de uma dezena de idiomas, inclusive em Língua Portuguesa.

De outro modo, eu me perguntava, na ocasião, como seria possível receber um convite para fazer parte de “uma rede de amigos confiáveis”, incubada nos laboratórios do Google, na Costa Oeste dos Estados Unidos, se eu morava no interior do Estado de Santa Catarina, aparentemente, tão distante daqueles que poderiam me conhecer e confiar a mim um convite para participar dessa “rede de amigos confiáveis”. Foi então, nesse mês de agosto de 2004, que recebi via *e-mail*, de Franciane Deola, uma ex-colega de graduação, o esperado convite, para “fazer parte orkut”.

A curiosidade nativa da época foi aos poucos se transformando em problema acadêmico e, o que apresento, descrevo e analiso a partir de agora, entre experiências nativas e trabalho de campo, é um espaço – no caso, compreendido como um lugar praticado (De Certeau, 2003) – que me fez repensar as múltiplas possibilidades de construções de redes e nós, que possibilitam múltiplas formas e qualidades de interação, no ciberespaço. Mais ainda, eu diria que, o orkut é um espaço que me fez relativizar as dimensões de globalidade e localidade, das redes sociotécnicas no ciberespaço.

### 1.1. LOCAL-GLOBAL, GLOBAL-LOCAL: O ORKUT E AS REDES

Passados quase três anos dos meus primeiros contatos com o orkut, muitas mudanças aconteceram em sua plataforma: a interface passou por diversas modificações, que variam desde a disponibilização do serviço em Língua Portuguesa, à adição de novos ícones que funcionam como atalhos, deixando-a mais “amigável”; do mesmo modo, houve a criação de mais ferramentas possibilitadoras de interação, buscas de pessoas e *comunidades*, além é claro, do emergente número de participantes. Mesmo assim, algumas boas pistas para começar a descrever o que seria o orkut ainda podem ser encontradas logo em sua página inicial.

Quando o orkut é acessado, ao lado do espaço para fazer o *login*<sup>20</sup>, há uma breve descrição daquele espaço.

---

<sup>20</sup> O *login* (o acesso) no orkut se dá de maneira muito semelhante ao correio eletrônico (*e-mail*): há um campo para digitação de um endereço de *e-mail* e outro para uma senha pessoal, cadastrados no primeiro acesso, depois de receber o convite. Atualmente, não há mais necessidade de convite para a participação no orkut; basta se cadastrar em um espaço chamado “entre já”, que aparece na página inicial do *site*.



Fig. 1: Página Inicial do Orkut. [www.orkut.com](http://www.orkut.com)

Nessa página inicial, pode-se ler que o orkut é uma “comunidade on-line”, que proporciona encontros em um “ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses”. Enfim, a descrição sugere que, participando do orkut, eu posso estabelecer meu círculo de amigos e me conectar a este círculo. A jornalista Marina Oliveira, em um livro intitulado *Orkut – uma espécie de manual de boas maneiras* – ao descrever este espaço, sugere que ele possui uma “cara de ‘clube’” (OLIVEIRA, 2004, p. 54), onde, segundo ela, se pode fazer de tudo, “seguindo algumas regras de etiqueta, para não cair em saias-justas” (id.). Mesmo caminhando para uma análise bastante distante da autora, eu gostaria de aproveitar a analogia que ela faz com a ideia de “clube”.

Quando o orkut “entrou no ar”, o diferencial dele em relação a maior parte dos espaços de interação no ciberespaço, se dava pela necessidade de uma prévia aceitação de alguém que já fosse membro – no caso, enviando um convite para entrar. Na maior parte das listas, fóruns, canais de IRC<sup>21</sup> e “comunidades virtuais”, quando não abertos, se fazia um pedido para um *owner*<sup>22</sup>, para a participação e, depois de aceito, se negociava a pertença no espaço. Agora, se estava diante de uma “porta de entrada” em cuja descrição<sup>23</sup> se podia ler: “adoraríamos incluir imediatamente todos os interessados em participar”, mas “queremos manter o orkut uma comunidade fechada para amigos”, onde “você decide com quem quer interagir”.

<sup>21</sup> *Internet Relay Chat* – serviço que funciona de maneira semelhante aos *chats*, possibilitando a interação em tempo real, porém, em sistemas específicos, que não a plataforma *www*.

<sup>22</sup> Em geral, criador, ou participante mais antigo, que gerencia o espaço.

<sup>23</sup> Neste caso, na parte inferior da interface há um botão “Sobre o orkut”, com mais informações sobre o *site*. Cf. [www.orkut.com/about.aspx?986965](http://www.orkut.com/about.aspx?986965) – acesso em 12/01/2006.

Lembrei, na época, de um clube da cidade de Lontras, dos meus tempos de escola, do qual alguns colegas faziam parte por serem filhos de associados. Era um clube com piscina, campo de futebol e alguns espaços para jogos de mesa. Tudo vinculado a um “clube de tiro”, onde, anualmente, se comemorava, com comes e bebes e um grande baile – apenas para convidados – o dia do “Rei do Tiro”. Este, era eleito dias antes, em um concurso de tiro ao alvo. Enfim, vagamente, eu sabia o que havia no clube e, até poderia inferir o que se fazia nele.

Na escola, eu jogava bola, jogava tênis de mesa, futebol de botão e, algumas vezes tomava banhos de piscina na casa de parentes. Esses meus colegas que iam ao clube, também faziam isso e, a maior parte deles, ainda tinha piscina em casa. A diferença é que eles também podiam fazer tudo isso, juntos, no tal clube e eu não. Geralmente, às segundas-feiras, eles tinham um sem-fim de aventuras, brincadeiras e novidades para contar-me sobre o que acontecera no fim de semana no clube e, no resto da semana, entre si, mal se falavam. A curiosidade crescia continuamente: afinal, devia ter algo especial naquele clube e eu queria participar, mas minha família não tinha condições de pagar as mensalidades e, a menos que eu recebesse convite de alguém para entrar no clube como agremiado, eu permaneceria fora – e foi o que aconteceu. Só mais tarde, eu viria perceber que o que se fazia dentro do clube não era tão diferente do que se podia fazer fora dele, e vice-versa – o diferenciador estava no acesso ou não ao clube: quem podia e quem não podia entrar. Neste caso, a “cara de clube” (Oliveira, 2004) que poderia ser uma característica do orkut, para mim, estaria muito mais ligada ao caráter seletivo do seu acesso, do que ao conteúdo por ele oferecido.

De qualquer forma, nesse “clube orkut” eu havia entrado e, passado quase um ano, já residindo em Florianópolis, comecei a perceber que um elemento presente na sua auto-definição, vinha diretamente ao encontro de um anseio pessoal: a possibilidade, de “reencontrar os antigos amigos da faculdade”. Na verdade, não exatamente esta especificidade de reencontro, mas a idéia mais ampla de “reencontrar-se”; e foi sobre esta possibilidade de um tipo especial de ligação, o “reencontro”, a “relicação”, que se encontra grande parte do esforço em escrever esta dissertação: tanto como experiência pessoal – como alguém que procurou antigas amigas no orkut e que criou um espaço para se religar a cidade de Lontras (a “comunidade LONTRAS”) – quanto, e acima de tudo, como experiência de pesquisa – de problematizar esse tipo de ligação e perceber que não se tratava de uma experiência unicamente pessoal, mas sim um tipo de ligação especial que caracteriza boa parte do que se faz no orkut. Neste caso, a experiência nativa, de alguém que está na internet há alguns anos, me fez perceber que outrora havia certa busca por “novas amigas”, “novos contatos” – uma

busca por pessoas de lugares diferentes, distantes, possibilitado pela desterritorialização que o ciberespaço oferece e, não que o orkut não oferecesse esse tipo de buscas e de ligações, mas agora, eu estava participando de um espaço, onde o voltar, o “reterritorializar”, o reencontrar e religar àqueles que antes – espaços e pessoas – estavam próximos e que agora se faziam distantes, era emergente. De fato, no orkut, eu entrava em uma rede bastante ampla e, ao mesmo tempo, constituída por uma multiplicidade de nós, alguns deles, bastante locais, como a cidade de Lontras.

As redes são como um conjunto de nós interconectados; pontos que ligam pontos, se entrecruzam, formam fluxos e nós. Elas são uma prática bastante comum em diversos tempos e sociedades, especialmente nos domínios das economias, dos mercados, da comunicação, tendo sua emergência, a partir do crescimento das cidades, substituindo lugares e flexibilizando as relações nestes contextos “mais complexos”. Com a emergência da internet, a idéia de rede passa a ser discutida tanto como “a grande rede” que tudo liga e, ao mesmo tempo, como o fim da comunidade – compreendida como *loci* de compartilhamento de valores, em detrimento às redes – “frágeis”, impessoais, “inter-impessoais” e individualizantes (Castells, 2003). No entanto, nesta etnografia, a noção de rede que para mim mais se aproxima do orkut, remete às interações de geometrias variáveis que são processualmente construídas em função dos interesses dos sujeitos que formam essas redes, pensadas, muito mais, em termos de localidade, do que de globalidade.

Como procuro mostrar na figura abaixo, mesmo se tratando de um espaço, inicialmente disponibilizado em Língua Inglesa, o orkut, aparentemente teve boa receptividade no país chegando, no início, a ter mais de 75% dos participantes se afirmando brasileiros. Neste caso, mesmo sendo uma rede bastante ampla, ela começou a formar um nó, mais ou menos local, no Brasil.

país			
	Brasil		55,48%
	Estados Unidos <a href="#">detalhes</a>		18,92%
	Índia		15,22%
	Paquistão		1,32%
	Reino Unido		0,57%
	Japão		0,40%
	Portugal		0,39%
	México		0,35%
	Canadá		0,34%
	Itália		0,32%

Fig. 2: Dados Demográficos. [www.orkut.com/MembersAll.aspx](http://www.orkut.com/MembersAll.aspx).

Como se pode notar, mesmo atualmente, a maioria dos participantes do orkut ainda está no Brasil (55,48%), sendo que os Estados Unidos, onde foi criado o orkut, está em segundo lugar, com pouco mais de 18%.<sup>24</sup> Neste caso, aqui, receber o convite de alguém próximo, para participar de uma rede iniciada tão longe, como parece acontecer na maior parte dos casos no orkut, não pode ser pensado em termos de distâncias geográficas, antes sim, em termos de localidade e globalidade das redes – localidade e globalidade, em termos de conexão e não em termos de superfície.

Segundo Latour (2005), local e global, são conceitos bem adaptados às superfícies e a geometria, mas inadequados para se pensar as redes, especialmente as redes sociotécnicas na internet, que transcendem a geografia e a geometria. Latour (2005) ao se referir ao modelo da ferrovia, dá boas pistas para pensarmos na localidade das redes:

[...] no caso das redes técnicas, não temos a menor dificuldade em reconciliar seu aspecto local e sua dimensão global. São compostas de locais particulares, alinhados através de uma série de conexões que atravessam outros lugares e que

<sup>24</sup> É preciso levar em conta que estes dados podem ser pouco preciso, já que, mesmo sendo brasileiro, mesmo morando no Brasil, na opção “país”, do preenchimento do *perfil social*, eu tenho a opção de preencher com qualquer país. De fato, este parece ser um aspecto a ser melhor discutido, tendo em vista que é um número bastante significativo de aceitação do orkut entre brasileiros. Talvez um caminho para se refletir sobre esta questão esteja num aparente gosto brasileiro por mostrar-se, pelo não-anonimato. Estas pistas vão ao encontro de discussões bastante contemporâneas, especialmente aquelas protagonizadas por aqueles que vislumbram no Brasil um verdadeiro laboratório de pós-modernidade, caracterizada pelo presenteísmo, pelo sincretismo e pelo hedonismo. Isto aparece em um recente seminário realizado em março deste ano no CEAQ-Sorbonne, intitulado “De la Bresilianisation du Monde”. Neste sentido, conferir também o recente trabalho de Giuliano da Empoli (2005).

precisam de novas conexões para continuarem se estendendo (LATOUR, 2005, p. 115).

Neste sentido, essas redes não são superfícies, mais sim linhas conectadas, que mesmo amplas (globais), continuam sendo locais em todos os seus pontos. Essa relativização do global e do local, parece se tornar mais claro se tomarmos cada participante como um desses pontos que ajuda a tornar a rede local. Neste sentido, para que a rede tenha continuidade, é preciso que um ponto se ligue a outro ponto, fazendo a rede formar novas conexões que atravessam outros lugares. Nesse caso, cada participante se ligaria a outros tantos participantes, mais ou menos próximos, ampliando cada vez mais a rede, sem perder a localidade dela. Parece-me então estarmos falando em proxemia e, esta pode ser uma boa pista para a constituição de redes no orkut.

Proxemia é uma noção cunhada na Escola de Palo Alto, na Califórnia, que na década de 60 reunia um grupo interdisciplinar de estudiosos, especialmente da psicologia e da sociologia – como Gregory Bateson, Erving Goffman e Edward Hall (1963, 1989) – preocupados em estudar o que chamavam de “nova comunicação”, que considerava os diversos sistemas interpessoais, especialmente as distâncias construídas entre as pessoas, como parte daquilo que se compreendia por cultura; neste sentido, por exemplo, as pessoas não falariam apenas línguas diferentes, mas elas habitariam mundos sensoriais diferentes – espaços, mais ou menos amplos, dependendo do contexto. Entretanto, percebo como particularmente mais interessante para descrever esses processos de constituição de redes a partir da união de pontos de proximidade, mais ou menos locais no ciberespaço, a noção de proxemia utilizada por Maffesoli (2006) para quem a proxemia “remete, essencialmente, ao surgimento de uma sucessão de “nós” que constituem a própria substância de toda a socialidade” (MAFFESOLI, 2006, p. 193-194). No orkut, esses nós seriam construídos no intrincado “jogo” do alguém, que conhece alguém, que conhece alguém, que conhece alguém (...), onde cada um seria um elo dessas “correntes” formadoras de espaços, que ligam direta, ou indiretamente todos os participantes do orkut, formando uma ampla rede, mas que em alguns pontos, como em algumas das chamadas *comunidades* aglutinam uma série de pontos locais (participantes que possuem algum tipo de ligação mais próxima), formando redes mais locais, especialmente complexificadas pela dimensão *off-line*. Ao longo deste trabalho, tenho chamado esses pontos locais de nós, especialmente quando me refiro às “comunidades” “Lontras”, “LONTRAS” (*minha comunidade*), “Estudei Regente Feijó” e “E.E.B. Regente Feijó”. Neste caso, essas *comunidades* seriam nós locais na ampla rede do orkut que

intrincadas entre si e intrincadas à cidade de Lontras e outros espaços do ciberespaço, como o *MSN*, formariam um ambiente – o “ambiente Lontras”.

Em relação à noção de ambiente, me refiro a sugestão de Guimarães Jr. (2000, 2004), para quem haveria uma distinção entre “plataformas” e “ambientes” de interação (compreendidas as diversas formas e qualidades de interação). Segundo ele, “as plataformas são as diferentes tecnologias (tais como *softwares* e conexões de internet) que permitem a comunicação entre dois ou mais usuários e ambientes de sociabilidade, por sua vez, são os espaços sociais estabelecidos através de uma ou mais plataformas” (GUIMARÃES JR., 2004, p. 125 – *nota de rodapé*). Esse tipo de distinção entre plataforma e ambiente é útil, segundo o autor, para que se possa demarcar os contornos simbólicos dos grupos sociais *on-line* que se utilizam, muitas vezes, de mais de uma plataforma a fim de construir um ambiente. Tal distinção me pareceu pertinente para que ao menos analiticamente eu pudesse circunscrever aqueles nós locais que serviram de campo para esta pesquisa, já que as redes e relações que foram objeto deste trabalho não se limitavam àquilo que no orkut era denominado *comunidade*.

No caso do orkut não existe apenas estes espaços que a plataforma nomeia como *comunidade*, mas a própria auto-definição presente na página inicial, categoriza o orkut como uma “comunidade *on-line*”. “Comunidade *on-line*”, ou “comunidade virtual”, como sugere Rifiotis (2003), é uma noção “onipresente na literatura especializada, ainda que por vezes nuanceada, é utilizada correntemente para ao mesmo tempo descrever e qualificar um conjunto amplo e diversificado de interações sociais que tem lugar no ciberespaço” (RIFIOTIS, 2003, p. 08), sendo que esta ampla utilização, por vezes, especialmente nos discursos apologéticos, é desmedida e não problematizada, pois seria no fascínio exercido pelo ciberespaço que se buscaria uma aproximação – *collage* – entre estas chamadas “novas formas de socialidade” e as nostálgicas noções de comunidade, muitas vezes partindo de uma apropriação *lato senso* do termo, como utilizado nos discursos “nativos”, ou mesmo, nas nomeações como na plataforma do orkut.

Algumas dessas colagens entre a noção de comunidade *stricto senso*, e as formas de união e interação que acontecem no ciberespaço podem ser encontradas nos trabalhos de Watson (1997), que sugere que as “comunidades virtuais” são, tão somente, uma metáfora das comunidades do “mundo *off-line*”, já que os tipos de interação que são construídas em ambas as dimensões – *on-line* e *off-line* – são asseguradas por um vetor fundamental: o sentimento de comunidade – “*fells like community*” – sendo que, o que ela chama de aspectos objetivos, como as fronteiras, o espaço físico, não são a base dessa metáfora. Assim, “comunidade

virtual”, para Watson (1997), seria um termo usado nos estudos sobre o ciberespaço para distinguir grupos de pessoas de acordo com as idéias que os membros de um grupo, juntos, vão definindo para distinguir-se de outros grupos. Já Jones (1998), sugere que estas “comunidades virtuais”, servem apenas como pontos de conexão entre pessoas e redes de pessoas no ciberespaço, sendo que aí estaria a oportunidade para que se construam novos contatos, “novas amizades”, com a amplitude destas “comunidades virtuais”, que não estariam restritas a espaços geográficos delimitados. Também em Castells (2003), podemos encontrar a noção de “sentimento de comunidade”, já sugerido por Watson (1997). Neste caso, mais precisamente, essas comunidades *on-line* seriam construídas por “laços subjetivos” que, compartilhados criam redes sociais bastante complexas que muitas vezes podem até assumir características de uma “vida em comunidade”, mas que de uma maneira geral são “efêmeras e raramente articulam a interação *on-line* com a interação física” (CASTELLS, 2003, p. 109). Assim, mesmo investidas de sentimento e partilha de afinidades, uma vez menos próximos do que na “realidade física”, os laços que são criados nas redes de interação na internet, são “mais fracos” do que os laços que compõem uma comunidade, devendo, ao invés de serem tratadas por comunidades, serem abordadas como “redes de sociabilidade” – ou, tão somente, aquilo que conecta. Por fim, como caso limite, no contexto dos debates mais apologéticos, eu me reporto a André Lemos (2002a) que, fazendo uma aproximação de uma idéia que perpassa grande parte da obra de Michel Maffesoli – a emergência de neotribos – argumenta que o movimento que vem acontecendo na internet, sugere que estejamos diante de uma emergência de “tribos eletrônicas”, que podem fazer com que se viva, com as possibilidades de desterritorialização do ciberespaço, uma espécie de experiência de “comunidade-mundo”.

De todo modo, o termo comunidade, mesmo bastante presente ao longo desta dissertação, não é o foco de minha discussão, tão logo, como sugere Rifiotis (2003) ao se referir ao conceito de “comunidade virtual”, na antropologia “o que nos interessa em termos de economia analítica é mais a experiência concreta dos sujeitos que são atores neste campo do que a etiqueta pressuposta que lhes circunscreveria o seu conteúdo” (RIFIOTIS, 2003, p. 12). Quando muito, numa tentativa de aproximação conceitual, comunidade, neste trabalho, à luz do que escreve Bauman (2003), se refere muito mais a uma *sensação* do que a uma *significação*: lugares “confortáveis” e “aconchegantes” constituidores de laços que ligavam os participantes, em nós de diversas qualidades, nas redes do orkut. Nesse caso, mais especificamente, aqueles que os ligavam à cidade de Lontras.

Assim, mesmo considerando o fato de o orkut se auto-definir como uma “comunidade *on-line*”, meu objetivo, como apontei anteriormente, é tão somente o de descrever a pequena história, construída cotidianamente, de pessoas no ciberespaço e do ciberespaço na vida das pessoas<sup>25</sup>. Mesmo assim, volto a reforçar os apontamentos que a antropologia têm feito (Rifiotis, 2003; Guimarães Jr., 2004), a respeito de noções como as de “comunidade virtual”, de que estas devam ser problematizadas e postas em discussões mais aprofundadas, especialmente a noção de comunidade, amplamente discutida na tradição antropológica, tanto na etnologia como no estudo das sociedades complexas – onde podemos inserir também este projeto de construção de uma Antropologia do Ciberespaço – já que em ambos os campos, tratam-se de investigações de grupos que mantêm sua unidade através de laços partilhados em espacialidades construídas em redes de interação e em espaços simbólicos, neste caso, construído na dinâmica enredadora do alguém que conhece alguém.

A seguir, eu procuro descrever e analisar a “personalização do orkut”, dividindo-o, analiticamente, em duas metades, intrincadas entre si – o *meu orkut* e as *comunidades*. A começar, no próximo capítulo, dedico-me a descrição e análise da construção de *um orkut*, ou seja, um espaço para si (e ao mesmo tempo, para todos) dentro do orkut, que possibilita a interação e a construção de redes.

---

<sup>25</sup> Ver Preâmbulo.

## .2.

### “MEU ORKUT”

#### DO “ESTAR” *ON-LINE*, AO “SER” *ON-LINE*

... o mais profundo é a pele.

Paul Valéry.

“Você já entrou no meu orkut? Entra lá, que eu te adiciono”. Após ser convidado para participar do “clube” orkut, o participante precisa construir uma espécie de “página pessoal” nesse espaço – um espaço conhecido entre os nativos por *meu orkut* – usado para poder se enredar entre uma e outra rede do orkut, se construindo também, como um espaço de interação – deixando de se tratar apenas de um espaço amplo, para ser “personalizado” por cada participante.

Esse processo de “personalização” do *meu orkut* é constituído por um conjunto de etapas onde é preciso preencher uma série de questões – algumas com opções de respostas (múltipla escolha), outras descritivas – a fim de constituir um *perfil*, dividido em *social*, *profissional* e *pessoal*, com informações que variam desde o local de nascimento e onde vive atualmente, até orientação sexual, preferências culinárias, cinematográficas e literárias. Há, também, a possibilidade de uma construção mais “visual” dessa “página pessoal”, adicionando uma “foto de exibição” e construindo espaços como “meu álbum” e “meus vídeos”; enfim, uma série de atributos que o caracterizem naquele espaço.

A afirmação de que cada participante do orkut parece ser, potencialmente, um espaço de interação parece uma boa pista para iniciar a descrição da construção do chamado *meu orkut*: há, neste espaço, a possibilidade de *adicionar* outros participantes, ou ser *adicionado*, à intitulada *amigos* e de criar e participar das chamadas *comunidades*. Em *meu orkut* há espaços para comunicação e interação entre os participantes, seja pelo envio de mensagens, ou troca de recados. A figura abaixo, parte do *perfil social* do *orkut de Marcos* mostra alguns desses elementos que compõe o espaço *meu orkut*.

jeansegata@gmail.com | Configurações | Ajuda | Sair

pesquisar **orkut**

Marcos Alexandre Suchara  
.jean > Marcos Alexandre

social | profissional | pessoal

quem sou eu: Sou um homem honesto que procura proceder da forma mais clara e objetiva com todos. Gosto de fazer amigos e trocar idéias.

MAS ULTIMAMENTE ANDA FODA DE AGUENTAR O ROJÃO!

relacionamento: namorando  
 aniversário: Agosto 3  
 idade: 25  
 interesses no orkut: amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais  
 filhos: não  
 etnia: caucasiano (branco)  
 idiomas: Português, Inglês (EUA)  
 religião: Cristão/católico  
 visão política: depende  
 humor: extrovertido/extravagante, inteligente/sagaz, misterioso  
 orientação sexual: heterossexual  
 estilo: casual, clássico  
 fumo: não  
 bebo: socialmente  
 animais de estimação: gosto de animais de estimação  
 moro: com meus pais  
 cidade natal: Lontras

paixões: Espadas, Armaduras, Armas medievais, Histórias do gênero. Enfim, tudo o que se relaciona a esta época de valores e virtudes, de injustiças e ideais, de paixões e combates.

esportes: Futebol (a critério de diversão, pratico uma vez por semana). Os demais esportes como Surf, Snowboarding, Skysurf, Paraquedismo e outros do gênero, embora jamais tenha praticado algum, penso que são os melhores.

atividades: Internet, Informática, Mecânica, Marcenaria, Artes Plásticas. Pratico pouco todas elas, mas se tivesse tempo me dedicaria mais a Mecânica, e colocaria em Prática alguns projetos bem incomuns!

livros: O Código Da Vinci, Lendas e Tradições das Américas, o Fortim.  
 música: Toto, Dire Straits, U2, Van Halen, Australian Crawl, Genesis, Phil Collins, The Calling, Bryan Adams, resumindo todo rock dos anos 80.

amigos (189)  
 .jean (339) Junior (110) Fabrício (128) NEKA (165)  
 Lia (260) Deise (174) Marcos (269) R@D@7G@ (463)  
 ver amigos

nossos amigos em comum (67)  
 NEKA (165) JN (263) Charlene Cha (326) Lully :@ (624)  
 ver todos

comunidades (74)  
 LONTRAS (164) Eu AMO meu Chefel (634) Minhas comunidades me revelam (114.364)  
 CTM

Fig 3: Parte do Perfil Social de Marcos. <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=789233823639971657>

Bem, antes de iniciar a descrição da figura, é importante mencionar que esta é a “página” que eu vejo quando acesso *o orkut* de Marcos, que é diferente da maneira como é visualizada para ele: para cada participante o *seu orkut* não apresenta como “página inicial” os questionários que compõe os *perfis*, como em parte visualizado acima, mas sim, o número de recados que tenho, o número de mensagens que recebi, além dos números de acessos ao *meu orkut* no dia anterior, na última e semana e no último mês, além do nome dos cinco últimos *usuários* que o acessaram<sup>26</sup>.

Na lateral direita da figura, é possível ver a lista *meus amigos* de Marcos e logo abaixo, os *amigos* que possuímos em comum, como Lully, também sujeito-participante da pesquisa. No canto inferior, na mesma coluna pode-se observar as *comunidades* das quais Marcos é *membro*, como a “comunidade LONTRAS”, que aparece na figura. Essas listas têm as suas ordens alteradas cada vez que se entra *no orkut* de alguém. Neste caso, se eu “atualizar” *o orkut* de Marcos (com o comando “F5” do computador), outros *amigos* e *comunidades* adicionadas à sua lista *comunidades* serão exibidas.

Na parte central da figura é possível ver parte do *perfil social* que cada *usuário* deve responder para construir *seu orkut* e, um pouco mais acima, os botões que dão acesso aos *perfis profissional* e *pessoal* de cada *usuário*. As “carinhas amarelas”, os “cubinhos de

<sup>26</sup> Esta é uma ferramenta oferecida recentemente pela plataforma do orkut e se chama “visualizador de perfis”, que pode ser desativado pelo *usuário*.

gelo” e os “corações” indicam, respectivamente, *confiança*, “cool” – *legal* e *sexy*, que são atribuídos anonimamente pelos *amigos* que Marcos tem adicionados à sua lista. A estrelinha, mais abaixo, marca o número de “fãs” de Marcos, que qualquer participante pode acessar, como também os espaços ao lado, onde estão os recados que são deixados para Marcos pelos demais participantes do orkut, especialmente, aqueles adicionados à sua lista *amigos* (não é necessário estar na lista para deixar recado) e o espaço *fotos* onde se pode acessar uma espécie de álbum de fotografias, que é de responsabilidade de cada participante montar o seu, assim como os *perfis*.

Já na coluna da direita, temos no alto, a foto de apresentação de Marcos e abaixo uma série de botões que me permitem entrar em contato com ele, como deixar um recado, ou criar um depoimento, que será anexado ao seu *perfil social*, como “atestado” de sua “vida social”, ou ainda enviar uma mensagem, que só ele terá acesso da mesma forma que as cantadas e/ou a adição dele na lista de paqueras, ou favoritos.

Por fim, um botão que permite que se ignore o participante – uma vez ativado, ele não permite que o participante adicionado se comunique comigo de qualquer forma. Entretanto, o orkut não dá nenhuma forma de aviso de que você possa ter sido “ignorado” por alguém; quando você tenta enviar algum recado, ou mensagem à alguém que te adicionou a lista de *usuários ignorados*, o orkut simula algum tipo de erro, ou esconde, por exemplo, o botão “enviar”. Mais abaixo, um botão que pode ser usado para a denúncia de algum *perfil falso* – de alguém que copia o *meu orkut* de outro participante - ou algum participante que desrespeite algumas regras da plataforma, como a utilização de imagens ligadas à pedofilia, ou racismo, por exemplo. Por último, abaixo do nome do *usuário* aparece a lista de pessoas às quais precisei me ligar para chegar até Marcos. Neste caso, como eu mesmo mandei o convite para Marcos “entrar” no orkut, na lista aparece apenas nossos nomes: “.jean → Marcos Alexandre”.

É interessante que em uma barra no alto do *meu orkut*, há um botão “pesquisar”; nela é possível que o participante escreva o “nome de usuário” de alguém que ele conheça, a fim de encontrá-lo, ou reencontrá-lo, no orkut. O mesmo que ocorre quando no botão “pesquisar comunidades”, onde o usuário pode encontrar *comunidades* digitando no campo “pesquisar” palavras-chave sobre o que deseja encontrar. Entretanto, como assinaléi anteriormente, aí parece estar boa parte do potencial construtivo de redes no orkut: é zanzando de um ponto para outro, ou seja, de um participante para outro, ou de um nó (*comunidade*) para outro, à procura de algum lugar ou de alguém conhecido, que vai-se enredando, fazendo

ligações, religações e construindo-se como espaço de interação, como comenta Carol, ao falar sobre a “economia” de tempo no orkut:

Ai Jean, a gente se perde mesmo no orkut [...] são horas do nosso dia lá, entrando num perfil, em outro, lendo uma coisa aqui, espiando outra coisa ali, por fim, a gente não fez nada e fez um monte de coisa boa, vai descobrindo tanto coisa e, achando tanta gente que a gente num via mais.

Dessa forma, parece, de fato, ser nesse zanzar que se permite reconhecer alguém, que conhece alguém, que conhece alguém, onde se pode tecer uma malha de ligações e religações. É através dessa proximidade que constrói uma série de nós nas redes, pontuando espacialidades a partir da construção de uma espécie de sentimento de *pertença*; mais ou menos delimitadas a partir de éticas específicas dentro de um quadro de uma rede que, como resume Maffesoli (id.), formam uma “multidão de aldeias” que “se entrecruzam, se opõem, se entrelaçam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas” (MAFFESOLI, 2006, p. 194). Mesmo assim, eu me pergunto da mesma forma que Bauman (2004), ao escrever sobre a fragilidade dos laços humanos, qual a natureza deste tipo de ligação, já que eles parecem ser constituídos, de maneira conflitante, sob um desejo de apertar esses laços, e ao mesmo tempo mantê-los frouxos: “desesperados por ‘relacionar-se’ [...] e, no entanto, desconfiados da condição de ‘estar ligado’, em particular de estar ligado ‘permanentemente’” (BAUMAN, 2004, p. 08). Tenho a impressão que, ao formar algumas dessas ligações, estão atravessados outros sentimentos, que não o de estar realmente em relação, mas o de formar uma espécie de índice de auto-afirmação de que se é sociável: a própria idéia de *adicionar amigos* tem um ar quantitativo de redes de relações, e não de qualidade das relações – é muito comum, no orkut, comentários que visam ostentar o número de *amigos* adicionados à lista, bem como a quantidade de recados deixados no mural; como resume P. Valdo, “o barato é ser popular”.

Agora, eu convido a uma reflexão que, mais do que descrever *o meu orkut*, abriu-me pistas para pensar a constituição da pessoa em ambientes *on-line*, já que mais do que simplesmente uma obrigação a ser cumprida em favor da plataforma do orkut, o preenchimento dos questionários, do álbum de fotos, ou do espaço para os vídeos, não constituem tão somente os *perfis*, ou o *meu orkut*, no orkut: em suma, eles parecem não uma maneira de *estar* no orkut, mas de *ser*, naquele espaço. Tal discussão começou a ser construída, quando descobri no orkut os *fakes*, considerados pelos nativos, de *orkuts falsos*.

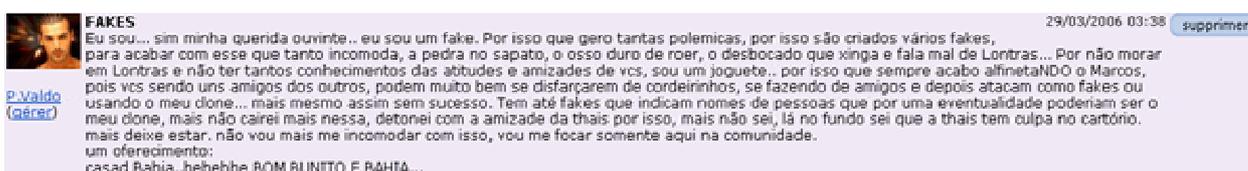
## 2.1. E, QUEM É QUE NÃO É *FAKE*?

P.Valdo, sujeito-participante desta pesquisa, era um *fake*. Entre os participantes do orkut, *fake*, como da própria tradução da palavra inglesa, é um *perfil falso*, um sujeito que não existe. Mas P.Valdo existia. E, especialmente para mim, existia tanto quanto qualquer outro participante do orkut.

Os *fakes*, em sua maioria – e são muitos – usam o nome, características e fotos de algum artista conhecido (há, pelo menos mais de cinquenta “Angelina Jolie”, “Thiago Lacerda”, ou “William Bonner” no orkut), também é muito comum – e este é o caso de P.Valdo – de pessoas que, como nas palavras dos sujeitos-participantes da pesquisa, criam uma espécie de “*personagem para brincar no orkut*”. Entretanto, mais do que simplesmente criar um personagem, parece que P.Valdo se constituiu como um sujeito no ambiente de uma cidade de Lontras no orkut e, não apenas como alguém da cidade de Lontras que estava, como nas palavras de alguns sujeitos-participantes, escondido por detrás de um *perfil* falso. Mas nesse caso, o que fazia dele um *fake*?

Logo que eu comecei a participar do orkut, ainda me construindo como nativo, lembro-me de usar a ferramenta “procurar usuário”, para encontrar uma atriz brasileira por quem eu tinha, na época, bastante admiração: Alinne Moraes. Digitei o nome, encontrei “uma Alinne Moraes” e, feliz por ter conseguido me ligar a ela, tratei de deixar um recado no *seu orkut*, falando de minha admiração. Passado um bom tempo, sem resposta dela, fiz o mesmo procedimento de procura e encontrei, pelo menos quatro dezenas de “Alinne Moraes”. Eu estava descobrindo os *fakes*. Foi aí que comecei a seguir a lógica da teoria nativa: o que faz um “Silvio Santos” como participante de uma *comunidade* que homenageia o time de futebol Atlético de Ibirama? Eu começava a descobrir que havia índices de “veracidade” de *um orkut*, expressos no grande número de *orkuts* repetidos, ou na falta de contexto de alguns deles. Mas P.Valdo, ou Penisvaldo, como era o seu nome, no início. O que indicaria que ela era um *fake*? As fotos, que são de um ator indiano? O nome? E, se ele não quisesse usar o nome verdadeiro, ou, se de fato esse fosse o seu nome e, se ele não possuísse fotos digitais e resolvesse usar as fotos de um ator? O fato é que P.Valdo começou a participar das *comunidades* que formam o “ambiente Lontras”, onde, com mais ou menos grau de proximidade, os participantes se conheciam entre si. De fato, talvez se encontrado em outra *comunidade*, talvez ligada a outro lugar, como a cidade de São Paulo, ou um tema diverso, ou como “Nomes Estranhos”, P.Valdo jamais fosse considerado um *fake*.

No entanto, P.Valdo fazia questão de assumir essa condição de *fake* e, como mostro abaixo, em uma passagem de uma fala<sup>27</sup> de P.Valdo, no tópico “Rádio Jovem Lontras”, da “comunidade LONTRAS”, onde ele, mais do que assumir ser um *fake*, fala do que é ser um *fake* e da existência de vários outros *fakes* na *comunidade* – John Constantini, Pink e Dercy Gonçalves – considerando-se entre os demais participantes, como um brinquedo, que era responsabilizado por todos os maus do espaço e, ao mesmo tempo, um privilegiado, por poder, dissimuladamente e descompromissadamente, “alfinetar” os demais participantes, já que, ao mesmo tempo em que conhece todos, feito estrangeiro (Simmel, 1983a), é desconhecido por todos – daí de protagonizar tantos conflitos.



<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=5836383&tid=2455505815434321196&na=3&nst=31&nid=5836383-2455505815434321196-2455876067385040172>

Aqui, P.Valdo falava com Dercy Gonçalves, outro *fake* que participava nas “comunidades Lontras” e “LONTRAS”. Dercycinha, como era chamada, à exemplo da atriz Dercy Gonçalves, falava muitos palavrões, xingava os demais participantes do ambiente argumentando que na sua idade, ela poderia se dar esse direito. Mais tarde, descobriu-se que Dercysinha era “criação” do próprio P.Valdo, que a utilizava como interlocutora de seus diálogos, assim como a sua noiva Pink, outra *fake* que participava no ambiente como uma interlocutora, e noiva, de P.Valdo. Com esses *fakes* P.Valdo podia criar tópicos onde ele mesmo se agredia, ou se elogiava através das vozes desses outros *fakes* fazendo com que os demais membros daqueles espaços se aliassem aos *fakes* que discutiam com P.Valdo, ou mesmo com ele, em nome da defesa dos membros do grupo. Em certa medida, pode-se se dizer que a idéia de *fake* fazia emergir uma reflexão sobre a condição de sujeito: em muitas das conversas nas *comunidades* P.Valdo fala sobre sua condição de *fake*. Quase sempre, ele sugeria uma não dissociação dele com aquele que o criou: nas suas palavras, “*me vejo apenas como P.Valdo*”. Quem é que pode se considerar realmente, “um verdadeiro” sujeito, já que não haveria uma verdade única sobre si: ora, ou outra se está dissimulando, se está fingindo, criando falsas verdades e, tudo isso faz parte do que é ser alguém, logo, ele não seria diferente de ninguém, mesmo que assumidamente, um “personagem” – um “personagem” entre tantos

<sup>27</sup> Compreendendo as limitações da comparação, procuro chamar de diálogos as postagens nas *comunidades* e as trocas de recados entre os participantes.

outros, não-fakes. A sua provocação era: “quem é que não é *fake* no orkut?”. Diferentemente da noção goffmaniana de representação do eu na vida cotidiana (Goffman, 1975), a provocação de P.Valdo me levava a refletir sobre um eu construído, performativamente, na vida cotidiana e, não um eu que se representa na vida cotidiana<sup>28</sup>. Neste sentido, especialmente nas teorias feministas do sujeito, encontrei pistas para refletir sobre a possibilidade de que haveria discursos e práticas discursivas que fornecem posições de sujeito, o que implicaria em pensar não em *um sujeito* a ser posicionado, marcado, homogêneo e totalizável em uma única subjetividade, mas sujeitos múltiplos, de subjetividades múltiplas.

Essa posição aparece no trabalho de Moore (2000), ao sugerir que um sujeito singular não equivale a um indivíduo singular; segundo a autora, “indivíduos são sujeitos multiplamente constituídos, e podem assim assumir múltiplas posições de sujeito dentro de uma gama de discursos e práticas sociais. Algumas dessas posições de sujeito serão contraditórias e entrarão em conflito entre si” (MOORE, 2000, p. 23-24), o que no caso de P.Valdo mesmo que em seu *perfil social*, ao responder “quem sou eu” ele se posicionasse, repetidamente, como alguém que costuma fazer coisas cotidianas e rotineiras, como aparentemente qualquer outro participante do ambiente, sempre se referindo a si próprio como “normal”, ele costumava se contradizer em suas postagens nos tópicos de discussão, ora em relação a gostos, posições profissionais, estado civil, entre outras coisas, mostrando um pouco, do que nas palavras dos participantes “*era aquele que estava por detrás da máscara*”. Neste caso, a heterogeneidade estaria no sujeito, nas suas muitas subjetividades. Para tanto, corrobora o psicólogo González Rey (2003) ao sugerir que isso reflete a complexidade dos sujeitos que vão processualmente se constituindo “com sentidos subjetivos de procedências diferentes, que se fazem presentes no espaço social dentro do qual se situa em seu momento atual de relação e ação” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 236), dando uma idéia de sujeito como algo contextual, que age, vive e se constitui em processos diferentes, em espaços diferentes, que, por vezes, como sugere Moore (2000) faz emergir as contradições presentes entre essas posições de sujeito que são construídas em diferentes contextos.

No caso mais específico do ciberespaço, esses processos de construção dos sujeitos – identidades e subjetividades – como abordados pela socióloga, estudiosa francesa da comunicação, Francis Jauréguiberry (2000), em um artigo intitulado *Le Moi, Le Soi et*

---

<sup>28</sup> De fato, esta discussão em relação à construção no espaço é complexa, pois em alguns momentos ficava evidente uma não-ontologização de P.Valdo que se construía processualmente, enquanto que em grande parte das interações, a cidade de Lontras e outros referentes se mostravam como constituidores de P.Valdo.

*Internet*, dizem respeito a possibilidade de vivência de muitos dos papéis que não podem ser vivenciados em outras esferas da vida social e que são potencialmente vivenciados em ambientes do ciberespaço. Segundo ela, há uma espécie de realização de desejos que em outros espaços não são permitidos “ao eu”, e que ganhariam “vida” neste espaço. Neste caso, “selon cette perspective, Internet serait investi comme espace potentiel qui permettrait à l’individu de reconstruire la réalité par l’experimentation d’une illusion” (JAURÉGUIBERRY, 2000, p. 148). A esta reconstrução da realidade que possibilita a experimentação de um desejo, de uma pulsão, ou fantasia, Jauréguiberry (2000) chama de manipulação de si. “Les ‘manipulation de soi’ à laquelle certains internautes se livrent en empruntant um sexe, âge, statut, etc. autre que le leur dans les forums de discussion ou dans les IRC se multiplient” (ibid, p. 150). Seguindo a hipótese da autora, o ciberespaço possibilitaria outras vivências, por meio de outros “eus” em outros espaços, mas que não deixariam de ser parte de um único sujeito múltiplo, como já aponta Moore (2000), ao apontar que se a subjetividade fosse vista apenas como singular, fixa e coerente, tornaria muito difícil explorar a constituição dos sujeitos e os sentidos que eles têm de si mesmos, já que suas auto-representações como sujeitos se referem às várias posições de sujeito e por isso podem se contradizer constantemente, não referindo-se a uma posição singular de sujeito.

Entretanto, como há uma ligação bastante próxima, intrincada mesmo, entre as vivências da cidade de Lontras e as vivências naquelas *comunidades* no orkut, onde os participantes que a constituem, em grande parte, também são próximos e ligados fora do orkut e por isso mesmo, apontavam P.Valdo como *fake*, ao compararmos com o trabalho de Jauréguiberry (2000), discutindo *chats* e IRCs, torna-se aparentemente mais complicada, no orkut, a possibilidade dos participantes, naquelas *comunidades*, experimentarem fantasias, pulsões ou desejos que em outros contextos eles não experimentaríamos, já que o reconhecimento dessas vivências e pulsões no orkut e na cidade de Lontras se dariam quase que da mesma forma – há pouca facilidade de se “esconder” atrás de um apelido, como nas salas de bate-papo estudadas por Jauréguiberry (2000) – há sim, como em qualquer contexto, a possibilidade de viver experiências múltiplas de sujeito como sugere Moore (2000), e, especialmente falando de P.Valdo, não apenas *experiências múltiplas* de sujeito, mas sim *outras experiências* de sujeito.

Já Sherry Turkle (1995), em seu trabalho *Life on the Screen: identity in the age of the internet*, ao escrever sobre a construção de identidades em MUDs (ambientes multimídia, geralmente de jogos *on-line*), procura mostrar como o anonimato desses ambientes pode ser um terreno fértil para a construção de “outras” identidades:

The anonymity of MUDs – one is known on the MUD only by the name of one’s character or characters – gives people to express multiple and often unexplored aspects of the self, to play with their identity and to try out new ones. Muds make possible the creation of an identity so fluid and multiple that it strains limits of the notion (TURKLE, 1995, p. 12).

Como sugere Turkle (1997), nessa possibilidade de anonimato, é possível que se expresse alguns aspectos da identidade, ou mesmo que se crie identidades onde se possa expressar as fantasias, as brincadeiras. Neste caso, mesmo aquilo que pode ser apontado pelos participantes como mentiras sobre si, negando tais vivências em outros espaços ou contextos, na verdade podem estar construindo outros “eus”, outras identidades que de alguma forma fazem parte de um eu que elas são. Neste caminho, o “criador” de P.Valdo, depois de se revelar para mim, em tom de desabafo, comenta a situação que ele estava experienciando:

[...] sabe Jean, eu sou um cara mais velho [...], mas tenho vontade de ficar brincando, de falar besteira, sou um cara bem pra cima e ao mesmo tempo, bem tímido, mas basta me dar um pouco de corda que eu me solto; só que na comunidade, eu não teria coragem de falar as besteiras que falo, as piadas e as brigas que faço, com meu perfil verdadeiro. O Penisvaldo me dá essa liberdade, por isso eu criei ele. Agora ele já está entranhado em mim [...] não sei se tu vai me entender, mas eu não consigo mais entrar na “comu” [...], eu queria participar como [ele fala do seu “verdadeiro” perfil], mas não consigo, não sobrou espaço para mim lá, só para o Penisvaldo. O pessoal aceitou ele e agora eu tenho que estar o tempo todo postando como ele, e eu, como fico eu? [...] se eu entrar vou ter que competir com ele... (03/05/2006).

Essa fala do criador de P.Valdo é bastante emblemática no sentido do qual Turkle (1995, 1997) escreve, sobre a possibilidade de vivenciar outras tantas identidades que, de uma ou outra forma, fazem parte de uma única identidade, muitas vezes, como se deixasse partes de si em cada janela aberta no computador. Como Turkle (1997) resume: somos pessoas que alternamos aspectos do eu. Entretanto, esses aspectos do “eu” que alternamos em várias janelas, como escreve Turkle (1997), muitas vezes, podem acabar se *condensando* em um único “eu”. O “criador” de P.Valdo, na ocasião desta conversa no *MSN*, pedia-me conselhos de como conseguir participar nas *comunidades* com o seu “verdadeiro” *orkut*. Como ele comenta no fim da conversa, a briga que ele estava travando, já não era mais tanto pela aceitação no “ambiente Lontras”, que no início fora tão difícil, tampouco era mais uma das brigas com os outros participantes daqueles espaços, agora, em última instância, era uma briga dele com ele mesmo; uma briga entre suas próprias “identidades”, seus próprios “eus”, ou ainda, entre dois sujeitos completamente diferentes, que eram um só.

P.Valdo se autodescrevia na parte do *perfil social* que se deve responder à questão “quem eu sou”, como “*um cara normal*”: se dizia tímido, mas gostava de “*azarar as mina*”,

ao passo que “*amava a noiva*”. Da mesma forma, se descrevia como alguém que pode ser “*arrogante, polêmico, o maioral, dissimulado*” e, de outra forma, “*classado, educado e mó gostosão*”. E certamente, como descrevo ao longo desta etnografia, P.Valdo não se constituiu em contradições apenas “idealmente” no seu *perfil*; em suas vivências P.Valdo se aproxima e se distancia muitas vezes daquilo que ele se auto-descreve: suas atitudes no ambiente vão da arrogância à austeridade. Butler (1991), ao escrever sobre a construção de identidades de gênero, procura mostrar como o “eu” ontológico é anunciado pelo sujeito quando este é interpelado sobre si, fazendo uma idealização de um “eu” que se aproxime de alguma categoria identitária, que segunda ela “tend to be instruments of regulatory regimes, whether as the normalizing categories of oppressive structures or as the rallying for a liberatory contestation of the very oppression” (BUTLER, 1991, p. 13-14), tão logo, esse sujeito idealizado, adequado a algum tipo de regime regulatório de identidade – o que também pode ser observado no preenchimento de questões como “etnia”, “sexo”, “orientação sexual”, “religião”, entre outras dos *perfis* do orkut – tendem a promover uma adequação do novo participante do orkut à algum regime identitário, já que ele necessita escolher entre algumas categorias identitárias às quais ele supõe compartilhar. Entra em cena o que Butler (1991) chama de “sujeito nominal”:

To claim that this is what I *am* is to suggest a provisional totalization of this “I”. But if the I can so determine itself, then that which it excludes in order to make that determination remains constitutive of the determination itself. In other words, such a statement presupposes that the “I” exceeds its determination, and even produces that very excess in and by the act which seeks to exhaust the semantic field of that “I”. In the act which would disclose the true and full content of that “I”, a certain radical *concealment* is there by produced (ibid, p. 15 – *grifos no original*).

Essa totalização provisória de um “eu”, cria, mais ou menos coerentemente, um “sujeito central” – ou como ela mesma sugere: um sujeito que se constitui mediante a exclusão de outros sujeitos, isto é, mediante a criação de um domínio de sujeitos desautorizados na diferenciação entre sujeito e objeto – aquele que não tem lugar (Butler, 1998). Para a autora, isso acontece na performatividade, no discurso, na vivência. Neste caso, não há um sujeito central ali, acabado, pronto, que emerge quando chamado, mas sim, esse sujeito é constituído, mais ou menos provisoriamente, no processo – para ela, não se está falando de um sujeito ontológico que é solicitado à cena, mas de um sujeito que emerge no processo de diferenciação entre outros sujeitos dentro de um campo de possibilidades temporal-contextual. Falar em campo de possibilidades, logo explico, não quer dizer que há

uma série de matrizes de sujeitos dados e que podem se escolhidos para serem criadas – os sujeitos não-autorizados de Butler (1991, 1998), me parece, também são processuais – a exclusão de outros sujeitos também acontece no processo – há um movimento de dupla mão: exclusão construção.

Nesse sentido, para Butler (1991), responder, por exemplo, ao “quem eu sou” exige que se autodetermine os limites do campo semântico do que é um “eu” – a própria palavra perfil, neste caso, aponta para este caminho; perfil diz respeito à descrição básica e concisa do contorno do corpo e, para essa autora, o “eu” – e o corpo – não é algo que possa ser pensado em termos ontológicos, que possua substância ou essência, mas são sim processos performativamente construídos em contextos diversos, que tendem a ser congelados quando se é interpelado, por exemplo, no “quem sou eu”. Para ela, em certo sentido não haveria *um* sujeito ontologicamente constituído que é multiplicado (Turkle, 1995, 1997), não haveria *um* “eu essencial ontologicamente constituído” que preceda esses outros “eus”, que são auto-representados (Moore, 2000), ou representados na vida cotidiana; à exemplo do que escreve Maffesoli em *Sobre o Nomadismo*, o sujeito “não existe a não ser na relação (nas relações)” (MAFFESOLI, 2001, p. 30), devendo a sua multiplicidade, às relações intersubjetivas nas redes de interação (ibid, p. 118, 119). Nessa luta que P.Valdo vinha travando consigo mesmo – ficava a impressão que ele, ao negociar seus “eus”, chegava a um ponto em que não sabia mais quem era o sujeito autorizado, central, tampouco quem eram os (seus) abjetos.

Esse processo de construção de sujeitos, no discurso, mediante a desautorização de outros sujeitos, me fez refletir sobre minha condição de pesquisador em campo. Eu me perguntava “para onde iam” esses sujeitos que excluímos, ou que não autorizávamos – os abjetos. E, se eles, como fantasmas, comesçassem a nos perturbar, a querer lutar incessantemente pela posição de “eu”, de sujeito central? Esse processo de construção do sujeito que acontece segundo ela na performatividade, implica em contextos de vivência – mas quando esses contextos se entrecruzam, quando sou chamado a ser um e outro – oponentes, muitas vezes – num mesmo tempo e lugar, como com P.Valdo e seu “criador”, nas *comunidades*, ou ainda “o Jean” pesquisador, fazendo-se antropólogo e “o Jean”, nativo, participante do orkut? Seria como se nos encontrássemos, à luz do que escreve Leiris (2001), em certos “lugares onde o homem tangencia o mundo e a si mesmo” (LEIRIS, 2001, p. 11) e nos obrigássemos a fazer emergir do mais profundamente íntimo de nossa vida abissal, sentimentos, desejos, vivências e existências, que gostaríamos que permanecessem em tais lodaçais (ibid, p. 09)? Parecia-me que sentimos nós mesmos enquanto construção do agora, ao mesmo tempo, que nos sentimos como construção do outrora, ou do esquecido. Ou ainda,

parecia-me que sentimo-nos, muitas vezes, nesses momentos tangenciais cujas incongruências não se disponibilizam de lapsos temporais: sentimo-nos no outrora, no agora, no central e no não-autorizado, num mesmo instante – onde, quem sabe, esses sejam os momentos em que podemos concretizar em sentidos o processo de construção do “eu”, ou quem sabe, como escreve o poeta, temos que voltar pra casa escutando os diabinhos que moram em nosso ouvido, reclamarem de nossos ditos e feitos<sup>29</sup>, ainda mais, na complexidade de vivências que podemos construir, ao mesmo tempo, nas diversas janelas que podemos deixar abertas em nosso computador, cada uma delas exigindo um sujeito autorizado e outros tantos desautorizados, ao mesmo tempo. De qualquer forma, aponta para o exemplo de P.Valdo e a sua constituição como participante do “ambiente Lontras”, parece-me mais oportuno, não distinguir esses *tipos de sujeitos* em autorizados e não autorizados, mas sim – *distinguir as vivências de um sujeito* que podem sim ser, em determinado contexto autorizadas e em outros, desautorizadas.

De toda forma, ainda nessa reflexão sobre o sujeito *on-line* como algo que não corresponderia a alguma noção ontológica eu gostaria de acrescentar uma breve aproximação com as noções de corpo e pessoa advindas do perspectivismo ameríndio, aqui trazidas para a reflexão, em caráter indicativo, como categorias analíticas<sup>30</sup>.

No perspectivismo, segundo Viveiros de Castro (1992, 1996, 2002a, 2002b), “natureza” e “cultura” não designam províncias ontológicas, mas sim, contextos relacionais, pontos de vista, perspectivas móveis. Assim, a partir da constatação de que alguns animais podem se ver como gente, se está postulando uma concepção “quase sempre associada à idéia de que a forma manifesta de cada espécie é um mero envelope (uma “roupa”) a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou certos seres transespecíficos, como os xamãs” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 117). Assim, sugiro que se possa pensar nos *orkuts* do orkut, como uma espécie de corpos-roupa, que “ganham vida”, preenchidos de humanidade, *on-line*<sup>31</sup>. Da mesma forma, a possibilidade de podermos, ao clicar sobre a “foto” de uma participante, seria entrar nas roupagens desses outros participantes, o que nos potencializaria, no orkut, “sermos todos xamãs”, criando campos intersubjetivos, passeando entre os corpos, na proxemia, deixando um pouco de nós em cada um deles e os levando, um pouco, em nós, nos constituindo e constituindo redes.

---

<sup>29</sup> MARQUEZ, Gabriel García. **Memória de Minhas Putas Tristes**. São Paulo: Record, 2005.

<sup>30</sup> Essa reflexão é parte de minha proposta para continuidade dessa pesquisa, no doutorado.

<sup>31</sup> Neste sentido, quando refiro-me ao *on-line*, não sugiro uma sincronia entre eu e outro participante. O fato de eu encontrar o *orkut* de alguém, faz com que eu escreva para alguém, enquanto um sujeito, que também me constitui intersubjetivamente. Não escrevo um recado em uma interface da plataforma do orkut. Escrevo em outro participante, da mesa forma que eu não escrevo para um *e-mail*, mas sim, escrevo para uma pessoa.

Da mesma forma, ainda sob a ótica da perspectiva, partindo do *orkut* de cada participante, poderia se dizer deste *orkut*, uma “pessoa fractal” que não começa, nem acaba arbitrariamente. Lima (2005), ao descrever os modos de socialidade yudjá, nas Terras Baixas da Amazônia, sugere que esta pessoa fractal “não é um todo, não é um princípio de totalização, mas o que seccionamos e tratamos como ponto de referência em um certo campo relacional. Tampouco é uma parte, pois não se pode ser destacada de um todo” (LIMA, 2005, p. 121). Assim, a pessoa fractal, como *os orkuts* no *orkut* se evidenciam por sua relação com os demais *orkuts* do *orkut*; eles dependem das relações externas, que são as próprias relações internas, com os outros *orkuts* – lista *meus amigos* – e espaços – lista *minhas comunidades* – que a compõe. A idéia de pessoa fractal estaria dando conta, de cada um dos pontos que compõe as redes, ou seja, cada participante, que não é sozinho, pois precisa da rede e das conexões a outros pontos para existir, ao mesmo tempo em que, por si só, cada ponto já é um espaço de interação<sup>32</sup>.

Especificamente em alguns estudos sobre o ciberespaço, algumas posições que caminham neste sentido, de um corpo que não começa nem acaba em si, podem ser encontradas em Tucherman (2001) que sugere o corpo “inventado” no ciberespaço como algo fluido que pode assim assumir “a capacidade de circular no planeta e conectar-se a uma rede mundial” (TUCHERMAN, 2001, p. 152), ou ainda, como complementa Bruno (2001), o corpo nesse sentido pode ser compreendido como expressão, ou mais amplamente, informação e, como informação o corpo expande as suas membranas para fazer com que, “interconectados em rede, os corpos estendem a sua capacidade de conexão para além do espaço local” (BRUNO, 2001, p. 211). Ambas posições, de algum modo, não substancializam o corpo no ciberespaço como algo material e deixam aberta também a possibilidade de pensá-lo como um processo, expressão e experiência (Csordas 1994, 2002; Kepner, 1987, Campbell, 2004)<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Conferir também López (2006), que descreve que entre os Jodĩ das terras baixas sul-americanas, não há um termo que traduza o corpo no sentido ocidental: “a totalidade do ser, *ho* [lit. ser humano], implica muito mais que o corpo material” (LÓPEZ, 2006, p. 362); não se distinguindo, aparentemente, os limites da pessoa individual e da pessoa social. Neste sentido, conferir também Leenhardt (1937, 1995, 1997) ao explorar a noção de “microcosmo”, Lévy-Bruhl (1957, 2003), ao explorar a noção de aura afetual e participação mística e Strathern (2006), ao sugerir a noção de “divíduo”, ambos refletindo sobre a noção de corpo e pessoa entre os melanésios.

<sup>33</sup> Mais especificamente no contexto dos trabalhos do GrupCiber do PPGAS/UFSC, mais preocupados em problematizar antropologicamente o ciberespaço, está o importante trabalho de Guimarães Jr. (2000), que sugere a noção de *avatar* para se referir a construção da pessoa *on-line*; segundo ele, os avatares não são apenas uma representação gráfica da pessoa em algum ambiente do ciberespaço, mas sim um conjunto de práticas, movimentos, valores, idéias, que vão constituindo a pessoa em determinados contextos no ciberespaço. Também o recente trabalho de Máximo (tese em revisão), que numa perspectiva goffminiana sugere a encenação de um “eu” nos *blogs* no ciberespaço, dá boas pistas para se refletir sobre a constituição deste “ser” *on-line*.

Talvez, espaços como o orkut, como tantos outros no ciberespaço, justamente por fazer-nos estranhar aquilo que nós achamos que compreendemos sobre nós mesmos, estejam nos auxiliando a perceber nossa condição situacional e processual de sujeitos. Ou seja, uma posição onde o corpo, no sentido material/biológico e o sujeito, no sentido ontológico/essencial, podem ser mais facilmente percebidos como instâncias menos significativas do que corpos e sujeitos performativamente construídos no discurso, na experiência e na expressão, onde, de fato, o mais profundo talvez seja a pele. Neste sentido sendo, ou não *fake*, se é um sujeito *online*.

No próximo capítulo procuro descrever a constituição dos espaços de “ser” no orkut, constituídos por alguns pontos que se entrecruzam e formam nós, as *comunidades*.

### .3.

## CONSTRUINDO-SE EM ESPAÇOS

### AS “COMUNIDADES” NO ORKUT

Como procurei descrever no capítulo anterior, cada participante vai compondo-se, de alguma forma, no orkut, no preenchimento dos *perfis*, nas suas redes e relações – construindo *um orkut*. Entretanto, além das possibilidades de construir-se, cada participante do orkut pode “criar” um número ilimitado de *comunidades* – espaços que podem reunir um número também ilimitado de participantes que desejarem ser *membros* desses espaços.

Neste capítulo procuro descrever os recursos que a plataforma do orkut oferece para a construção dessas *comunidades*, apontando para algumas reflexões, mais gerais, sobre estes espaços.

De maneira bastante resumida, as ferramentas para construção de lugares, que podem vir a ser praticados e tornarem-se assim espaços (De Certeau, 2003), que a plataforma do orkut chama de *comunidade*, estão bem próximas das ferramentas e possibilidades, que a plataforma disponibiliza para a constituição do *meu orkut*, no orkut. Há, quando se começa a construir um desses espaços, a necessidade de preencher uma espécie de *perfil* da futura *comunidade*. Nessa espécie de *perfil* o participante deve responder a questões como o país, em que está se criando a *comunidade*, o idioma preferencial com que os membros daquele espaço devem se comunicar e, no qual está sendo constituído o espaço, nas suas descrições. Há também, como na construção do *meu orkut*, um espaço para a descrição da *comunidade*, onde de forma aberta, como no “quem eu sou”, o “criador” da *comunidade* esclarece “do que se trata aquele espaço”.

Outros elementos importantes são as possibilidades de torná-la *pública*, ou *não-pública*, permitindo assim, que participantes do orkut venham a se *adicionar* como *membros* destes espaços livremente, quando *pública*, ou necessitando passar pela aprovação do *dono da comunidade* – como é chamado pela plataforma do orkut, quem “cria” o espaço; da mesma forma, a possibilidade que o *dono da comunidade* tem de permitir, ou não, a filiação de outros participantes nessas *comunidades* como *anônimos* – neste caso, não aparece nas postagens, ou

criação de tópicos, a foto, nem o nome de quem a postou, apenas identificado por uma “sombra” de rosto de nome “anônimo”.

Na parte inferior da página inicial dessas *comunidades* é possível ver quais eram os últimos cinco “fóruns de discussão” ativos no espaço. Estes fóruns possuem temas os mais variados sendo que os *donos das comunidades* têm a possibilidade de apagar qualquer tópico, ou qualquer postagem que não queria que faça parte da *comunidade* – há também, a possibilidade de cada um que posta algum tópico, apagá-lo, mesmo que seja a postagem que inicia a discussão. Entretanto, dentre as atribuições dos *donos*, estes podem apagar qualquer tópico, ou mensagem do fórum; mais que isso, têm ainda a possibilidade de poder “expulsar” qualquer participante do espaço, além da possibilidade, de dividir as responsabilidades de *dono*, com algum outro participante que ele eleja como *mediador*, ou até, passar o domínio da *comunidade* para algum participante dela, perdendo a sua atribuição de *dono*. Entretanto, como procuro apresentar ao longo deste capítulo, os aspectos aparentemente mais importantes na criação de uma *comunidade*, ou, decisivos na sua efetiva consolidação enquanto espaço que ligue pessoas, são os nomes, as fotos de apresentação e as já mencionadas descrições desses espaços.

Por fim, a taxonomia da plataforma, também oferece vinte e oito categorias de classificação para as *comunidades*, as quais, cada *comunidade* “criada” deve ser integrada pelo seu “criador”. Dentre elas: *atividades; negócios; países e regiões; viagens; gays, lésbicas e bi; esportes e lazer; música; culturas e comunidade; família e lar; cidades e bairros; religiões e crenças*; ou *outros* – que abre a possibilidade de se “criar” *comunidades*, com temáticas muito mais diversas do que as categorias sugeridas pela plataforma do orkut. Entretanto,

é difícil precisar, entre estas categorias que o orkut apresenta, quais delas são as mais numerosas em números de *comunidades* pois o orkut passa por constantes “reformas” e, com a sua emergência e o conseqüente crescimento do número desses espaços, a plataforma do orkut não disponibiliza mais estes dados, como o fazia quando “entrou no ar”. De qualquer modo, duas proposições precisam ser colocadas nesta reflexão: segundo aqueles números iniciais, as categorias que mais possuíam *comunidades* eram *gays, lésbicas e bi; atividades; romances e relacionamentos e cidades e bairros*, nesta seqüência. Porém, é preciso relativizar estes dados, pensando que no momento em que são construídos estes espaços, a plataforma do orkut apenas “obriga” que uma categoria seja selecionada, não precisando esta estar “adequada” com o tema, ou nome que se dá à *comunidade* em criação. De maneira geral, o “conteúdo” delas é muito dinâmico e as suas fronteiras são bastante tênues, sendo que as discussões que acontecem nos seus tópicos,

freqüentemente não dizem respeito àquilo que o próprio tópico propunha – *off-topic* (Máximo, 2002) – tampouco ao tema que categoriza, ou agrupa, esses espaços.

Um dos objetivos dessas classificações é auxiliar os usuários na procura por *comunidades*. Entretanto, como pude observar entre os sujeitos-participantes desta pesquisa, esta não é uma prática muito utilizada: neste caso, parece também imperar a ordem da proximia; como me dizia Carol em uma de nossas conversas no Terminal Urbano de Ônibus, em Rio do Sul:

[...] eu não procuro nem amigo, muito menos comunidade assim: o “massa” é ir encontrando essas coisas com o tempo; vira e mexe, tu acha uma comunidade legal no perfil de alguém.

Ao dizer que “não procura ninguém assim”, Carol estava se referindo ao uso dos “botões de procura” da plataforma – *pesquisar*, ou *procurar alguém* – que existe tanto para os *perfis* como anteriormente descrito, quanto para as *comunidades*. Neste caso, digitando uma “palavra-chave”, é possível encontrar, dependendo do assunto procurado, uma série de *comunidades*; selecionando informações, como o idioma, ou o país onde quer se encontrar este espaço, ou ainda, colocando mais de uma palavra no campo de procura que esteja relacionada ao tema da *comunidade* que se deseja encontrar, é possível ir refinando esta pesquisa a fim de diminuir a lista destes espaços encontrados pela plataforma.

“*Vira e mexe, tu acha uma comunidade legal no perfil de alguém*”, o que remete a pensar nas zanzadas que, em última instância, não sem objetivo nenhum, as quais eu me referia anteriormente, que se faz entre *um e outro orkut*, entre *uma e outra comunidade* que despertam uma série de identificações sejam elas ligadas a experiências comuns, ou mesmo a vínculos locais, que parecem ser os principais vetores que levam esses participantes a se ligarem a estes espaços, dando ênfase a um aspecto das interações que faz dispensar grandes períodos de tempo, nessa lúdica proximia construída a partir de espaços específicos – como as *comunidades* – que motivam a aglutinação de pessoas no orkut.

Essa proximia (Maffesoli 2006), como já mostrei anteriormente, é interessante para pensarmos que essas interações diversas, podem ir além daquelas que são construídas dentro das diversas *comunidades*. Neste caso, é possível pensar que este zanzar de *comunidade em comunidade*, de *orkut em orkut*, através proximia, é, por si só, uma forma de interação: mesmo que não se esteja vinculando-se a algum outro participante, ou se adicionando a alguma *comunidade*, o simples fato de zanzar, “ver pessoas”, ler *perfis* e descrições de *comunidades*, é estar em relação, é deixar com que os outros nos invadam, nos

emocionando, nos fazendo rir, enfim, construindo subjetividades. Estar no orkut, seria assim uma forma de proxemia espacial que aproxima, que liga e religa, micro e macroscopicamente, todos os participantes, em uma ampla rede constituída por cada um e, ao mesmo tempo, constituidora de cada um.

O uso do termo proxemia, por Maffesoli (2006), em sua obra, vem auxiliar no seu argumento de que o indivíduo, como valor moderno, pós-iluminista, não seria mais uma entidade intangível, dono da sua própria história, cujo valor maior está em si próprio. Para o autor, este indivíduo estaria perdendo a sua força, dando lugar a pessoa – “movido por uma pulsão gregária” que é também “protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, participar magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios” (MAFFESOLI, 1997, p. 18-19 – *grifo no original*), aos quais ele (1997, 2006) em grande parte de sua obra, chama de tribos. Entretanto, mesmo preferindo não compartilhar desta categorização que o autor sugere a estes espaços na contemporaneidade, admito que a dinâmica das interações que levam à construção disso que ele chama de tribos, a proxemia, mesmo que constituidora de vínculos, não necessariamente cria-os de forma duradoura, mas sim de maneira escorregadia. Nesse caso, tem-se aí uma boa pista para se refletir sobre as *comunidades* no orkut.

Nesse caso, problematizando essa idéia de *comunidade* sugerida pela plataforma, ela parece ser paradoxal, já que remete pensar, ao mesmo tempo, na segurança e abrigo que simbolicamente é representada no ato de estar filiado a algum território específico – vínculo abertamente mostrado, por exemplo, nos *orkuts* dos participantes que trazem o ícone desses espaços, naquilo que se poderia chamar de seus corpos no orkut, ou mesmo, o ícone destas pessoas, dentro da *comunidade*, mostrando que elas estariam ali, naquele espaço. Mas, ao mesmo tempo, essas *comunidades* remetem pensar nessa “fragilidade dos laços humanos” dos quais faço referência, novamente a Bauman (2004): conectados, mas “frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas” (BAUMAN, 2004, p. 07). Estar ligado a uma *comunidade* não impõe ao participante nenhuma obrigação; não é preciso participar das discussões, não é preciso lutar pela segurança do espaço, pela qualidade das interações, de modo que muitos participantes vão se filiando a um número muito grande de *comunidades*, das quais, pode se livrar, sem delongas, com um simples “clicar” no “botão” *deixar de participar*. O ponto está na não necessidade de qualquer tipo de manutenção no laço, nenhum ritual de coesão, nenhuma forma de dever com o outro, de troca de dádivas. Cada participante, uma vez ligado adicionado à *comunidade*, aparece na apresentação daquele espaço, como participante, como alguém que *faz a comunidade*, mesmo que apenas quantitativamente.

Em certo sentido, como os sujeitos-participantes apontaram, em muitas de nossas discussões, essas *comunidades* seriam muito mais usadas como complemento dos *orkuts* dos participantes – dizendo mais sobre eles, do que sobre elas mesmas – sendo, como já disse, facilmente descartadas, dependendo dos contextos, múltiplos e transitórios, onde estão sendo construídas as subjetividades. Como é muito comum de se ler nas auto-descrições dos participantes do orkut: “*quer saber quem eu sou, veja minhas comunidades*”.

Logo no início da pesquisa, em um breve zanzar por estas *comunidades* no orkut, encontrei um exemplo emblemático dos diversos laços que podem ser constituídos nestes espaços, ligando as pessoas. Foi o caso da “comunidade Queremos Coca-Cola 20 Litros!!”, dedicada, como aparece em sua descrição, “àqueles que sempre sonharam com um galão de coca cola!!”. Ela, enquanto espaço de interação, parecia, como disse anteriormente, falar muito mais sobre os participantes dela, do que dela mesmo. Lilian, irmã de Carol, ao comentar comigo que havia achado esta *comunidade* em minha lista minhas comunidades em meu orkut, deixou pistas para se pensar no valor formal desses espaços no orkut, deixando para segundo plano o conteúdo das interações no espaço:

[...] meu, tem umas comunidades que nem essa no teu perfil que são muito engraçadas. Dá pra se matar de rir, porque é uma coisa “nada a ver assim”, mas é legal porque os caras botam umas fotos muito boas, muito engraçadas, criativas mesmo, entra gente pra caralho, daí é massa. E ainda os caras escrevem uns negócios aí - meu, tu já pensou uma dessa aí [coca-cola 20 litros] lá na cozinha, eu me acabava e, pensa bem, é foda ficar tomando essas porcarias, isso é um problema, mas [...] quando a gente vê, ta falando besteira com gente que a gente nunca viu, nem sabe quem é, mas é engraçado...

Mais do que corroborar como argumento acima, ao sugerir que gostaria de uma dessas na sua cozinha, Lilian deixa outra pista interessante para se refletir sobre o grande número de participantes que podem aderir a estas *comunidades*: as performances de apresentação delas. Na página inicial de cada *comunidade*, depois de “criadas” aparece uma série de informações como, o número participantes e um pequeno espaço onde aparecem o nome e a foto de alguns desses participantes, a data de “criação” do espaço, a categoria que a caracteriza, o idioma que “se fala” e, fundamentalmente, as *comunidades* a ela ligadas, numa lista de *comunidades* afins que neste caso continha algumas, como “Coca-Cola de vidro é mais gostosa”; “Queremos Ruffles 5Kg”; “Queremos Bis 200 unidades”, entre outras que permitem o zanzar de um espaço para outro, da mesma forma que nas fotos dos participantes que as compõe, como “*links sem fim*”.

No caso aqui tomado de exemplo, a “comunidade Queremos Coca Cola 20 litros!!”, o aparente exagero, a hipérbole, parece ironizar uma “fraqueza humana” da contemporaneidade, o grande consumo de alimentos, bebidas, ou mesmo de bens duráveis, que em última instância poderiam estar unicamente servindo como um conforto para outras faltas, suprimindo, muitas vezes, a falta do “paraíso perdido” do qual Bauman (2003) faz menção, ao se referir ao conceito de comunidade – ou mais especificamente, ao sentir-se em comunidade. Associados ao humor, à brincadeira, ao lúdico, a foto espirituosa e criativa, a evidenciava, e a tornava visível, ao ponto de fazer com que um número, que na ocasião beirava o de 220 mil participantes, se ligassem ao espaço em pouco mais de um mês de criação da *comunidade*, compartilhassem e constituíssem laços, mesmo que aparentemente frágeis. Como dizia Liliam, “*pensa bem, é foda ficar tomando essas porcarias, isso é um problema, mas [...] quando a gente vê, tá falando besteira com gente que a gente nunca viu, nem sabe quem é, mas é engraçado*”. Assim, como uma forma de grande terapia em grupo, ri-se daquilo que muitas vezes incomoda, brinca-se com “um problema”, com as “banalidades da vida cotidiana” e procura-se tirar o melhor proveito dessas situações, numa espécie de “comunidade cabide” (Bauman, 2003), onde se experimenta o estético, em doses breves e efêmeras, nas quais se supõe que, homeopaticamente, se está se “curando” do peso das obrigações éticas. Mas, mais que isso, é um espaço que pode da mesma forma tão simplesmente atender às exigências de uma pertença negociada pela semelhança, pelo compartilhar de interesses e experiências comuns.

Outro apontamento de Liliam é de que “*a graça*” está nesta maneira como o tema da *comunidade* é apresentado. Neste caso, desde a criatividade na escolha do título, a montagem da foto, ou figura de apresentação até a descrição da comunidade, que nos leva a experimentar a sensação de “*como poderia ser o mundo, se isso realmente existisse*”, sugerindo que, aparentemente, se pode viver nestes espaços, o que não se pode, no mundo “que existe”.

É particularmente interessante refletir sobre o emergente número de participantes que passam a ocupar tão rapidamente esses espaços, sendo que na sua maioria são desconhecidos entre si: como eles interagem nestes espaços? No caso da “comunidade Queremos Coca-Cola...”, eram iniciados muitos tópicos de discussão que eram uma espécie de jogo que tinham o objetivo de interação. Dizia um deles: “UMA COCA GELADA OU UM BEIJO NA PESSOA ACIMA?”, ou outro: “QUAL A PROFISSÃO DA PESSOA ACIMA??”. Tais perguntas pareciam despertar a curiosidade de alguns participantes que, em pouco tempo, postavam milhares de respostas e, como as perguntas, em geral se referiam a

outros participantes da *comunidade* (a pessoa acima, já que os tópicos constituem listas), os participantes das “brincadeiras” precisariam entrar no orkut de outros participantes, ou, ao menos, olhar com um pouco mais de atenção a sua apresentação – a foto, o nome. Em muitos casos, percebi que dependendo de algumas respostas, esses participantes, *lato senso*, pareciam simpatizar-se mutuamente, compartilhar afinidades e interesses, acabando por se adicionarem *uns* aos *orkuts* dos outros. Maffesoli (2005a) sugere que “o jogo, nas suas diversas manifestações, não é nem virtuoso, nem pecador, é a expressão bruta ou refinada de um querer viver fundamental, de um fluxo vital que não deve nada à ética ou a lógica” (MAFFESOLI, 2005a, p. 47). Ele ressalta o valor da aparência e argumenta que ela estaria ligada ao valor trágico do destino, a efemeridade e à encarnação cotidiana desse ludismo-vida. Em suma, ele procura mostrar que assim como o mito é uma forma da sociedade se expressar e se integrar, o jogo, o lúdico, também o é.

De fato, como no tópico – “UMA COCA GELADA OU UM BEIJO NA PESSOA ACIMA?”, mostra uma forma de expressão de interação, chamada por Maffesoli (2005a) em grande parte de sua obra de socialidade, que é marcada pela leveza da efemeridade e um trágico sentimento de finitude. A relação construída no tópico tem um fluxo imenso de continuidade – mais de 6 mil postagens – e pode ser abordada de duas maneiras: uma mais pessoal e outra mais social: ou seja, ao mesmo tempo em que a relação entre um e outro participante, em uma esfera mais pessoal, acaba no próximo – na próxima postagem, essa relação num âmbito mais coletivo (social) continua circulando – forma um todo, um imenso laço social – corpo coletivo (Maffesoli, 2005a, 2005b, 2006) – que une cada um dos participantes do tópico, pela proxemia que os liga em um compartilhamento de experiências comuns.

Um outro exemplo bastante emblemático neste sentido é o do tópico “continue a história da árvore” na em uma *comunidade* intitulada “Deve ser chato ser uma árvore”. Esse tópico envolveu os participantes numa forma de interação onde cada um deveria dar continuidade à história da árvore, onde milhares de membros escreviam uma linha, uma palavra, ou um parágrafo da história de uma árvore. Nessa mesma *comunidade*, havia outro tópico em que se tentava promover uma interação ainda mais aproximada; sugeria o tópico: “se você gostou da cara da pessoa acima, adicione ela como amigo”, que não garante, é claro, essa “amizade”, mas que, adicionado um participante à *lista amigos* sugere, ao menos um vínculo mais aproximado. De todo modo, segundo Maffesoli (2005b) “a experiência compartilhada gera um valor e funciona como um vetor de criação” e, “macroscópica, ou minúscula [...] engloba a totalidade da vida social nas suas diversas modalidades”

(MAFFESOLI, 2005b, p.14), gerando o laço a partir de formas múltiplas de associação que, de uma forma ou outra, geram uma “união pura, sem conteúdo preciso” (MAFFESOLI, 2006, p. 48), formando aquilo que ele chama de “comunidades emocionais” que se reúnem sem objetivo, sem projeto específico, mas cada vez mais comporiam a vida cotidiana na contemporaneidade, em detrimento àquilo que Bauman (2003) chama de “cabide”.

De maneira geral, o que procuro mostrar ao longo desta pesquisa, é justamente a importância que os espaços constituídos no orkut em torno da cidade de Lontras têm na construção das interações e na ampliação de laços compartilhados em um espaço que faz reunir o que o tempo, ou o que o espaço separou em outros contextos, buscando constituir agora um “sentimento de comunidade” (Bauman, 2003).

Este aspecto, em certo momento da pesquisa começou a ser discutido entre nós, constituidores do “ambiente Lontras”, em um tópico intitulado “Conclusão” na “comunidade Lontras”. Na ocasião, P.Valdo fazia um interessante apelo, num tom quase de manifesto, onde ele provocava os demais participantes da *comunidade*, que quase não participavam das discussões, no sentido de que fossem mais ativos no espaço – que participassem mais das discussões, com aparente objetivo de estreitar os laços compartilhados. Ele reclamava: “*ou os membros da comunidade de Lontras estão alheios e indiferentes [...] ou acham isso uma bosta mesmo e perca de tempo. Não é possível, alguém não gostar de brincar um pouco com os amigos*”. O apelo de P.Valdo ia de encontro a uma situação a qual ele protagonizou por quase todo o tempo em que participou e constituiu o ambiente: ele deu origem a séries aparentemente intermináveis interações sob a forma de conflitos, justamente por “*abusar da liberdade*”, como diziam os demais participantes (membros) daqueles espaços, “*xingando todo mundo*” e, agora, procurava chamar estes mesmos participantes para uma maior participação e “uso” de suas liberdades, quando, agora, aparentemente esses participantes se sentiam inseguros com a sua presença lá, chegando ao ponto de tratá-lo com rispidez, exigindo que ele revelasse a sua “verdadeira identidade”. Como P.Valdo não o fazia, os participantes começaram a se afastar o que fez com que ele tomasse uma série de providências, na sua grande maioria sem sucesso, para conseguir “recuperar a confiança” – e a conseqüente segurança – dos colegas, a fim de restabelecer “o grupo”. Ainda no mesmo tópico, P.Valdo reconhece, ao responder-me que o maior motivo da não participação dos colegas seriam o medo e a incerteza que a sua presença despertava no espaço.

Na continuidade deste debate e, em outros comentários isolados entre outros participantes do espaço, ficou evidente também que outra dimensão importante para se constituir “*uma comunidade de verdade*”, estava na necessidade de que se “*participasse*” das

discussões nos tópicos que são criados pelos participantes. Para entrar em uma *comunidade* é preciso que se aperte num botão “participar”, entretanto, a participação que é clamada tanto por P.Valdo como por outros participantes diz respeito a uma forma mais engajada de viver a *comunidade*, de forma a suprir aquela sensação de estar num lugar, “fisicamente cheio e, no entanto assustar e repelir os seus moradores por seu vazio moral” (BAUMAN, 2003, p. 46). Assim, não bastaria uma “*coleção de rostos enfeitando a comunidade*”, como os próprios participantes comentavam – seria preciso mais envolvimento, cumplicidade e confiança para poder chamar aquele espaço, “*verdadeiramente*”, de *comunidade*.

Em algumas falas, espalhadas em vários tópicos e postagens, P.Valdo, Carol e Marcos apontavam que “comunidade somos nós, o resto é enfeite”, o que me incluía junto, não enquanto pesquisador, mas enquanto nativo daquele espaço. *Lato senso*, isso era revelador do “sentido de comunidade” que era experimentado pelos sujeitos-participantes da pesquisa naquele contexto: fizeram-me “ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem [esses] sujeitos” (GEERTZ, 1989, p. 17), revelando que as suas concepções de *comunidade* não estariam muito longe da noção de algo ser sentido (Bauman, 2003) mesmo que ainda muito fluido. Mais que isso, me fez perceber, ainda em campo, que eu era mais visto como um nativo, do que como um pesquisador, neste caso, fazendo ainda parte do que se pode entender por “núcleo duro” – marcando um *nós* e um *eles* na *comunidade*.

Tão logo, essa espécie de “sensação boa” de comunidade (Bauman, 2003), que é consumida em goles, mais ou menos, grandes, por *nós* – como sugerido pelos nativos, os verdadeiros participantes e constituidores das *comunidades* que compunham o ambiente que construímos como Lontras, no orkut – mesmo que fluidos, ou frágeis, o que estava em jogo nesses era a possibilidade de compartilhar-se, de ligar-se e religar-se, num sentido amplo do termo – era a possibilidade de estar-junto construindo interações das mais diversas, de tal modo que, como sugere Maffesoli (2006), “apesar dos egoísmos e dos interesses particulares, existe um cimento que assegura a perdurância. Talvez seja necessário buscar sua fonte no sentimento compartilhado” (MAFFESOLI, 2006, p. 58, 83 – grifo meu). Assim, na construção daquele ambiente, estávamos tendo a possibilidade viver uma coletividade propiciada pela ligação e religação a um local, que era a base da tecitura de uma rede mais ou menos ampla, que ajudava a construir uma rede global, numa íntima ligação que existe “entre a proximidade e a solidariedade”.

Neste caso, das muitas possibilidades de se ligar ao outro e à lugares e espaços na ampla rede do orkut, foi especialmente um tipo de ligação que me motivou duplamente a descrever a constituição de um ambiente, com suas múltiplas interações, nas *comunidades* que

intrincadas à cidade de Lontras e outros espaços do ciberespaço, nos ligava entre si e nos ligava a uma lugar – a cidade de Lontras – construída também no orkut: era a religação – *reliance* – da qual Maffesoli (2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006) se refere ao tratar do movimento contemporâneo que vem “descentrar o indivíduo” como valor absoluto da modernidade em detrimento a laços compartilhados, à uniões afetivas – em alguns momentos, aparentemente presenteístas – que privilegiam à forma das relações e não o conteúdo destas. Entretanto, no caso desta etnografia, optei, tão simplesmente, por positivar a idéia da possibilidade de se religar também ao local – ao local geográfico, à cidade de Lontras. Isso sugeria, à luz de Silva (2000), que fez uma análise da articulação de experiências *on-line* e *off-line* de usuários de canais de IRC geográficos, uma re-conexão das interações entre estas duas dimensões da vida social (*on-line* e *off-line*), novamente sugerindo que essas redes sociotécnicas, apesar de amplas, continuam sendo locais em muitos pontos. No caso deste trabalho, a constituição de um ambiente construído intrincando as redes do orkut à cidade de Lontras, sugeria a idéia de se ligar e, como procuro mostrar na segunda parte deste trabalho, religar, à pequena cidade de Lontras, em um nó de redes mais ou menos locais, dentro da constituição de redes mais amplas e globais, no orkut, no ciberespaço.

É à descrição destes movimentos de ligação e, especialmente de religação, que me dedico na segunda parte desta dissertação.

# .SEGUNDA PARTE.

## A AVENTURA DE LONTRAS NO ORKUT

Como parte da caracterização dos laços que ligavam os participantes do “ambiente Lontras” entre si e à cidade de Lontras, voltei minhas atenções às memórias que eram construídas nas *comunidades* que compunham aquele ambiente, especialmente, na “comunidade Lontras”.

Entretanto, como as interações que permitiram a ligação e o retorno ao local, aconteceram mais intensamente em um período bem demarcado de tempo, sugiro que esta segunda parte da dissertação seja lida como uma aventura – a aventura de construir uma cidade de Lontras no orkut.

Como forma de vivência, a de aventura, é discutida, de forma bastante interessante, na sociologia de Georg Simmel. Para ele a aventura é algo que pode quebrar a linearidade dos trajetos vivenciais; sempre que pensamos em uma totalidade de vida – seja a vida de uma pessoa, seja a vida de um lugar – existem alguns pontos os quais não conseguimos colocar no contexto dessa totalidade. Neste caso, esses pontos dizem o contrário daquilo que estamos unindo num processo coerente, eles destoam da obra acabada, negam a existência – são, aventuras: seguem à margem de nossa existência, marcando seus próprios limites, seus começos e fins:

Una aventura se convierte en tal únicamente a través de esa carga significativa doble: constituir la expresión delimitada por un principio y un fin de un sentido significativo, y con toda su deuda al azar, toda su extraterritorialidad con respecto al continuo vital, esta relacionada con la esencia y el destino de su portador en el sentido más amplio, integrador de las series vitales más racionales, y en una misteriosa necesidad (SIMMEL, 1999, p. 19).

Entregar-se ao azar, ao acaso, como um jogador que faz a aposta é um privilégio do aventureiro. É nestas rupturas aventureiras que ele pode sentir aqueles “instantes eternos”

do presente – que ele sente o mundo; sente-o ao seu dispor, ao seu viver. A aventura, com seus limites demarcados por suas próprias energias é uma experiência que é vivida a cada dia, a cada hora, em cada lugar – naquilo onde me deposito por inteiro, onde vivo e morro e, especialmente neste trabalho, essas constantes rupturas nas relações – essas outras vivências paralelas, seja as vivências dos sujeitos-participantes do trabalho, seja as vivências conturbadas que eu vivi em campo, seja a própria “história” daquele nó investigado, as intensidades delimitadas, emergiam como aventuras.

## .4.

### “ALGUNS FIOS SOLTOS” ENREDANDO OS “ESPAÇOS LONTRAS” NO ORKUT

“Então te achei, você também no orkut, é?”. Estou certo de que li muitas vezes esta frase em *meu orkut* já bastante antes de iniciar minha pesquisa neste espaço e certamente, a deixei em *alguns orkuts* de pessoas que eu conhecia e ia encontrando naquele espaço. Em certo sentido, ela resume o argumento central desta dissertação: eu estava em um espaço, onde aparentemente se buscava não apenas a ligação a outros espaços e pessoas, mas uma religião a espaços e pessoas, conhecidos, queridos e distanciados.

Foi isto que, muito antes de transformado em objeto de pesquisa por mim, me motivou no orkut, como participante nativo, a procurar por conterrâneos, por antigas amizades que eu havia deixado na cidade de Lontras, ou aqueles, que já haviam me deixado enquanto eu ainda residia lá.

Neste capítulo, pretendo descrever este meu retorno à cidade de Lontras através do orkut e o reencontro com os “lontrenses” neste espaço, num movimento que me levaria de nativo, usuário do orkut, para mais tarde me construir como pesquisador em um campo que se poderia chamar de “a cidade de Lontras religada no orkut”.

#### 4.1. LONTRAS NO ORKUT: ENCONTROS E DESENCONTROS

Na primeira vez que digitei “Lontras”, na ferramenta de buscas no orkut, lembrome, apareceu uma grande quantidade de *comunidades* nomeadas “lontras são animais lindos”; “preserve as lontras”; ou apenas “lontras” – dedicada, como diz a descrição da dita *comunidade*, às pessoas que gostam de brincar muito tempo na água. Enfim, os espaços “Lontras” no orkut, que eu encontrara na ocasião, estavam ligadas ao animal lontra (*lutra*

*longicaudis*), mamífero que era encontrado em grande quantidade nos rios da cidade de Lontras, dando origem ao nome da cidade, mas que não eram dedicadas à cidade de Lontras.

Como eu não havia encontrado nenhuma *comunidade* sobre a cidade de Lontras, resolvi eu mesmo criar a “comunidade LONTRAS”, *minha comunidade*, que atualmente conta com cerca 210 *membros*.

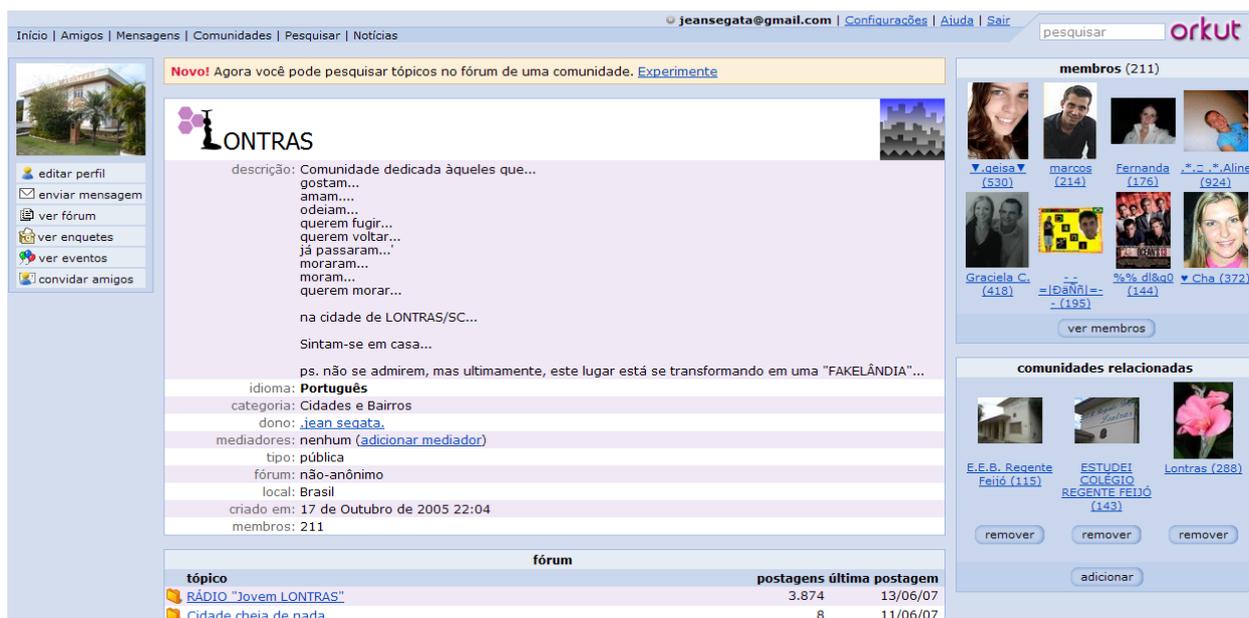


Fig 4. Página Inicial da Comunidade Lontras. <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5836383>

Atentando para a figura acima, que mostra parte da página inicial da *minha comunidade* pode se perceber que eu a descrevi escrita de maneira bastante simples e, ao mesmo tempo abrangedora. No caso, se pode ler que este seria um espaço para “aqueles que amam, gostam, odeiam, querem fugir, voltar, morar, para os que moram, moraram”, enfim, aqueles que de alguma maneira estão ligados à cidade de Lontras. No alto, à esquerda, aparece sua foto de exibição que consiste na fachada da Prefeitura Municipal de Lontras, o que, em certa medida teve a sua intencionalidade: Lontras, como pequena cidade do interior, tem belezas naturais exuberantes, entretanto, o que mais caracteriza a cidade são o prédio da Prefeitura, que marca o “ponto zero” da cidade e a o prédio da igreja da Paróquia Santa Luzia, de arquitetura modernista, formando um octógono, também próximo à Prefeitura e, em frente à escola de Educação Básica Regente Feijó – o Colégio. De qualquer forma, um dos elementos que mais caracteriza a pequena cidade, é esta fachada da Prefeitura que aparece nas fotos de propagandas e materiais oficiais do município e, mais que isso, ela aparece nas falas de algumas das pessoas com as quais eu conversava sobre Lontras, como aquela imagem que, ao chegar à cidade depois de alguma viagem, ou para alguma visita, se apresenta como

anfitriã do município, ou mesmo, quando se está longe, é uma das imagens que compõe as lembranças daquele pequeno lugar.

Neste sentido, ao levar para a *minha comunidade* no orkut a imagem da fachada da prefeitura, tive a intenção de fazer emergir aquela sensação de chegada, de retorno, ou lembrança de Lontras (ao menos hoje, tenho essa impressão de assim o ter feito). Além do mais, a fachada da prefeitura compõe a paisagem de um dos pontos-de-encontro das pessoas em Lontras – é a praça da prefeitura, com seus bancos, seu velho chafariz desativado e do “Bar do Scheidt”, pequeno restaurante que reúne um razoável número de pessoas – todos às sombras do prédio da prefeitura, se transforma naquilo que se poderia chamar, *lato senso*, de comunidade em Lontras e, a *minha comunidade*, transportando a imagem da fachada da prefeitura, o ponto-de-encontro dessas pessoas de Lontras, parecia estender a cidade até aquele espaço no orkut. De fato, em certa oportunidade, em conversas com meus sujeitos-participantes em um tópico intitulado “Rádio Jovem Lontras”, em *minha comunidade*, fiz uma espécie de enquete sobre a foto de apresentação e, tive como respostas que, aquela era a melhor apresentação para o espaço já que, como apontou Carol, “*tudo acontece ali naquela pracinha*”.

Grosso modo, foi essa a maneira de construir uma cidade em dois mundos, de tal maneira que as fronteiras entre esses mundos – *off-line* e *on-line* – pudesse, aos poucos tornar-se cada vez mais porosa, à medida que com a entrada de cada vez mais participantes naquele espaço, se pudesse sentir uma espécie de ambiência constituída por laços subjetivos, que transformasse aquele espaço no orkut como parte do espaço *off-line* e ao mesmo tempo transformasse o espaço *off-line* da cidade de Lontras em um pedaço do orkut – para além do *on-line* e *off-line*, dois mundos em um só, se confundindo, se constituindo como um ambiente que pudesse servir de vínculo para a manutenção das amizades distanciadas, das antigas relações distanciadas geograficamente e temporalmente – enfim: um espaço de *relição*. Neste caso, enquanto nativo, de início, mais precisamente, eu havia construído, ao menos para mim, um espaço de *relição*, ou seja, o *meu espaço de relição*.

Entretanto, foi somente mais tarde, depois da entrada de alguns participantes na *minha comunidade*, que eu viria a descobrir que Lontras no orkut estava sendo tecida em fios soltos: já havia uma outra “comunidade Lontras” (escrita, ao contrário de *minha comunidade*, em letras minúsculas), também destinada a homenagear a cidade de Lontras, criada no meses antes da *minha* e que já contava com mais participantes que *minha comunidade* (a outra *comunidade* atualmente conta com cerca de 245 *membros*).

Neste período, eu já havia escrito o projeto desta pesquisa sobre o orkut e estava prestes a iniciar o trabalho de campo; então, como eu já havia constituído uma pequena lista *meus amigos* e foram alguns deles, que quando se *filiaram* à *comunidade* que eu criara, logo nas primeiras participações nela, através de postagens, me alertaram da existência de uma outra comunidade – “*Jean, porque tu criou uma comunidade se já havia uma?*”. Lembro-me que na época justifiquei o meu suposto descuido, justamente pelo modo como aquela comunidade se apresentava. Como disse, havia algumas *comunidades* ligadas ao animal lontra e, a foto de apresentação da referida *comunidade* existente era (e ainda é) uma flor, o que não me remetia à cidade de Lontras – logo, na época, mesmo que eu tivesse visto-a, não pararia para ler se realmente se tratava de um espaço destinado à cidade, até porque, como nativo, eu estava focado na criação também de um espaço autêntico e ser o promotor de uma “grande” reunião de pessoas naquele espaço. Atualmente, na descrição desta *comunidade* pode-se ler, talvez com um pouco de ironia, a seguinte frase: “Seja bem vindo à primeira comunidade ORKUT da cidade de Lontras, Santa Catarina. Fique a vontade para estabelecer essa sua mais nova casa virtual!”<sup>34</sup>.

A sua descrição, em tom aparentemente irônico, não é a mesma desde que a encontrei no orkut; ela foi editada depois da emergência da *minha comunidade* criada quatro meses depois. P.Valdo provocava o *dono* da “comunidade Lontras” dizendo que aquela *comunidade* que eu era *dono* era mais “*interessante para participar*”, porque era “*mais autêntica*” já que trazia uma “*foto da cidade*”, ao passo que a outra *comunidade* trazia a tal flor como foto de apresentação. Possivelmente em resposta a estas provocações, o *dono* da “comunidade Lontras” passou a descrevê-la como “*a primeira comunidade dedicada à cidade de Lontras, no orkut*”, a fim de deixar clara a sua originalidade. Neste sentido, este é outro ponto que parece constituir uma boa dimensão do índice de participação nestes espaços, como sugiro no terceiro capítulo da primeira parte, ao comentar os modos de apresentação de “comunidades” como a “*Queremos Coca-Cola 20 Litros!*”. Por fim, enquanto a *comunidade* que eu criara continuava crescendo, encontrei outras *comunidades*<sup>35</sup>: “*E.E.B. Regente Feijó*”

<sup>34</sup> <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2922086> – em 11/01/2007.

<sup>35</sup> Além dessas *comunidades*, há também, atualmente as *comunidades* “automobilismo de lontras” (160 membros), “Corrida do Paraíso – Lontras – SC” (110 membros), em referência às corridas de automobilismo que acontecem no autódromo Alceu Feldman, localizado no “Paraíso” – uma espécie de parque de lazer, com áreas para acampamento, piscinas, churrasqueiras e, mais recentemente o referido autódromo, localizado às margens da BR 470, no Paraíso, que com o passar dos anos começou a receber um número razoável de moradores aos seus arredores e hoje é considerado oficialmente um bairro do município de Lontras. Há também uma *comunidade* “O Sul é o Meu País (LONTRAS)” (25 membros), em referência a um movimento que se iniciou há algumas décadas no Rio Grande do Sul, buscando uma separação dos três Estados da região Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina – dos demais Estados da Federação – este espaço se auto-descreve como “grupo de apoio” do município de Lontras. Há também uma *comunidade* que faz referência a comissão

(106 membros) e “Estudei Colégio Regente Feijó” (119 membros), ambas em referência ao Colégio – por onde passou a grande maioria da população da cidade e fui percebendo que vários participantes dessas *comunidades* participavam de mais de uma delas, ou até mesmo de todas elas, até porque, com o tempo, estas *comunidades* foram sendo afiliadas umas às outras, criando uma espécie de *link* direto entre elas.

De fato, eu estava começando meu trabalho de campo que tinha como objetivo primeiro, fazer uma descrição dos processos de apresentação e constituição de pessoa no orkut, entretanto, quando percebi, eu já havia mudado os caminhos da minha pesquisa, em campo, transformando em objeto de pesquisa, essas *comunidades*, procurando descrever a relação que elas promoviam no orkut. Neste sentido, mesmo ligando essas *comunidades* entre si e transformando elas em meu campo de pesquisa, acabei deixando de lado por um algum tempo a *minha comunidade*, numa tentativa, quase que culposa, no sentido de espécie de consciência ética de meu trabalho, de me distanciar de um campo, que literalmente eu criara: por vezes, sentia-me, como que se eu tivesse “criado uma tribo” para depois fazer antropologia nela.

Assim, eu julgava que se eu abandonasse aquele espaço – de fato, eu poderia excluí-lo, mas minha voz nativa insistia que eu devia mantê-lo (afinal, eu também queria “ter” um “espaço popular”) na possibilidade de que eu poderia retomá-lo depois da pesquisa – eu manteria certa distância entre minhas vivências nativas e antropológicas; da mesma forma, eu acreditaria que isto seria possível, já que a não-originalidade de *minha comunidade* em relação à outra *comunidade*, que contava na época com mais de 60 participantes enquanto a *minha* ainda possuía talvez menos de uma dúzia. Neste abandono, eu poderia torná-la (temporariamente) inabitada – sem a participação de ninguém.

Assim, em meados de fevereiro de 2006, quando inicio o meu trabalho de campo, elejo como campo para a minha pesquisa as outras três *comunidades* sobre Lontras, menos a *minha comunidade*. Entretanto, no tecer das redes, nas intrincações, nos nós, que foram formando o “ambiente Lontras”, inevitavelmente teve em sua constituição a *minha comunidade*, sendo que, a medida que eu avançava em minha pesquisa, eu me prendia – às vezes pelas condições da pesquisa, muitas outras pela minha condição de nativo – ao espaço que eu havia criado, precisando, muitas vezes fazer um auto-exame de minha condição de

---

provisória de um partido político na cidade de Lontras, “PSB – Lontras – S.C”, que conta atualmente apenas com o *membro* fundador do espaço. Como essas *comunidades* foram criadas mais recentemente, depois de minha saída de campo, elas não constituem esta etnografia.

pesquisador em campo: o que eu fazia naquele espaço, seria de fato, trabalho de antropólogo? Até que ponto o envolvimento com o campo implica em meu trabalho antropológico?

Como nos casos de algumas religiões iniciáticas, onde muitas vezes o pesquisador acaba se convertendo em campo, ao menos, em meu caso, eu já estava convertido antes de começar a pesquisa – difícil foi, sem dúvida, problematizar minha condição de nativo, de modo que, em grande parte deste trabalho, eu percebi as diferenças entre minha experiência de antropólogo e de nativo apenas no “estar aqui” – ou seja, o mais difícil foi me “converter” a pesquisador.

De qualquer modo, a construção de um ambiente intrincando esses “fios soltos” – as quatro *comunidades* – e a própria cidade de Lontras, ficou muito mais perceptível quando no “estar aqui” como construção analítica minha, já que eu acreditava como pesquisador em campo, estar preocupado com o que aqueles que eu elegi como sujeitos-participantes acreditavam que estavam fazendo naqueles espaços, procurando alguma espécie de sentidos que eles construíam para aquelas *comunidades* de forma que, como que acompanhando meus sujeitos-participantes, etnografando os fluxos multi-sitiados de suas relações (Marcus, 1998; Hannerz, 1997), fomos unindo esses espaços – fios soltos – formando nós, intrincando e construindo um ambiente de ligações.

Desses fios, começo por descrever as ligações em torno do Colégio.

#### **4.2. O COLÉGIO: RELIGANDO EM MEMÓRIAS**

Por tamanha centralidade na vida dos “lontrenses”, o Colégio parece ser um espaço que efetivamente constitui e participa de suas histórias de tal forma que, foi especialmente nas *comunidades* “E.E.B. Regente Feijó” e “Estudei Regente Feijó” que pude, de maneira mais objetiva (e antropológica), perceber que a ligação e a religação ao local, à terra, às antigas relações, não era um fenômeno subjetivo que me assaltava enquanto nativo: eu encontrara nesses dois espaços, diversos tópicos e postagens que buscavam, através da escrita coletiva de experiências vividas no Colégio, uma espécie de retorno, de reaproximação àqueles momentos especiais, significativos, na vida daqueles que estavam interagindo nas lembranças de suas ligações de outrora.

Desde sua fundação em 1946 até então, do Colégio, permanece apenas o seu nome “Regente Feijó” – homenagem feita a um dos regentes que comandaram o Brasil entre o

reinado de D. Pedro I e D. Pedro II – o Regente Feijó. Ao longo de sua história, suas denominações variaram de Grupo Escolar Regente Feijó a Colégio Regente Feijó, de modo que num recorte de gerações ele é chamado, pelos mais velhos na cidade de “o grupo”, passando para “o ginásio”, até o mais comumente empregado, “colégio”; todos, de alguma forma, sugerindo alguma intimidade, ou laço emocional àquele espaço. Mais que uma escola, mais que um ponto de referência geográfico, uma parte dos “lontrenses”.

Não diferente de grande parte dos lontrenses, o Colégio também é parte de minha história: entre os anos de 1989 e 1999 fiz toda a minha formação básica lá – exceto por alguns semestres que estudei em outras escolas – e, foi lá que em 2001 fui chamado para o meu primeiro emprego formal: professor no Ensino Médio; profissão que exerci até o final de 2004, quando então saí da escola para vir para Florianópolis cursar o mestrado. Com os dois espaços referentes ao Colégio, no orkut, eu e muitos outros participantes daqueles espaços pudemos de alguma forma voltar ao Colégio – e daí o caráter mais especial dessas ligações: o religar. Nos religamos, assim, aos professores, às brincadeiras de corredor, às “panelinhas” de amigos daquele espaço, especialmente vivenciados em nossas infâncias – parte de nossas vidas onde o Colégio foi parte substancial de nosso processo de socialização.

Em ambas as *comunidades* a esmagadora maioria dos tópicos e postagens são compostos por lembranças do passado: são esses pequenos reencontros de amigos e colegas e funcionários do Colégio com suas “*lembranças boas e engraçadas*”, como os pequenos acidentes engraçados protagonizados por professores, as pequenas travessuras dos alunos e ex-alunos, ou mesmo, ao falar das disciplinas, as matérias e assuntos que mais gostavam. Grosso modo, parece que, como escreve um *membro* da “comunidade E.E.B. Regente Feijó”, “*o tempo de escola é tão bom, a gente tem tantos amigos*” e de alguma forma, se religar na escola, ou ao menos num espaço que fora constituído pelas pessoas que passaram pela escola, com o nome da escola, falando das experiências na escola, parece ter constituído um nó, nas redes do orkut, onde se pode viver, mesmo que de outras maneiras, a coletividade e o sentimento de tantos amigos próprios do Colégio de Lontras: num constante transitar entre as lembranças dos passados de um e outro e mesmo da escola, se pôde religar-se a um e outro, novamente naquele espaço, agora, forjado no orkut.

Na Antropologia “brasileira”, os estudos dedicados à “memória coletiva”, possuem campos teórico-metodológicos bem consolidados e, não era sob esta ótica que eu desejava trabalhar, mas o campo exigiu que eu fizesse uma revisão, mesmo que muito pouco aprofundada, das bibliografias destes estudos, tendo em vista que não pude deixar de considerar que as memórias da cidade de Lontras emergiam nas interações no orkut.

Geralmente evocadas individualmente – um ou outro sujeito-participante da pesquisa, evocando algum episódio isolado relacionado à cidade e, especialmente ao Colégio – aos poucos iam se tornando o cimento constituidor de muitas das relações que se engendraram naquele espaço. Desta forma, como classicamente sugere Halbwachs (2004), essas memórias individuais não foram compreendidas como isoladas ou fechadas; os sujeitos-participantes, de uma ou outra forma se reportavam a “pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 2004, p. 58) de tal forma a constituir uma espécie de mosaico de pequenas experiências pessoais, subjetivas, relacionadas a umas ou outras realidades objetivas comuns, que aos poucos constituía e reconstituía toda uma história de algum espaço ou período de tempo, como parte das construções presentes de memória coletiva – que fundava a infra-estrutura das relações presentes; havia, diferentemente do presenteísmo (Maffesoli, 2003), aparentes tentativas de dar conteúdo mais preciso às relações naquele espaço.

Em um tópico intitulado, “Quais as professores de sua época?”, da “comunidade Estudei Colégio Regente Feijó”, onde um dos participantes do espaço, que foi aluno no Colégio nos anos de 1970, apresentou os professores que compunham o corpo docente de sua época. No tópico, ele queria saber se “*essas [pessoas] ainda moram em Lontras*”. Entretanto, ele deu início a uma espécie de negociação da história do Colégio naquele período, a partir da rememoração daqueles que naquela época também estudaram lá; começávamos a construir uma espécie de memória do Colégio e conseqüentemente, da cidade de Lontras.



**ESTUDEI COLÉGIO REGENTE FEIJÓ**  
(101 membros)

[ver perfil](#)  
[ver fórum](#)  
[ver eventos](#)

### Quais as professores da sua época?

Mostrando 1-10 de 33 [primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

---



[Alvair](#)

**Quais as professores da sua época?**  
Bem eu queria saber se essas ainda moram em Lontras.

Isolde - Professora ensino fundamental  
Miriam Paul - Matemática 5 e 6ª serie  
Cecilia - Ciências  
Zenilda - Portugues  
Udo - Ed. Fisica  
Crista - Secretária  
Irmã Elza - Diretor todas período de 1.974 a 1976

19/11/2005 15:31

---



[Josiani](#)

**resposta**  
a Dona Mirian continua morando em Lontra e é minha vizinha assim como a dona Crista...ambas estão aposentadas... abracos

20/11/2005 09:33

---



[Kathia](#)

**Minha mãe, secretária????**  
Alvair,  
Minha mãe (Crista) nunca foi secretária do Regente Feijó! Fora da sala de aula ela trabalhava com o Centro Cívico e com o coral... Quem trabalhava na secretaria, dentre outras pessoas, era a D.Alvair, não foi também da sua época?  
Bom, como passei muitos anos por lá, fui aluna, dentre outros professores, de:  
Juvelma(1ª série), Waldíria (2ª série), Salete e Rita Duarte (3ª série), Sílvia e Ezilda (4ª série), D.Lúcia (sempre aparecia quando algum prof. faltava) Josefina (Português), Crista (Matemática), Dalmir (Ciências), Neves (História), Selmiro (éééé! Ciências), Renato (Ed. Física), Anuciata (português), o que era marido dela e não lembro o nome (Matemática), Ilma (Geografia), Eliane (Artes). Nossa... quanta gente, e com certeza devo ter esquecido de alguém.  
Um abraço!

24/11/2005 19:32

---



[Alvair](#)

**Sobre D. Crista e Katia**  
Desculpe-me mais eu pensei que fosse, porque sua Mãe estava sempre por ali, na biblioteca e andando pra lá e pra cá.  
Talvez ela era uma espécie de coringa, heheh.  
Bem professora ela na minha época não era.  
Eu tenho até uma foto com ela, era da posse do centro cívico mesmo.  
Acho que foi em 1.976, nossa chapa ganhou e eu fui vice presidente (grande cargo).hehe.  
Quanto as professoras acho que foram de outra época, porque salete Duarte uma loira estudou comigo, será que é a mesma?.

26/11/2005 12:09

---



[Marcia](#)

**Ajudando com os nomes**  
Katia o nome do professor de matemática é Ademir (hoje eles moram em Indaial)  
Eu tive aula com a D. Marina, D. Edenis(nojenta) Marcus(matemática) Antonio e Renato Educação Física, Selmiro (ciências)Dionisio, Valdemar Possamai, D Elfrida Inglês, Prof. Irineu ciências, D Teresinha matemática, Dóris Psicologia,  
Agora a irmã Elza como diretora ninguém merecia, nossa mãe do céu, vivia falando que ia mandar nós assimar o livro negro que ficava naquela sala na entrada do colégio.  
Tenho saudades dos tempos de escola.  
Beijos a todos.

28/11/2005 05:52

[www.orkut.com/CommMsgs.aspx-289790](http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx-289790)

Neste trecho de conversa, aos poucos, a lista inicial de nomes de professores que Alvaír postou na *comunidade*, foi ganhando complementações, como a correção de algumas informações, inclusão de outros nomes e os recortes de geração, já que os participantes que começaram a postar no tópico apresentaram, como Alvaír pede no título do tópico, os professores de sua época, o que aos poucos transformou a pequena lista de professores iniciada Alvaír, numa grande lista que atravessou décadas do Colégio, inclusive o meu nome, que anteriormente postara a lista de nomes de meus professores e fora por outro participante da *comunidade* listado como seu professor. Enfim, as memórias começaram a ser construídas numa negociação do passado, como no caso de Kathia que traz correções à informação de Alvaír sobre Dona Crista ser secretária do Colégio, ao passo que mais abaixo Marcia ajuda Kathia em um nome de professor que ela não lembra – Ademir, de matemática – já situando onde ele e sua esposa, também professora, atualmente residem, o que ajuda a responder a pergunta de Alvaír, no início, sobre quem ainda mora em Lontras. Como Alvaír é alguém que morou em Lontras por alguns anos, mas que há muito tempo esta fora da cidade, este foi um espaço onde ele soube, mais do que receber as informações que ele pede na pergunta do tópico, de outros acontecimentos na cidade ligados a sua pergunta inicial, como quem está morando ou não na cidade, ou ainda, algumas travessuras, ou outras experiências que um ou outro *membro* resolvia contar, em relação àqueles professores ou disciplinas. Ao longo do tópico, essas pequenas informações para além da pergunta inicial, foram compondo histórias paralelas, que na verdade compuseram uma grande história do Colégio e mesmo da cidade de Lontras.

Assim, à medida que essas informações para além da questão central do tópico iam acontecendo, eram criados outros tópicos a fim de recordar pequenas histórias, algumas experienciadas juntas, outras em torno de algum ponto comum – histórias de sala de aula, histórias com a diretora, histórias de datas especiais – que dialogicamente, eram passadas e reconstruídas em espécie de filtro (Bertaux, 1997) entre os participantes, a fim de aos poucos serem abandonados os aspectos mais subjetivos dessas experiências, construindo experiências que pudessem caracterizar uma espécie de memória coletiva daqueles espaços-tempo aos quais se referiam as postagens; considerando-se que, como sugere Alfred Schütz, citado por Daniel Bertaux (1997) “toute expérience de vie comporte une dimension sociale” (Schütz, *apud* BERTAUX, 1997, p. 45). Assim, o conteúdo daqueles tópicos, mesmo que altamente carregados por dimensões subjetivas, estavam de alguma forma reconstruindo não apenas histórias pessoais em pequenas narrativas de vida, mas histórias de um espaço que foi experienciado por estes sujeitos em outros tempos e que constituem assim as suas

experiências não apenas pessoais, mas sociais, sem deixar de considerar que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 2004, p. 55). Outrossim, considerando que estas experiências narradas estão altamente ligadas aos contextos e interlocutores desses participantes daquele espaço, não compondo, pois, a história do Colégio em sua totalidade: a experiência vivida por um, ou outro participante nos tempos de Colégio já foi ressignificada pelas percepções que estes foram construindo ao longo da suas vidas acerca daquelas experiências.

De qualquer forma, para além da construção dessas pequenas histórias paralelas, o que pareceu fundamental naquele tópico – um dos primeiros criados naquele espaço – foi o movimento de fazer com que vários antigos amigos e colegas de turma pudessem se reencontrar, ou mesmo saber de pessoas que não *tinham orkut*, sendo que aos poucos seguiram-se várias postagens que se remetiam diretamente a um ou outro participante que anteriormente postara a resposta do tópico e que eram reconhecidos por outros participantes da *comunidade* que os abordavam com “*é você mesmo?*”, “*quanto tempo*”, “*ainda lembra de mim, estudamos juntos*”, “*por onde anda o nosso colega...*”. Começa um aparente movimento de religar antigas amizades, antigas relações.

O tópico “nostalgia... pra você Alvair”, foi um exemplo emblemático neste mesmo espaço. Criado por José Carlos em dezembro de 2005, o tópico ultrapassou quinhentas postagens, sendo quase cem por cento delas trocadas entre José Carlos e Alvair, amigo de escola de José Carlos. No tópico, José Carlos deixa claro o caráter nostálgico das postagens – como ele nomeia o tópico – ao falar dos antigos amores, “*do José Carlos, menino lindo de olhos verdes que amou a Fábria também menina linda de olhos negros como a noite*”. Lembranças que, são registradas no orkut – “*e que fiquem registradas enquanto o orkut durar*”. Um pouco mais acima, um outro membro fala do presente de Fábria, “*daquele amor que nunca passou de um beijinho no rosto*”, sobre o qual José Carlos escreve mais adiante se sentir mais próximo, pelo simples fato “*de estar novamente no colégio*”, conversando com gente do Colégio, com seus amigos e colegas, “*mesmo que no orkut*”, mesmo que, como ele ainda acrescenta, “*o passado deve ficar onde está mesmo*”. E este é um ponto interessante: não é um passado que está sendo vivido, é um presente que reaproximou o passado – “*é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde*” (Bergson, *apud*, BOSI, op. cit, p. 48 – *grifo meu*) e essa lembrança compõe um presente que é uma experiência vivida e sentida de maneira diversa desse passado. Neste sentido, sugiro que as *comunidades* as quais descrevo ao longo dessa dissertação, religuem pessoas a pessoas, pessoas a lugares ou coisas

e, tão simplesmente isto, do contrário, não sugiro que elas reconstruam as experiências, vivências de outrora.

Essas mais de quinhentas postagens no referido tópico, aconteceram num espaço de tempo de cerca de quatro meses e foram construindo uma série de pequenas histórias, de discussões, de discordâncias e concordâncias que, com a intervenção e contribuição de outros participantes do espaço, muito mais do que constituir um espaço de memória coletiva do Colégio, construiu uma espécie de Colégio no Orkut. Mais ainda: construiu um Alvair também. José Carlos escreve em uma postagem no início do tópico que nem se lembrava quem era Alvair, quando este se referiu a ele em outro tópico e que fora através das postagens que ele fora construindo um Alvair, que não era o mesmo Alvair das suas lembranças do passado, uma amizade com alguém do Colégio de Lontras, que não era mais o Colégio dele, mas que aos poucos foi fazendo ele se sentir em casa de novo – “*graças ao orkut*”.

De outra forma, na “comunidade Lontras”, diferentemente outras duas *comunidades* ligadas ao Colégio, não havia uma aparente “receptividade” entre os participantes: é certo que havia nessas duas uma constante negociação do passado, mas não de maneira tão conflituosa e, por vezes excludente, que acontecia na “comunidade Lontras”: as discussões giravam em torno de política e partidarismo como, trabalhos realizados, ou não pela prefeitura e ações que deveriam ser tomadas em função da melhora nas condições de vida na cidade de Lontras. Seguindo o movimento de meus sujeitos-participantes, que agora estavam participando mais intensamente deste espaço, comecei a acompanhar estas discussões. Brevemente, são elas que, a fim de ir tecendo os fios que compuseram o “ambiente Lontras” no orkut, eu descrevo no próximo item.

#### **4.3. A “COMUNIDADE LONTRAS”: COM OS PÉS NO LOCAL**

A “comunidade Lontras” era constituída basicamente pelos mesmos participantes que compunham as *comunidades* “Estudei Colégio Regente Feijó” e “E.E.B. Regente Feijó” e foi ganhando vitalidade com uma aparente migração da participação dos participantes desses dois últimos espaços. Discutindo problemas atuais da cidade de Lontras, foi concretamente a partir dessa *comunidade* que percebi o caráter local, no sentido geográfico, dessas redes. Parecia-me de fato, que agora, concretamente se pusera os pés no chão da cidade de Lontras.

Nesse espaço, um dos primeiros tópicos que participei era intitulado “vem cá, te conheço?” que funcionava como uma espécie apresentação para os participantes da *comunidade*. As informações requeridas era o nome dos pais, a profissão deles, onde estudou, ou estudava, “*o que fazia da vida*”, entre outras coisas. Foi neste tópico que reencontrei Carol, antiga colega de Colégio, de curso de dança e que fazia parte do círculo de amizades que eu tinha quando morava em Lontras, os quais nos encontrávamos aos finais de semana para irmos até a “Sociedade” – como era tratado por nós a Sociedade Recreativa e Cultural Lontrense – onde funcionava uma danceteria. Aos domingos, costumávamos nos reencontrar no fim da tarde, na “pracinha” em frente à prefeitura, ao redor do chafariz, para rirmos e recordarmos de alguns acontecimentos da noite anterior na “Sociedade”, ou mesmo para voltar lá, já que na época, ela reabria aos domingos à tarde e os pagantes de sábado à noite obtinham desconto na entrada de domingo se apresentassem o ingresso da noite anterior. Entretanto, já como “tópico de apresentação”, parecia que mais do que “convitativo”, ele era excludente: a frase interrogativa “vem cá, te conheço?”, popularizada como bordão de uma personagem do programa Zorra Total, da Rede Globo, era empregado, no caso do seriado, como elemento para afastar aqueles cuja personagem, nas anedotas, considerava inconvenientes.

De fato, ao se dispor a participar da *comunidade*, como era de maneira geral bastante cobrado pelos *membros* desses espaços e encontrar um tópico que colocava, de certa forma, o novo participante “contra a parede”, sugeria a idéia de que se era um intruso no espaço: “*quem é você? O que você faz? Quem são seus pais? Te conheço?*” afinal, se de fato se fizesse parte do grupo, não haveria a necessidade de tal pergunta, em certo sentido, depuradora de diferenças que, como sugere Georg Simmel (2006), tem um significado bastante prático: o de caracterizar o próprio ser humano. Segundo ele, a “história da cultura da humanidade” pode ser compreendida como a história das lutas e conciliações entre os princípios de semelhança e diferença. Segundo ele, seria como que “se cada individualidade sentisse seu significado tão-somente em contraposição com os outros, a ponto de essa contraposição ser criada artificialmente onde antes não existia” (SIMMEL, 2006, p. 46-47). Assim, cada participante, mesmo que subjetivamente, sentiria sua pertença àquele espaço, mais ou menos sólida, mais ou menos frouxa, quando se contrapondo ao grupo, singularizando-se nas suas especificidades em relação àquele espaço e ao mesmo tempo se assemelhando ao grupo, comungando de outros aspectos.

Essa diferenciação, em parte constituidora de um grupo, começou a ficar mais evidente no tópico intitulado “qual a grande obra do atual prefeito?”. Nele, Marcos – com

quem eu havia estudado quase todos os anos de Colégio e que ainda mantinha sua característica de polêmico, como nos tempos de escola, devido a sua teimosia e “pavio curto” – estava “*criando caso*”, como diziam os demais participantes na *comunidade*.

Mesmo tendo aceitado o convite para participar da pesquisa, Marcos não pareceu entusiasmado com o nosso reencontro, ao ponto de mal trocar recados comigo, mas resolvi acompanhar a movimentação ao seu redor na *comunidade*. Esse tópico questionava as obras da atual administração do município, assim como outros que questionavam o que seria feito “se você fosse o prefeito da cidade”; Marcos, ao invés de responder tão somente o que os tópicos pediam, resolvera comparar as três últimas administrações do município com a administração de seu padrinho, em fins dos anos de 1980, onde, segundo Marcos Lontras havia crescido dando um dos “*únicos saltos qualitativos em sua pequena e miserável história*”, já que tinha a sua frente “*um homem de visão, competente e trabalhador*”. Seguiram-se longas discussões, até porque, outro *participante* do espaço, “Fritz”, era filho de um dos ex-prefeitos aos quais Marcos dirigia suas críticas. O assunto girou em torno das leis de responsabilidade fiscal, segundo as quais Fritz argumentara que a administração que Marcos defendia apenas conseguiu construir algumas coisas em Lontras por não respeitar a tal lei e, conseqüentemente, a administração de seu pai, subseqüente à defendida por Marcos, não conseguira alavancar o município, justamente por “*pegar uma prefeitura enterrada em dívidas*”. Mesmo que a discussão começou a partir de discussões políticas, acabou seguindo para defesas pessoais em relação às administrações do município, e defesas frente às acusações mútuas de corrupção envolvendo alguns participantes da *comunidade*, ora apoiando os apontamentos de Marcos, ora apoiando os apontamentos de Fritz num processo de diferenciação que acabou por demarcar aparentemente três grupos distintos: àqueles ligados politicamente às idéias de Fritz e do partido pelo qual seu pai havia sido prefeito; aqueles que simpatizavam com as defesas de Marcos em relação ao seu tio e a sigla partidária por ele defendida e aqueles que tão somente buscavam fazer todo o grupo retornar à discussão sugerida na pergunta que iniciara o tópico, sobre a atual administração do município de Lontras, especialmente abordando a construção do asfalto que ligaria os municípios de Lontras e Rio do Sul.

Desse episódio em diante, ficou evidente que, mesmo que um ou outro integrante de um ou outro grupo tivesse opiniões que fossem compartilhadas por algum participante de algum outro grupo estes se mantinham mais fiéis às opiniões de seu grupo, do que as opiniões de participantes de outros grupos. Começava-se então as trocas de “farpas” especialmente envolvendo siglas partidárias, que como na cidade de Lontras, que teve desde sua

emancipação política em 1961, uma divisão binária – os chamados “colas-branca” e os “manda-brasa”, ou “colas-preta” que se referem, respectivamente às coligações formadas em torno do atual Democratas e PFL, em oposição às coligações em torno do PMDB; discussões estas que foram formando outros pequenos grupos, ligados às siglas do PT e do PSDB, que na última eleição haviam lançado outros dois candidatos às eleições para prefeito da cidade – um fato novo, para um município que historicamente tinha apenas dois candidatos nas disputas para prefeito.

Assim, alguns tópicos que eram postados por algum suposto integrante de um ou outro grupo acabavam por ser deslegitimados pela “oposição”, que procurava desestimular com depreciações às discussões sugeridas em tais tópicos, até que da formação de dois ou três grupos, para outros pequenos microgrupos, chegassem novamente a “individualizar” as opiniões e dentro do espaço, desatar os laços que compunham um ou outro posicionamento – atando e desatando fios – como que se “apaixonar-se e desapaixonar-se” (Bauman, 2004) fosse, de fato, condição para “a sobrevivência na liquidez” daquele espaço, com a necessidade de conexão, mesmo que frouxa, mesmo que para a desconexão e a seguida nova conexão, repetidas vezes.

É nessa época, que as discussões começam a se “acalorar” ainda mais mesmo que saindo do âmbito das discussões políticas, que até então vinham caracterizando a *comunidade*, com a entrada de um novo participante: P.Valdo.

O tópico abaixo, iniciado por Fritz, intitulado “Água da Casan”, marca as primeiras participações de P.Valdo no espaço.



**Lontras**  
(227 membros)

[ver perfil](#)

[ver fórum](#)

[ver eventos](#)

**Água da Casan**

Mostrando 1-4 de 4 [primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

---



**Guilherme (Fritz)**

**Água da Casan**  
Não sei se todos sabem mas está passando por Lontras um abaixo assinado reivindicando melhorias na água da Casan. De sua contribuição e passe essa mensagem adiante!

04/01/2006 03:22

---



**P.Valdo**

fritz,fritz,fritz ai meu bem... traga mais chopp pra nois....la ala la lka la la la la al ala kkkkkkkkkkkkkkkkkkk

09/01/2006 05:32

---



**Armando Pinto**

**Essa contribuição?**  
é em dinheiro?  
Não tenho um tostão furado.  
Sou estudante e sou pobre, não posso contribuir.

09/01/2006 20:59

---



**P.Valdo**

**morto e enterrado fritz**  
contribuir pra que? em dinheiro kkkkkkkkk  
ta ficando loco? abaixo assinado pra que?  
si nem postam nada aqui<<<< qui derá abaixo assinado kkkkkkkkkkkkkkkkkkk  
morto  
e tenho dito kkkkkkkkk

13/01/2006 09:13

[www.orkut.com/Comm.Msgs.aspx.0987765/097654](http://www.orkut.com/Comm.Msgs.aspx.0987765/097654)

No tópico, Fritz convoca os participantes da *comunidade* a fazerem parte de um abaixo-assinado que reivindicava melhorias no abastecimento de água da Casan (Companhia de Águas e Saneamento de Santa Catarina) na cidade de Lontras, que começara a passar por reparos devido a construção do asfalto que ligaria Lontras a Rio do Sul – obra que depois de mais de duas décadas, principiava sair do papel.

Fritz falava de um problema sério que vinha acontecendo em Lontras: a constante falta d'água quase diária, além da distribuição de água imprópria para o consumo, ao passo que P.Valdo responde ao tópico brincando com Fritz (que se chama Guilherme), postando parte do refrão de uma valsinha popular dos festejos da colonização alemã em Santa Catarina, especialmente das *oktoberfests* – “*fritz, fritz, fritz, meu bem, traga um chopp pra nós*”. A postagem de P.Valdo é seguida pela postagem de um outro *fake*, Armando Pinto, também criado pelo “criador” de P.Valdo, que também brincava com o pedido de Fritz para que os participantes contribuíssem com o abaixo-assinado dizendo “*não ter dinheiro para ajudar*”. P.Valdo volta a postar no tópico alertando Fritz de que não adiantaria ele continuar buscando a participação dos membros no abaixo assinado já que mesmo na comunidade eles não contribuíam com postagens “*qui dirá num abaixo assinado*” seguindo-se risadas “*kkkkkkkkkkkk*”.

Assim, criada uma contraposição (Simmel, 2006), irrompeu-se a partir daí uma grande perseguição a Marcos em alguns outros tópicos iniciados na *comunidade*, com ataques já não mais ligados aos debates políticos, sob formas de grupos, mas uma espécie de grupo contra Marcos: era ele quem havia acalorado algumas discussões com Fritz em outros tópicos e agora, “*um pouco sumido do orkut*” dava lugar a outro opositor de Fritz: P.Valdo. Grande parte dos participantes do espaço concluiu que P.Valdo seria Marcos – “*o único que tinha motivos para provocar Fritz e desmerecer as suas postagens*” naquele espaço – e, que não o fazia como “*Marcos mesmo*” porque este havia sido derrotado nos debates com Fritz nos outros tópicos por falta de argumentos – restava-lhe “zuar” com Fritz no espaço, a fim de se vingar do insucesso nas discussões políticas. O embate se dera, não apenas em função da “zuação” com o tópico sobre a água distribuída pela Casan, mas pelo fato de que P.Valdo irrompera-se a “zuar” todos os tópicos que eram postados e, da mesma forma, “zuar” com cada participante que tentasse responder às “provocações”.

As perseguições em poucos dias fizeram com que Marcos tomasse uma atitude extrema: mais do que se desvincular da “comunidade Lontras”, Marcos acabou excluindo a sua conta do orkut, alegando que não tinha “*paciência para aturar essas criancices, que tinha mais o que fazer da vida*” e, que assim podia provar que ele não era P.Valdo. Este, por sua vez

ataca Marcos, acusando-o de ser alguém que “*se acha o tal, o intelectual*”, “*um arrogante [que] se acha o máximo mais lá no fundo [é] um coitado*”, o que acabou gerando um movimento curioso no espaço: grande parte dos demais participantes da *comunidade*, especialmente por já formularem um rótulo de Marcos que segundo alguns deles “*é mesmo metido a ser o tal, arrogante*” e, da mesma forma, “*um espertinho, metido a nerd*”, viam nessa atitude de P.Valdo, o próprio Marcos tentando desviar de si a atenção do grupo como alguém que poderia ser o suspeito em ser P.Valdo, iniciando uma briga dele *como* Marcos. Ou seja, uma briga com ele mesmo (Marcos, enquanto P.Valdo) sendo que, em seguida excluindo o *seu orkut* de Marcos, legitimava uma tentativa de poder continuar “a zuar” com Fritz, em vista da continuidade das discussões políticas, sem que o grupo ligasse o nome de Marcos, ao de P.Valdo. Era, de fato, um plano bastante complexo e, talvez, de sucesso, se a proporção com que a presença incômoda de P.Valdo naquele espaço, não fosse aos poucos cessando a participação naquele espaço.

Em outro tópico, que se inicia com a pergunta de quem seria P.Valdo, com uma série de hipóteses que é levantada por alguns participantes, segue-se uma discussão entre alguns deles que postam anonimamente em direção de P.Valdo e sua noiva Pink, questionando a sua identidade e provocando-a para que ele de alguma forma confirme para o grupo que é realmente Marcos. O tópico havia sido criado por Marcos, um pouco antes de sua saída – que agora aparecia como “anônimo”, já que a sua conta fora excluída do orkut – sendo que o segundo a postar, John\_Constantini, era um outro dito *fake* criado pelo próprio Marcos, como ele mesmo acabou contanto para as irmãs Lílian e Carol no *MSN* depois de excluir sua conta no orkut e que também no *MSN*, me contaram. Logo, reforçou-se a desconfiança sobre Marcos, já que John\_Constantini escreve na *comunidade* que “*já conversou com P.Valdo sobre a sua conduta*”, além de fazer elogios a P.Valdo dizendo que este era alguém de “*estilo e engraçado*”.

O que se seguiu foi uma troca de pequenas ofensas que duraria mais uns quinze dias, principalmente protagonizadas por P.Valdo, que buscava de alguma forma demarcar uma identidade social em um constante processo de “*opposition entre l’individuel et le collective*” (DESCHAMPS, 1987, p. 11), demarcando as suas condições para a constituição dele e daquele espaço social, em diferenciação das condições reivindicadas por grande parte dos demais participantes do espaço para a constituição de suas identidades pessoais.

Aos poucos, essas imbricações fizeram com que a movimentação dos demais participantes da *comunidade* cessasse quase que por completo, sendo que minha participação neste movimento, quando não do “alto do coqueiro”, espreitando o que vinha acontecendo,

estava ainda se construindo de maneira tímida, especialmente por eu estar consciente de não estar me colocando em campo, como antropólogo – ou como aquilo que eu achava que deveria ser uma colocação antropológica em campo.

A bem da verdade, o fato de a figura de P.Valdo incitar certo medo de constrangimentos nos demais participantes daquele espaço que fossem objeto de “zuação” de P.Valdo – que se dedicava na ocasião a fazer pouco caso de qualquer postagem, com qualquer natureza de conteúdo – eu percebia que estava acontecendo com a desconstrução daqueles grupos e com a cessação das participações naquele espaço, uma nova migração, agora, para a *minha comunidade*, a qual eu desejava manter afastada de minha pesquisa. E de fato, começam a emergir vários tópicos e postagens na *minha comunidade*, sendo que seu crescimento se deu de maneira tão emergente que minha presença naquele espaço como *dono da comunidade* começou a ser cobrada por alguns dos *membros* que delas *participavam*, dirigindo a mim postagens na “comunidade Lontras” – “*ei, Jean, tu não vai lá ver o que tá pegando na tua comunidade?*”, ou mais diretamente, no *mural de recados*, do *meu orkut* – “*véio, o P.Valdo tá infernizando a galera na comunidade que tu fez*”.

Como eu me colocaria como pesquisador naquele espaço que eu mesmo criara – mesmo que enquanto nativo – sendo cobrada posições em relação as interações construídas naquele espaço? Mais do que “ver” o que estava acontecendo na *minha comunidade*, ela começava a se tornar neste momento, parte substancial de meu trabalho de pesquisador, já que nos meses que se seguiram as três *comunidades* que eu vinha pesquisando foram praticamente abandonadas em detrimento daquela que eu criara, sendo que percebi que eu precisava me construir, daquele momento em diante não apenas como o “criador da *comunidade*”, como aquele que tinha a possibilidade de gerenciar os acontecimentos naquele espaço, mas a necessidade de me distanciar de mim mesmo enquanto nativo e *dono* daquele espaço, para me construir nele também como pesquisador, considerando que todos esses elementos eram altamente decisivos nos rumos das relações que daí em diante viriam a se constituir. Minha participação como participante *criador* do espaço era inegavelmente constituidora de relações naquele espaço, ao passo que minha participação como pesquisador, muitas vezes tinha interesses diversos da minha participação como nativo: eu começava a me tornar, em alguns momentos, etnógrafo de mim mesmo, como parte desse campo que agora começara a intrincar mais um “fio solto” nesse enredamento dos “espaços Lontras” no orkut e na cidade de Lontras. Mais que isso, entre minha experiência nativa e antropológica em *minha comunidade*, de alguma maneira eu também ajudaria na construção daquele espaço não

apenas como mais um fio a ser enredado na constituição de um ambiente, antes sim, um fio central, o nó dos laços, mediador das demais *comunidades* e da própria cidade de Lontras.

Simbolicamente, o “nascimento” de *minha comunidade* marca mais efetivamente o início da aventura de construir Lontras no orkut, fundando um ambiente onde nos ligamos e religamos à cidade de Lontras e uns aos outros, formando grupos e intrincando outros espaços no ciberespaço, especialmente o *MSN*. Entretanto, aparentemente de alguma forma já religados ao local, a Lontras, a manutenção-mediação dessa religação parecia se dar agora em função, quase que exclusiva, da descoberta de um segredo: quem seria P.Valdo. À descrição do início deste movimento, dedico o próximo capítulo.

## .5.

### ATANDO “NÓS”

#### P.VALDO E A EMERGÊNCIA DE LONTRAS NO ORKUT

Com aquilo que eu compreendi como sendo um “esvaziamento” das participações nas *comunidades* Estudei Colégio Regente Feijó”, “E.E.B. Regente Feijó”, seguidas pela “comunidade Lontras”, a *minha comunidade* começava a emergir como espaço central na constituição de um ambiente de uma cidade de Lontras no orkut; tal movimento, especialmente se referindo a “comunidade Lontras”, se dera especialmente pelas “confusões” protagonizadas por P.Valdo.

A *minha comunidade* – a “comunidade LONTRAS” – havia sido criada, pelo menos quatro meses antes dessa emergência dela, que coincidira agora, com a migração da participação (compreendida como a postagens de tópicos) dos participantes das outras *comunidades* para ela – há que se problematizar que a maioria desses participantes já estavam filiados à *minha comunidade*, mas sem efetivamente participar – vitalizando o espaço, ou mesmo, fazendo-o nascer efetivamente.

Entretanto, diferentemente da “comunidade Lontras”, que se esvaziara em participações devido a presença “incômoda” de P.Valdo, *minha comunidade*, ao contrário, de certa maneira centralizou P.Valdo na construção de interações, cordialmente, ou conflituosamente, organizando e reorganizando grupos, construindo e reconstruindo identidades.

Neste capítulo, procuro descrever como P.Valdo foi se constituindo como uma espécie de chave de manutenção das ligações construídas no “ambiente Lontras” no orkut.

## 5.1. A CHEGADA DE P.VALDO NA *MINHA COMUNIDADE*

P. Valdo entrou na *minha comunidade* em fins de janeiro de 2006. Como a *comunidade* era, naquela ocasião, “não-moderada” – permitindo abertamente que qualquer participantes do orkut pudesse se filiar a ela e da mesma forma, por eu haver me distanciado dela em função da pesquisa, soube de sua filiação e participação naquele espaço quando ainda na “comunidade Lontras” começaram a ser postados mensagens dirigidas a mim, cobrando minha presença como *dono* daquela *comunidade*, visto que era preciso que eu desse “*um jeito naquele tal de P.Valdo que tá lá enchendo todo mundo*”; a “ordem do dia” era, ou saber quem seria esse participante da *comunidade*, ou expulsa-lo do espaço.

A maior parte dos participantes que constituíam ambas as *comunidades* de alguma se conheciam entre si, identificando aqueles *orkuts*, com pessoas da cidade de Lontras, ou ligada a ela – na sua maioria moravam na cidade de Lontras, ou que haviam morado e saído, uns há pouco tempo, outros há muito, para estudar, trabalhar ou mesmo residir em outras cidades por outros motivos, mas de alguma maneira haviam deixado laços e relações que agora os religara a Lontras no orkut – ao passo que aquela figura desconhecida, de nome fático (isto porque P.Valdo seria a abreviatura de Penisvaldo – nome com o qual P.Valdo da Silva iniciou as participações e que mudara depois de algumas provocações) despertava a curiosidade dos participantes. Foi neste momento que comecei a perceber como era construído um *fake*, como já descrevi anteriormente.

Um dos tópicos onde as discussões começaram a ganhar proporção na *minha comunidade* foi o “quem é o P.Valdo???” – postado por um participante que de alguma forma, queria denotar a união do grupo – pois P.Valdo, desde o início, procurou deixar claro que mesmo sendo um estranho para os participantes, conhecia a maioria dos habitantes da cidade e da mesma forma, os participantes do espaço, evocando o nome de vários deles com certa intimidade; por vezes lembrava episódios protagonizados por estes participantes em situações às mais diversas, como em bares, festas, ou na E. E. B. Regente Feijó – o Colégio. P.Valdo sabia de acontecimentos, de ligações de parentesco, ou de redes de relações, que somente alguém que morasse, ou que ao menos já houvesse residido por algum tempo na cidade de Lontras saberia dizer.

Em uma conversa entre um participante que postava anonimamente e P.Valdo são feitos comentários sobre um episódio em que Marcos possivelmente estaria envolvido em uma “bebedeira” na “Sociedade” – “*tava que não parava em pé aquele porco cachaceiro*”,

escreveu P.Valdo. O “anônimo” respondeu que “*ele é dado pra essas coisa*”, e P.Valdo concluiu que “*e ele ainda dá uma de gostosaum, quer arrasa com as mininas*”. Em outro momento P.Valdo também brinca com algumas acusações, como a de ser o “Rosa” (como é chamado Tarles da Rosa), ou o “Hinsching” (Deivis Hinsching), dois jovens, moradores da cidade de Lontras, que nem ao menos eram participantes da *minha comunidade*, mas que haviam participado muito pouco da “comunidade Lontras”, especialmente nas discussões sobre as obras da prefeitura.

No episódio do “Hinsching”, novamente eu remetia as minhas atenções à intrincação entre a cidade de Lontras e o orkut – um espaço constituindo a vida social de outro e vice-versa. “Hinsching”, mais do que acusado de ser P.Valdo, sofre ameaças de violência e Pink, a noiva de P.Valdo, dizia estar com medo de ficar viúva: “*o pessoal quer ti pegar, né moção?*”, se dirigindo ao noivo, enquanto este respondeu que “*kkkkkka, sera muito dificil eu assassina-lo, ele entranhou na minha pele [...] o único problema é que o hinsching está correndo risco de vida*”. “Hinsching” era apontado em algumas postagens como sendo P.Valdo – “*só aquele chato mesmo pra isso*”; escreveu Carol, enquanto P.Valdo brincava com a situação concluindo que ia se “*rachar de ri se a galerinha se reunisse na soci [Sociedade] no domingo pra dar um pau no deivis*”.

P.Valdo por sua vez, cada vez mais postava mensagens que queriam indicar sua proximidade com os participantes do espaço, como “*já fui na tua casa*”, “*conheço o teu irmão*”, “*tu continuas a mesma*”, ou “*faz tempo que não te vejo*” que de certo modo, são bastante vagas, mas que no bojo das discussões incitava mais ainda os conflitos. Assim, à proporção que o ambiente estava sendo constantemente construído intrincando cada vez mais o orkut e a cidade de Lontras, P.Valdo começava a negociar a sua aceitação no grupo sem se desfazer de sua condição de *fake*, que lembra a de um “estrangeiro”.

Mesmo que no orkut todos sejam convidados, quem enviou o convite para a entrada de P.Valdo foi seu “criador” e mesmo ele conhecendo todos os participantes do ambiente, ele não correspondia a ninguém da cidade de Lontras – salvo é claro nas hipóteses levantadas, de modo que a relação dele com os participantes do ambiente era paradoxal: ele se considerava familiar ao espaço e a cidade de Lontras e até mesmo bastante íntimo dos participantes, entretanto, para os participantes ele era um estranho, um desconhecido, ou salvo as limitações da aproximação à sugestão de Simmel (1983a), um estrangeiro.

Georg Simmel (1983a) sugere que os “estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular: o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade” (SIMMEL, 1983a, p. 187).

Para o autor, de modo geral, o estrangeiro é um “elemento não-comum”, já que a sua presença em algum lugar encarna uma proximidade no grupo que não pode ser negada, ao passo que a sua origem “estranha” gera uma distância, da mesma forma inegável. No caso de P.Valdo, essa condição de estrangeiro parecia ser construída por ele, já que ele tinha como opção se “desmascarar”, como apelava grande parte dos participantes. De qualquer forma, mesmo *com* a presença do *fake*, ou talvez, *pela* presença dele, em pouco tempo a *minha comunidade* foi ganhando mais participantes e logo já somávamos mais de sessenta pessoas, sendo que a “irritação” do grupo começou a se acentuar com as respostas *off-topic* de P.Valdo nos tópicos postados.

Como descreve Maria Elisa Máximo (2002) em seu trabalho *Compartilhando Regras de Fala*, as discussões que ocorriam no interior de uma lista de discussão intitulada *Cibercultura*, também aconteciam em tópicos que segundo ela “configura um *evento comunicativo* nos quais os participantes compartilham de *códigos e regras de fala* específicas” (MÁXIMO, 2002, p. 135) e onde era necessário que o grupo estabelecesse quais eram os tópicos que estavam de acordo com o propósito das discussões da lista. Assim, “a pertinência dos tópicos [era] negociada pelos participantes da lista no decorrer das interações” (ibid, p. 136) que poderiam assumir muitas formas e qualidades. P.Valdo começara a se tornar “polêmico” – como ele mesmo fazia referência de si – ao participar dos tópicos sem responder ao que eles pediam: como ele mesmo dizia, entrava, “*pra zuar e tirar uma onda com o pessoal*”, inclusive ironizando as postagens dos colegas de *comunidade*, nos tópicos – rompendo com supostos *códigos e regras de fala* do espaço, mesmo que estes nunca foram de maneira exclusiva negociados.

Entretanto, para além desta discussão, o que de alguma maneira “irritava” os participantes da *comunidade* não era tão simplesmente suas respostas *off-topic*, era antes de tudo, o simples fato de ele *estar ali* – era a sua presença o fator-conflito – aquele espaço estava sendo construído como uma espaço para ligar e religar pessoas e a cidade de Lontras e, a menos que P.Valdo se “desmascarasse”, ele era alguém que não compartilhava do fator base para a permanência naquele espaço: ser lontrense. Certamente que P.Valdo não estava disposto a dar continuidade nos debates iniciados nos tópicos, seguindo uma “lógica” idealizada pelo grupo; ficava evidente que, como P.Valdo por várias vezes “clamou” naquele espaço, o que ele queria era “*uma coisa mais agitada*” onde “*a gente pudesse dizer que tava em comunidade mesmo, com a galera participando de verdade, brincando*”, sendo que para isso ele começou a articular-se por outras astúcias, afinal o que ele queria mesmo é que os

participantes apenas se ligassem mais, se religassem, sentissem uns aos outros mais intensamente, mesmo que isso acontecesse via troca xingamentos, ou ofensas.

Maffesoli (2001), ao refletir sobre uma espécie de “nomadismo pós-moderno”, dá destaque ao que ele chama sob uma ótica presenteísta, de vagabundo, como aquele que rompe com os projetos e sai errante mundo afora, movido pelo sentimento; que vai além; que vive o instante com intensidade. Segundo ele, essa “errância é coisa do tipo que, além do seu aspecto fundador de todo o conjunto social, traduz bem a pluralidade das pessoas, e a duplicidade da existência” (MAFFESOLI, 2001, p. 16), já que se trata de uma forma discreta de se extrapolar as ordens estabelecidas – às vezes mais, às vezes menos violentamente, como nas supostas regras e códigos dos tópicos de discussão. Como o autor continua, esse extrapolar sugere uma paixão desregrada - desregrante, que move aquele que ele chama de errante, transformando de uma maneira ou outra o conjunto social, como no caso desse “estrangeiro” na *minha comunidade*, P.Valdo, que como “anômico de hoje, em sua força libertária” lembra Maffesoli (2001) de forma quase profética, “é freqüentemente o mesmo que funda o canônico de amanhã” (id.).

Para tanto, esse autor mostra que há uma série de “rituais” que “domesticam e integram” esse errante, esse “estrangeiro” que se desloca para outros espaços – como que fosse preciso adequar, acomodar este estrangeiro a “consciência coletiva” desse outro espaço. Maffesoli (2001) se refere a dúvida em relação àquilo que vem de fora, que precisa ser acomodado, negociado com o grupo – negociando o próprio grupo – mas que não precisa ser, necessariamente, mudado:

[...] longe de ser uma degeneração daquilo que é estranho, é uma constante integração, ainda que conflituosa, disto [...] ligar a terra, o enraizamento e aquele além, qualquer que seja seu nome, ao qual todo mundo inspira. Religação do eu empírico e suas potencialidades. *Dialética sem fim da necessidade de segurança e do desejo de desligamento*. Ligação conflituosa entre o necessário sedentarismo e a pulsão do outro lugar que, pontualmente, atormenta o corpo social (MAFFESOLI, 2001, p. 102-103 – *grifo meu*).

P.Valdo, mais ou menos conflituosamente, negociava de alguma forma a sua aceitação na *comunidade* e o fazia, de certa maneira, impondo a sua presença. E a procura por “desmascará-lo”, por descobrir quem era aquele “estrangeiro” que conhecia os participantes daquelas *comunidades* e se divertia com essa situação de ser “aquele além”, foi o que começava a movimentar boa parte dos *participantes* da *minha comunidade* nessa aventura: seu jeito descomprometido, vagabundo, incomodava o grupo e tudo acabava, de uma forma ou outra se transformando em motivo de discussão, sempre incitando-o a se revelar: em uma

conversa entre P.Valdo e Pink, na *minha comunidade* eles “ironizam” essa “aventura de desmascará-lo” que começava a ser construída iminentemente, na *minha comunidade*; dizia ele: “*eu mi racho de rir, kkkkkkkkkkkkkk, agora vai começar a batalha para saber quem esta debaixo da máscara de Penisvaldo, kkkkkkk eu mi racho*” e Pink concluía: “*eles acham que é facil saber quem esta por tras de um fake*”.

Neste sentido, salvo as particularidades dos campos, sugiro uma breve aproximação com um trabalho intitulado *Um Doctor Ndembu em Acción*, onde Victor Turner nos faz refletir sobre o processo de cura de uma mal-estar, primeiramente individual e que passa a se tornar um mal-estar social. É a narrativa de uma cura xamânica entre os Ndembu onde o xamã aplica algumas ventosas sobre o doente, que se retira do convívio dos outros membros do grupo, acusando-os de estarem desfavoráveis a ele. Segue um abatimento sobre todo o grupo que logo começa a participar desse processo de cura do doente. Entretanto, quando o doente começa a melhorar, todo o grupo começa a melhorar:

[...] sería sin duda de gran alivio para muchos de los que sufren de enfermedades neuróticas, que todos aquellos que se encuentran implicados en sus mismas redes sociales, pudieran reunirse y públicamente confesar sus malos deseos contra el paciente, a la vez que disponerse a escuchar los motivos de resentimiento habidos contra ellos (TURNER, 1980, p. 439).

Segundo Turner, o mal-estar do grupo começaria a ser resolvido na mesma proporção em que o mal-estar do doente também é resolvido. Seria nessa espécie de “compartilhar do drama”, na mútua compreensão do mal que se abate tanto sobre alguém em particular, quanto, conseqüentemente sobre todo o grupo envolvido, que ele é aliviado, ou resolvido.

Quando busquei analisar todo esse processo de interação que foi dando *corpus* à *minha comunidade*, percebi que o grupo, assim como os Ndembo, na cura do seu doente, teve um importante papel para a constituição e aceitação de P.Valdo, quanto para a manutenção do próprio grupo, especialmente nas situações conflituosas. De maneira mais ampla, o grupo começou a se livrar do mal-estar que se abatia sobre ele, com a emergência da “Rádio Jovem Lontras”, que me dedico à descrição no próximo capítulo.

P.Valdo foi se construindo – e sendo construído – como um vetor substancial das interações na *minha comunidade* e mais do que isso, ele foi aquilo que fez nascer esse espaço – fazendo praticar um lugar (De Certeau, 2003). Aos poucos, ele começou a pedir para ser adicionado às listas *meus amigos* dos demais participantes da *comunidade* argumentando que “*fazia tempo que não o via*”, ou que “*somos amigos há tanto tempo*”, o que em certa medida

acentuava a idéia da proximidade deste “estrangeiro” com a cidade de Lontras e com os participantes do ambiente. As desconfianças, curiosidades e acusações em torno de quem seria P.Valdo dão início a uma verdadeira luta em busca de saber quem seria o estrangeiro P.Valdo procurando intimidá-lo com ameaças, insultos e pressões das mais diversas formas, como dizendo conhecer a esposa dele, ou conhecer o irmão dele, numa tentativa de que alguma espécie de ato falho de P.Valdo pudesse “desmascará-lo”.

Entretanto, tal movimentação em torno da figura de P. Valdo, ao contrário da intenção do grupo, de encurralar-lhe a fim de que intimidado e enfraquecido ele fosse se revelar, o fortaleceu. Como sugere Maffesoli (2004c), ao se referir ao *daimon* – a “força do mal” – traduzido naquilo que é chamado de loucura, de hedonismo, de impulso, de fantasia. Segundo ele, esse *daimon* é cada vez mais integrado à vida cotidiana e “traduz o extravasamento do eu por outra coisa que não o eu. Desejo de infinitude tentando encontrar, viver outra coisa além do simples enquadramento identitário” (MAFFESOLI, 2004c, p. 116). P.Valdo ganhava força e motivação naquilo que viria a se tornar uma aventura pagã – no seu sentido etimológico, daquele que ama a terra, do camponês – em busca da sua aceitação naquele espaço, na sua terra. Assim, a aceitação que ele buscava não era daquele que estava “por detrás da máscara” de P.Valdo, mas sim do próprio P.Valdo, assim como ele fora se construindo e se firmando como “alguém”, como um participante, um sujeito, mesmo que de maneira conflituosa. Passados cerca de cinco meses da entrada de P.Valdo na “comunidade”, a discussão em torno da “identidade” de P.Valdo, ao contrário de se enfraquecer se fortalecia ainda mais; como comentava Marcos comigo no MSN, “*descobrir esse cara agora é uma questão de honra*”.

Estávamos em meados de abril e muitos episódios acabaram tomando grandes proporções nesse período: o principal deles foi a volta de Marcos ao orkut, especialmente motivado para entrar na *minha comunidade* para desmascarar P.Valdo, como uma espécie de “justiceiro orkutiano”, como ele mesmo se definiu arbitrariamente, dizendo encarnar uma vontade do grupo, entretanto com fins de fazer uma vingança pessoal.

## 5.2. UM “JUSTICEIRO ORKUTIANO”

Marcos sempre morou na cidade de Lontras e até pouco menos de sete anos, mantínhamos uma grande ligação. Estudávamos juntos na E.E.B. Regente Feijó e chegamos a

tocar juntos numa “banda de garagem” que eu, ele e outros dois amigos que estudávamos no último ano do Ensino Médio – Jaison e Rodrigo – fundamos; na ocasião utilizávamos as dependências do próprio Colégio para os ensaios nas manhãs de sábado. Também costumávamos sair todos para “as festas” de fim de semana. Com o fim do Ensino Médio, acabamos todos tomando rumos diferentes: Rodrigo foi para a cidade vizinha de Rio do Sul, trabalhar com o pai e começando também a tocar em outra banda. Jaison, que já trabalhava como promotor de vendas, começou a dedicar mais tempo ao trabalho, trabalhando inclusive em outras cidades da região. Marcos começou a trabalhar numa indústria, na cidade de Rio do Sul e eu, comecei o curso de Psicologia e pouco tempo mais tarde vim para Florianópolis, fazer Pós-Graduação. Dentre os quatro grandes amigos de Colégio, além de mim, apenas Marcos era usuário do orkut. Logo nos religamos, adicionando-nos às nossas listas *meus amigos* e no *MSN*. De fato, o ambiente do qual tenho falado ao longo da dissertação extrapolava os limites do orkut.

Em uma de nossas conversas no *MSN*, Marcos aponta que seus motivos para excluir *seu orkut*, meses antes de sua volta, estavam de alguma forma ligados diretamente a P.Valdo, mas que a principal motivação ainda era o fato de que, com a possibilidade de poder acompanhar a vida de outros participantes do orkut – ao menos o que os participantes apresentam no orkut – Marcos dizia se sentir incomodado em ver algumas meninas com quem tinha namorado e, que estavam agora “*aparecendo felizes em fotos com outros caras, uns babacas*”. Dizendo-se possessivo, disse ter preferido sair do orkut para não se machucar com o que via; mesmo assim, Marcos ora ou outra voltava a apontar que o principal motivo de haver saído do orkut estava ligado realmente a P.Valdo, em função dos conflitos entre ambos, em janeiro. Entretanto, naquela época, Marcos não conversava muito comigo e, depois de sua saída do orkut, perdemos o contato por algum tempo, inclusive no *MSN*.

Quando retoma as conversas no *MSN*, comigo e com Carol, Marcos começara a ficar a par das provocações que P.Valdo lhe dirigia no orkut, mesmo sem a sua presença lá. É nesta época que começo a ficar preocupado com minha condição de pesquisador: Marcos, Carol, Liliam e mesmo P.Valdo, estariam me vendo como pesquisador? Será que eu havia conseguido me construir como pesquisador para eles e para mim? Sim, porque “as fofocas” que Carol e eu fazíamos a Marcos sobre o que P.Valdo falava dele na *comunidade*, foram um dos principais motivos para a sua volta ao orkut e pior, seria eu mesmo quem enviaria o convite para o seu retorno: as “brigas”, ao mesmo tempo vitalizavam a *minha comunidade* de nativo indicando interação e podiam ser construídas como objetos de pesquisa na *minha comunidade* de pesquisador – talvez fosse o caso, na introdução deste trabalho, eu apresentar

um Jean que também foi sujeito-participante de minha pesquisa; eu olhava para mim mesmo e me perguntava; “que diabos eu acho que estou fazendo aqui, quando acho que estou fazendo antropologia?”.

Eu nunca me “empolgara” tanto com o orkut como nativo – até então aquilo de trocar recados, de encontrar pessoas, lugares, me ligar e religar a eles era interessante, mas era mais “terapêutico”, no sentido de “estar-junto” para pendurar algumas angústias no cabide (Bauman, 2003) e agora, eu passara horas de meu dia naquele espaço e outra boa parte, organizando trabalhos, leituras para “sobrar mais tempo” para estar lá novamente, curioso por saber o que a minha última postagem havia gerado – “será que mais uma briguinha?”, “será que P.Valdo ‘se queimou’ com o que postei?”. Ao mesmo tempo, a pesquisa também nunca esteve tão interessante: eu tinha muita coisa para descrever, mal dava conta de meu diário de campo; “chovia” informações, problemas, pontes com teorias. Por fim, eu chegara a acreditar que o que de mais sensato eu poderia fazer era encerrar meu trabalho de campo por haver construído um caminho onde eu não conseguiria mais me construir como pesquisador naquele espaço.

Neste período, eu conversei com um de meus ex-alunos do Colégio, que estava adicionado ao meu *MSN*, no caso o filho do proprietário do “Bar do Scheidt”, localizado na “pracinha” de Lontras; era madrugada de domingo para segunda e ele iniciou a conversa comigo dizendo:

Hoje tava um pessoal aqui na lanchonete falando da tua comunidade, que tu fez pra Lontras. Tava a Carol, o Marcos, a Charlene e a irmã da Carol; quase se pegaram lá, porque elas tavam dizendo que o Marcos era o tal do Penisvaldo e ele negando, bravo [...] daí ficaram falando do cara um tempão, rindo das palhaçadas dele e falando de quem da cidade poderia ser [o P.Valdo], [...] até de ti falaram.

Ainda enquanto eu conversava com o ex-aluno, aproveitei para abrir “outra janela” de internet para entrar no orkut e comentar na *minha comunidade* o que havia ocorrido no “Bar do Scheidt” horas antes, mas hesitei e apenas deixei um recado no *orkut* de Carol perguntando se eles já tinham “*fechado o caso*” sobre quem era P.Valdo, enquanto estavam no “Scheidt”, é claro, sem revelar a fonte dessa informação.

No dia seguinte, Carol abriu um tópico chamando P.Valdo de fofoqueiro e perguntando para ele “*como é que o Jean sabe da conversa do bar do Scheidt*”, concluindo que isto era muito estranho. De fato, o que me pareceu estranho foi ela perguntar para P.Valdo e não para mim, que havia deixado o recado. Eu começava a desconfiar que havia alguma outra ligação entre eles; que Carol sabia quem era P.Valdo, pois para ele ser fofoqueiro, ele

também já deveria saber do assunto, para contar para mim e só depois eu deixar o recado para ela.

Carol continuou o tópico escrevendo que “*o Marcos disse que só volta pro orkut quando fizerem uma comunidade em homenagem a ele: ‘volta Marcos, por favor’ com no mínimo 50 membros*”. P.Valdo respondera que ele é quem havia me contado sobre o bar, pois era meu amigo e que ele queria ver “*quem será o ignorante que vai fazer uma comunidade pra aquela merda e quem vão ser os 50 mais ignorantes que vão entrar nela... kkkkkkk, eu sou obrigado a mi cagar de rir, kkkkkk*”. Foi então que eu, na noite seguinte, ainda intrigado com a atitude de Carol naquela manhã, comecei a conversar com Marcos sobre este fato descrevendo as risadas e provocações de Carol e P.Valdo ao conversarem sobre a tal *comunidade* para homenagear-lhe. Marcos, irritado, diz querer “fazer justiça com as próprias mãos” e me pede que eu lhe envie um convite para retornar ao orkut com o compromisso de, logo que construisse novamente o *seu orkut*, me excluísse temporariamente de sua lista *meus amigos*, a fim de que Carol e P.Valdo não soubessem que eu o havia trazido de volta para o orkut<sup>36</sup>.

Marcos retorna ao orkut e já em seguida se filia à *minha comunidade* deixando logo de início um tópico – “de volta” – abrindo-o com ironia em relação a sua ligação com P.Valdo. Escreveu ele: “*atendendo aos pedidos incessantes de P.Valdo, eu estou de volta*”. Logo de início, Marcos, se intitulando “justiceiro orkutiano”, entra acusando novamente “o Rosa” de ser P.Valdo. Marcos se dirige a P.Valdo como “*mermão*” – meu irmão – maneira que, segundo Marcos, “o Rosa” interpela seus amigos nas conversas. Na continuidade das postagens, Marcos continua fazendo referências às conversas que teve com “o Rosa” em uma festa dizendo que não acreditara “*ter tomado uma gelada com o P.Valdo*” e ele não ter tido coragem de se confessar. Mesmo que várias hipóteses e acusações já tivessem sido criadas para saber quem seria P.Valdo, as acusações de Marcos tinham de certa forma, uma intencionalidade diferente da maioria do grupo: como aparece em muitas mensagens destinadas a P.Valdo por alguns *participantes* da “comunidade”, o que se queria é que ele contasse quem era para poder “*dar boas risadas*” de toda a situação que estava acontecendo naquele espaço e, conseqüentemente na cidade de Lontras. Entretanto, Marcos tinha outro propósito: “*fazer P.Valdo engolir cada palavra, cada xingamento, cada ofensa*” dirigida a ele na comunidade. Marcos queria fazer justiça com seu nome – justiça com as próprias mãos, porém falando em nome do grupo.

---

<sup>36</sup> Quem, do orkut, envia convite para alguém via *e-mail*, fica automaticamente adicionado na lista *meu amigos* daquele a quem convidou.

No *MSN*, Marcos conversava comigo praticamente todos os dias a noite depois que voltava do trabalho, pedindo-me ajuda em pontos que pudessem tocar P.Valdo a fim de que de alguma maneira ele pudesse se contradizer. Dizia ele: “*tu é psicólogo, sabe como mexer com os caras, me ajuda aí*”. Eu não queria me envolver mais ainda como nativo em toda aquela aventura de busca da “identidade” de P.Valdo. Na verdade, eu não queria interferir naquele momento da *comunidade* – mas eu fazia parte daquele momento, eu era cúmplice de Marcos em sua volta, desconfiava de Carol e, especialmente alguém com quem P.Valdo tinha bastante abertura de diálogo, já que eu não havia expulsado da *comunidade* logo quando ele entrou “zuando” com os participantes. Mais que isso, em termos de *participação* era eu e P.Valdo quem mais postávamos mensagens nos tópicos em *minha comunidade*; eu precisava fazer antropologia de mim mesmo como participante naquele espaço – minhas participações e envolvimentos eram nativas e não antropológicas – e a exemplo da crítica que Geertz (2002) faz ao se referir da mágica e astúcia do antropólogo em campo, sugeridas por Malinowski – quase camaleão, quase mágico, que não interferia na realidade do grupo estudado, eu sabia que eu era constituinte daquele espaço e que de alguma forma eu precisaria, não deixar de me envolver nos conflitos, mas sim conseguir problematizar a situação que eu vivia naquele espaço, de ora segurar-me ora soltar-me nas interações. Parecia que eu me encontrava num movimento performativo (Butler 1991, 1998), onde, mais do que problematizar as minhas vivências naquele espaço, como nativo e como pesquisador, eu negociava a autorização de meus sujeitos; ora fazia emergir o pesquisador que se constituía na contradição de sujeitos não-autorizados, àqueles os quais eu em outros momentos autorizava em contradição ao pesquisador não autorizado.

Essas negociações de minha identidade em campo, como nativo e como pesquisador, eram conturbadas e uma das vezes em que mais ficou evidente essa minha dificuldade em me construir como investigador começava a acontecer em das muitas conversas com Marcos no *MSN* onde eu o ajudei a criar uma segunda conta no orkut, com um perfil, como conhecido entre os nativos, *fake*. Construimos Sherlock Holmes e seguindo algumas sugestões de acusações que ele e Carol me descreveram no *MSN*, fomos montando uma lista de provas que evidenciariam quem realmente poderia ser P.Valdo – as orientações que eles me passavam diziam respeito às vivências do acusado na cidade de Lontras, às quais eu não podia acompanhar por estar residindo em Florianópolis. Marcos então, seguindo orientações minhas e as de Carol, inicia um tópico intitulado “Caso P.Valdo parte 1”, postando-o como “Holmes” – detetive imortalizado na ficção de Sir Arthur Conan Doyle – que iniciava o tópico dizendo estar infiltrado disfarçadamente entre os participantes da

*comunidade* por alguns dias fazendo investigações sobre o caso P.Valdo, que segundo “ele” apontavam novamente para “Fritz”, que havia protagonizado algumas brigas com Marcos sobre questões políticas na “comunidade Lontras”.

À medida que Marcos, como Holmes, foi postando as “evidências”, P.Valdo foi se defendendo das acusações. Em muito pouco tempo descobrimos que estávamos eu e Marcos e Carol, errados quanto à acusação – a situação se tornou desconfortável, quando “Fritz” começou a postar mensagens para Holmes, indignado por ter sido vítima de tais acusações. Resolvemos abandonar o *fake* Holmes nessa mesma época. O que me deixou de certa forma aliviado: eu era parte daquele núcleo duro na *minha comunidade* e olhava e construía o campo cada vez mais de dentro.

Marcos, com intuito de criar um mais um espaço de interação e ao mesmo tempo, encurralar alguns deles a fim de poder descobrir alguma coisa sobre P.Valdo, resolve criar, ligado à *minha comunidade*, um *fake* do jornalista e apresentador Pedro Bial, da Rede Globo de Televisão e em seguida, uma *comunidade* intitulada “Big Brother Lontras (BBL)”, numa analogia ao programa Big Brother Brasil (BBB), exibido na Rede Globo diariamente, onde 14 participantes, que são escolhidos depois de longa seleção, para ficarem confinados em uma casa por mais de três meses devendo participar de alguns jogos e tarefas, a fim de se manterem na casa. A cada semana um membro é escolhido para sair da casa, sendo que o último a sair, na última edição do programa (sexta edição), ganharia um prêmio de um milhão de reais. Na ocasião o programa Big Brother Brasil estava nas suas últimas e mais acaloradas semanas. No caso, Marcos – “Pedro Bial” – havia criado uma série de regras, em um tópico da “BBL” que sugeria como seriam, idealmente, as interações naquele espaço (imitando os jogos e provas do programa Big Brother Brasil), com o intuito final de metaforizando o programa da televisão, colocar um dos escolhidos no paredão – Marcos se referia a P.Valdo. Entretanto, logo na primeira semana Marcos exclui a *comunidade* sem dar-nos muita explicação, exceto por um “*não tava contente com aquela bosta*”, completando com “*a gente faz o que aquele babaca quer, estamos correndo atrás dele direto*”. Marcos encerra o assunto dizendo ter excluído também seus outros *fakes* – John Constantini, Pablo Medina, Pedro Bial – prometendo “*fazer o que já deveria ter feito desde o início, [desde sua volta] e vou fazer*” aquilo que se propusera: *um orkut* – no caso, *fake* – com o nome de “justiceiro orkutiano”, que prometia desmascarar P.Valdo e trazer “a paz” para *minha comunidade*.

Marcos pede minha ajuda para construir o *fake* e travamos uma discussão no MSN enquanto eu tentava negociar com ele minha condição de pesquisador, alegando já estar muito envolvido na tentativa de descobrir quem era P.Valdo. Marcos parecia não compreender os

meus argumentos – que em certa medida estavam sendo postos à mesa com ele em altura avançada de meu trabalho de campo – e ficara chateado comigo quando eu neguei ajuda na construção de mais um *fake*. Marcos saiu do *MSN* naquele dia deixando “no ar” a suspeita de que eu poderia ser P.Valdo, por me esquivar em ajudá-lo.

O que Marcos não sabia é que ele também começara a ser para mim e para Carol um grande suspeito de ser P.Valdo: suas características eram parecidas em seus modos de vivência – ambos xingavam dissimuladamente, ambos eram arrogantes e, como eu e Carol conhecíamos Marcos há muitos anos, sabíamos que ele era, nas palavras de Carol, bastante “*cara-de-pau para nos zuar*” por tanto tempo. A bem da verdade, todos éramos suspeitos, já que Carol enquanto conversava com Marcos pelo *MSN*, dizia suspeitar de mim, já que eu, como não trabalhava em função do mestrado e naquele contexto, passava cerca de doze horas por dia no orkut, em função do trabalho de campo. Ou seja, para Carol eu era alguém que dispunha de tempo suficiente para criar vários *fakes*, inclusive P.Valdo.

Um certo conflito começava a criar outras direções em nosso grupo – eu, Marcos e Carol – quando os acusados deixam de ser pessoas que não estão na *comunidade*, ou mesmo os outros (compreendendo nós como um núcleo); aqueles menos participantes, para recair sobre nós mesmos. Atirávamos para tantos lados, levantávamos tantas suspeitas e por fim, acabamos acertando em nós mesmos – o círculo se fechava. Como sugere Simmel (1983b), ao escrever sobre o conflito, estes se tornam elementos transformadores nas experiências não apenas sociais de um grupo como nas experiências pessoais de cada um dos envolvidos em um conflito, já que estes conflitos, em geral, são relacionais e produtivos no sentido de mudança e dinâmica dos grupos. Segundo ele, “a experiência cotidiana mostra quão facilmente um conflito entre dois indivíduos transforma cada um deles, não apenas em sua relação um com o outro, mas também consigo mesmo” (SIMMEL, 1983b, p. 150). De fato, as situações de conflito na “comunidade” e agora mais especificamente entre nós, que formávamos um grupo com um objetivo comum – nos fez passar por muitas transformações que ao longo do tempo foram reconfigurando nossas experiências uns com os outros e por fim, nos firmando mais solidamente. Entretanto, nos firmando mais individualmente do que como grupo.

Como descrevo no próximo capítulo, as desconfianças levantadas entre nós, a demora na descoberta do “segredo” de P.Valdo e o insucesso de tentativas de reanimar o grupo, criando outras formas de interação, como jogos na *comunidade* em alguns tópicos como o “o último a postar ganha...” – que promovia uma constante movimentação no espaço, mesmo que o que “se ganharia postando por último” não fosse revelado – ou mesmo, no caso

da eleição para “prefeito da comunidade” que eu mesmo promovi no espaço, foram insuficientes para tornar animar a *comunidade*. Estávamos religados em uma Lontras, que construímos, em parte no orkut, entretanto, não ou muito pouco, interagíamos. O último suspiro da *comunidade* viria com a criação de um tópico, a “Rádio Jovem Lontras”, que completaria “o ciclo” da aventura: depois do início, marcado pela entrada de P.Valdo na *minha comunidade*, era na “Rádio” que aconteceria o momento de maior intensidade das participações e também o fim da aventura, com a revelação do segredo de P.Valdo e a sua impossibilidade de continuar participando naquele espaço.

## “ETERNA, ENQUANTO DURE”

### LONTRAS NO SEGREDO DE P.VALDO

À medida que a movimentação em torno do “tema P.Valdo” foi ganhando corpo, ele também foi ganhando mais “vida”, sentindo-se mais forte e até mesmo, no sentido em que Maffesoli (2001) se refere aos “rituais” de aceitação do estrangeiro no grupo, pelo fato de haver passado por provações e se tornar o “centro das atenções”, ele já não apenas se inseria no grupo, como se transformava em uma espécie de líder construído através da “dissolução” de muitos grupos que tentaram cercá-lo e “desmascará-lo”. P.Valdo estava mais que aceito no espaço e mais que isso ainda, ele começava a despertar um certo ar de heroísmo: de uma maneira, ou outra, era incontestável que P.Valdo fizesse parte do grupo – mesmo com os “*todos os seus defeitos*”, como dizia Carol. Ele se firmara naquele espaço, não sucumbindo às provações do grupo e aparentemente, era ele quem fazia a manutenção – P.Valdo parecia ser a cola – do que nos mantinha religados à Lontras que construímos no orkut.

A intrincação da *minha comunidade* e dos demais ambientes que formavam o ambiente com a cidade de Lontras era evidente – a cidade também era parte do ambiente e P.Valdo, com parte desse ambiente, incluindo a cidade de Lontras também já era inegável, como aparece em uma das últimas conversas que eu tive com Carol, em um encontro casual que tivemos no Terminal Urbano de Ônibus, em Rio do Sul; na ocasião, Carol reconhecia “*a vitória de P.Valdo*”, sugerindo que este já era parte do grupo:

Ai, sabe Jean. Eu aprendi a gostar dele [P.Valdo]. Ele é legal e podia se revelar pra gente. [...] Tem, é claro, aquela coisa de olhar as fotos dele e pensar que ele é nosso amigo, é estranho, sem contar que ele fica o tempo todo se chamando de gostosão, de lindão – ele se acha pra caralho. [...] e aquela risada escrota dele me irrita, ele é muito debochado, não leva nada a sério é só “kkkkkkk”, o tempo todo. Mas eu já me sinto amiga dele... Sabe Jean, acho que eu tô ficando paranóica com essa história. Eu fico doida da vida com ele e depois saio olhando pra todo mundo na rua, que está na comunidade e, fico pensando “será que não é esse?”. [...] Eu tô viciada demais no orkut; eu chego em casa pra almoçar, ou pra jantar antes de ir pra faculdade e depois também, quando volto, e dou sempre uma olhadinha, pra ver se não falaram de mim, pra ver como tão as brigas. Tu também não anda assim? Acho que a gente vai ficar louco!

Na ocasião, lembro de terminarmos a conversa com uma forte risada em uníssono ao nos tomarmos-nos por si, olhando atentamente para um *membro* da *minha comunidade*, que também já havia sido tomado como suspeito em ser o P.Valdo que chegava para esperar o ônibus que levaria ele, eu e Carol, para a cidade de Lontras. Procurar P.Valdo nas pessoas no terminal de ônibus, no próprio ônibus, na cidade de Lontras é trazer ele para estes espaços – “*olhando pra todo mundo na rua*” como me dizia Carol. Neste sentido, ele fazia parte de nosso cotidiano, além do fato de que o *on-line* e *off-line* estavam também enredados em um nó bastante local, a cidade de Lontras.

Carol era considerada pelo restante do pequeno grupo – eu, P.Valdo e Marcos – uma espécie de estrategista. Era dela que saíam algumas das suspeitas mais bizarras, como esta, presente em um diálogo no tópico “Rádio Jovem Lontras”, onde Carol levanta suspeitas em relação ao vigário da Paróquia Santa Luzia. Entretanto, mesmo com essa aceitação de P.Valdo naquele espaço, Carol continuava como uma das pessoas do grupo mais afoitas por descobrir a identidade do *fake*. Naquela mesma semana, Carol conversa comigo no *MSN* sobre um outro jovem da cidade de Lontras: Reginaldo. Segundo ela, Reginaldo a abordou no Terminal de Ônibus em Rio do Sul após a faculdade para falar das brigas que estavam acontecendo na *minha comunidade*, especialmente insinuando saber quem era P.Valdo. Segundo ela, ele somente contaria quem era o *fake* se Carol contasse para ele quem eram os demais *fakes* da *comunidade*. Entretanto, segundo o que Carol contou para mim e para Marcos no *MSN* na mesma noite ainda, Reginaldo insinuara indiretamente, que ele próprio poderia ser P.Valdo. Durante nossa conversa no *MSN*, as evidências que juntos levantamos apontavam também para este caminho, principalmente se levado em consideração um único fato: Reginaldo sabia descrever todos os conflitos que estavam acontecendo na *minha comunidade* com detalhes, sendo que ele nem ao menos estava inscrito nela. Não que não fosse impossível que alguém que não fosse participante pudesse entrar na *comunidade* e mesmo sem postar nada, pudesse acompanhar os acontecimentos. Entretanto, o que chamava atenção é que as interações, quais fossem, em sua maioria, não se iniciavam e terminavam dentro de um mesmo tópico, nem mesmo na *comunidade*, ou no orkut: estávamos enredados ao *off-line*, ao *MSN*, em um ambiente bem mais amplo, sendo que as postagens, os ataques, os xingamentos só faziam sentido se contextualizados nesse ambiente e quase que acompanhados em tempo real, pois eles movimentavam ao mesmo tempo vários tópicos de discussão na *comunidade*, além das discussões que eram levadas até os *orkuts* de cada envolvido nas interações. E Reginaldo sabia dessas interações com detalhes bastante contextuais.

Ainda na mesma noite abordei Reginaldo no *MSN*, já que ele estava adicionado à minha lista de contatos e depois de um pouco de conversa “sem conteúdo”, questionei-o sobre P.Valdo. Em resumo, Reginaldo ficou “brincando” comigo por horas, às vezes inventando pistas que o incriminariam, às vezes desdizendo-as, levando-me a concluir, depois de já ter perdido a paciência com seus “joguinhos”, que ele apenas estava querendo se promover em cima da imagem de P.Valdo, que a estas alturas já estava cada vez mais forte e presente na *comunidade*. A credibilidade de suas informações foi posta à derrocada quando ele afirmou ser ele mesmo o criador de alguns *fakes* que eram participantes da *comunidade*, como o *fake* Sherlock Holmes e, que era por isso que ele estava “a par” de todos os conflitos que vinham ocorrendo na *minha comunidade*. Enfim, como eu e Marcos éramos quem havíamos criado o *fake*, logo percebi que ele estava falseando comigo. Esse fato, lembro, deixou-me profundamente irritado com Reginaldo, a contar que seu histórico em relação a mim e em relação a Marcos, desde a escola, não era dos mais aplaudíveis: Reginaldo era conhecido como “o encrenqueiro da turma”. Ele provocava os colegas e depois se defendia chamando sua mãe para buscá-lo na escola – então passávamos todos por “bandidinhos” e Reginaldo por “mocinho inocente”. Achei, naquele momento, que anos mais tarde, Reginaldo tinha resolvido brincar com nossos ânimos novamente. Coisas de se religar.

De qualquer forma, eu, Marcos e Carol, não descartamos a possibilidade dele conhecer P.Valdo. Carol então aproveitou para levantar mais uma suspeita, um tanto bizarra, no tópico “Rádio Jovem Lontras”. Ela acusava o vigário da Paróquia Santa Luzia, Pe. Enio, de ser P.Valdo. Seguindo as evidências deixadas por Reginaldo de que P.Valdo e ele se conheciam muito bem e que P.Valdo já morara em Lontras, que havia ido embora e retornado à cidade no último mês, Carol sugeriu que P.Valdo só poderia ser o padre, que já morara por cinco anos na cidade e, depois de afastado por mais três ou quatro anos, voltava, sendo que Reginaldo havia estudado no seminário e participava sempre na igreja. Foi então que percebi que como a própria Carol já alertara, estávamos mesmo ficando “paranóicos” com a história de P.Valdo – e eu, novamente envolvido com a busca por descobrir quem era ele. E não pararia por aí.

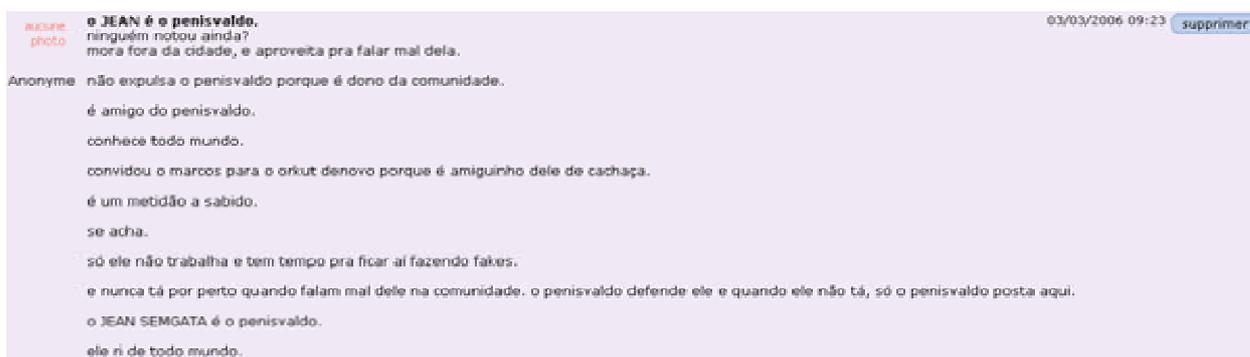
Neste período, outro tipo de suspeita também começava a emergir, entre eu, Marcos e Carol – novamente a suspeita mútua, agora com mais força. Como descrevi no capítulo anterior, eu e Carol tínhamos certa suspeita em relação a Marcos devido ao seu comportamento em relação a nós, fosse na cidade de Lontras, fosse no orkut, ou no *MSN*, especialmente pelo fato de que Marcos foi quem mais havia criado *fakes* na *minha comunidade* – Pedro Bial, John Constantini, Pablo Medina, Barney (o amigo do personagem

de desenhos animados, Fred Flinstone), entre outros que também suspeitávamos – *fakes* estes, que não eram atacados por P.Valdo, como o caso de outros participantes do espaço com os quais ele protagonizava vários conflitos.

Ao mesmo tempo, Carol me alertava pelo *MSN* que Marcos levantava suspeita contra mim ao conversar com ela, também no *MSN* e que se dava cada vez mais certo disso, ao passo que ao conversar comigo, Marcos dizia acreditar que talvez Carol pudesse ser a criadora de P.Valdo – o que logo descartei dado em primeiro lugar que Carol não era dada a palavrões e que nas suas postagens, Carol sempre escrevia com clareza e, salvo alguns erros de digitação e o uso de algumas poucas gírias de internet, Carol não escrevia com tantos erros de português. Mas ela poderia estar fingindo, “parte do personagem”. Marcos também me alertava de que ela poderia estar disfarçando, mas que também não acreditava na “*capacidade de Carol em pensar tanta coisa junto*” – referindo-se ao número grande de *fakes* que P.Valdo administrava – Pink, ele mesmo, Romanos 12 e Dercy Gonçalves.

Parecia que quanto mais eu tentava construir-me como pesquisador daquele espaço e naquele espaço, surgiam outros eventos que me motivavam a “*entrar no rolo*”, como dizia P.Valdo.

Como mostro abaixo em uma postagem no tópico “Radio Jovem Lontras”, começavam a aparecer algumas postagens anônimas acusando-me de ser P.Valdo, especialmente colocando em questão o fato de eu possuir, *lato senso*, bastante “*tempo livre*” para “*cuidar de tantos perfis*”, em referência ao tempo que eu passava no orkut, em campo, enquanto fazia minha pesquisa.



o JEAN é o penisvaldo.  
ninguém notou ainda?  
mora fora da cidade, e aproveita pra falar mal dela.

Anonyme não expulsa o penisvaldo porque é dono da comunidade.  
é amigo do penisvaldo.  
conhece todo mundo.  
convidou o marcos para o orkut de novo porque é amiguinho dele de cachça.  
é um metidão a sabido.  
se acha.  
só ele não trabalha e tem tempo pra ficar aí fazendo fakes.  
e nunca tá por perto quando falam mal dele na comunidade. o penisvaldo defende ele e quando ele não tá, só o penisvaldo posta aqui.  
o JEAN SEMGATA é o penisvaldo.  
ele ri de todo mundo.

03/03/2006 09:23 [supprimer](#)

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=5836383&tid=2451097899079718554>

Como se pode ler na postagem, eu falaria mal da cidade, como fazia P.Valdo, por morar fora dela e não expulsava P.Valdo da *comunidade*, sendo o *dono* dela, porque seria o próprio P.Valdo. Na continuação, eu não trabalhava e seria metido a “*sabidão*”; teria tempo

pra fazer *fakes*, mas nunca estava por perto quando falavam mal de mim, sendo que daí P.Valdo me defendia.

Entretanto, dentre todas essas evidências que foram levantadas, uma delas me deixou bastante incomodado em relação a Marcos. Dizia a acusação: o Jean “*convidou o Marcos de novo para o orkut porque é amiguinho de cachaça dele*”. O incômodo não veio pelo fato de ser chamado de “amiguinho de cachaça”, é sabido que não sou chegado a bebidas, mas porque, ao menos em tese, apenas eu e Marcos sabíamos que eu havia lhe dado o convite para voltar ao orkut, logo, ao menos que ele tivesse contado para mais algum participante da *comunidade*, quebrando nosso segredo, para mim ele se tornava, iminentemente, o suspeito em ter postado anonimamente a acusação de eu ser P.Valdo, a fim de me provocar – e mesmo me acusar.

Um pouco mais tarde, o próprio P.Valdo me defenderia dizendo que ele não era eu, o que na continuidade do tópico acabou por reforçar a suspeita sobre mim, onde novamente postagens anônimas me acusariam de ser P.Valdo e de que a defesa que P.Valdo em relação a acusação que era dada sobre mim, só poderia ter sido eu mesmo, postando como P.Valdo.

Essa mensagem foi postada enquanto, de fato, eu me afastei por alguns dias do orkut. Logo não pude me “defender” assim que postada a acusação. Porém, antes desse acontecimento, como os diversos conflitos tinham de alguma forma afastado alguns participantes da *comunidade*, resolvi criar nessa época uma eleição para “prefeito da comunidade LONTRAS”, pensando em motivar os participantes a voltar a interagir na *comunidade*. Após, lancei o “*edital de candidaturas*”, onde eu procurei regrar a campanha, inclusive deixando claro que o que estava em disputa mesmo seria a “*posse da comunidade*”, uma vez que sendo eu o *donos* dela poderia passar a sua posse para algum participante inscrito no espaço.

A bem da verdade, a idéia das eleições surgiu não simplesmente da não interação dos participantes da *comunidade*, mas de uma conversa que mantive com Marcos no *MSN*. Na ocasião, eu dizia para Marcos que a não participação no espaço que eu havia criado para a cidade de Lontras estava me deixando chateado. Eu não pensava na pesquisa enquanto conversava com Marcos, eu pensava naquele sentimento que motivou a criar o espaço, mas que à exemplo da cidade Lontras, que como aparentemente qualquer pequena cidade de interior, onde todos se conhecem, teve aos poucos, as interações minadas por muitas fofocas, muitas intrigas, muita curiosidade em relação à vida alheia. Era de alguma forma esse o tipo de ambiente que eu havia ajudado a criar; um ambiente que paradoxalmente, ao mesmo tempo

que me fez próximo dos antigos conterrâneos, que fez religar as pessoas afastadas de Lontras, ou afastadas em Lontras, tornou-se um ambiente onde se tinha medo de participar, um ambiente vazio de interação. Como completara Marcos: “*que nem Lontras mesmo né, sem nada pra fazer, só falar da vida dos outros*”. Eu começava a perceber que o que religava não era o que, por si só, mantinha a religação.

Marcos então, prontamente pediu que eu lhe passasse a “posse da comunidade”, argumentando que daria “*um gás nela*”, como dizia na ocasião. Entretanto, eu sabia o que Marcos realmente queria: trazer o “justiceiro orkutiano” para expulsar P.Valdo da *comunidade*, como meio de se vingar dele, mesmo que agora conversavam amistosamente no espaço, trocando inclusive elogios. Para mim, se alguém realmente era merecedor da “posse da comunidade”, esse alguém seria o próprio P.Valdo que lutou pela pertença no espaço, que trouxe vários *membros* para ele e de certa forma, tinha conquistado uma destacada liderança na *comunidade*, se transformando, em certa medida, no cimento que nos mantinha ligados naquele espaço. A bem da verdade se existia de fato um *dono do pedaço* lá, esse *dono* era P.Valdo – minhas atribuições de *owner*, simbolicamente, tinha muito menos expressão do que a liderança de P.Valdo.

Mesmo assim, para que Marcos não se chateasse com um “não”, promovi as eleições, que poderiam ascender novamente as interações na *comunidade*. Entretanto, agora eu acreditava que o fato de não ter passado a *comunidade* para Marcos o havia chateado a ponto de me acusar de ser P.Valdo. No que se seguiu, como eu em certa medida havia previsto, os candidatos à eleição acabaram sendo, unicamente, P.Valdo e Marcos que postaram em tópicos distintos as suas “propostas de governo”.

O primeiro deles, P.Valdo, dizia querer me auxiliar a elevar a *comunidade*, sem é claro, deixar de se auto-elogiar como “*lindão e gostoso*”, como fazia na maioria de suas postagens. Enquanto isso, o projeto de Marcos, mesmo que fosse o de movimentar a *comunidade*, tinha um ar “repressor” ditando uma série de regras que eu, em mais de seis meses desde a criação do espaço, nem cogitara impor: como expulsar todos os *fakes*. A bem da verdade, se comparado com o projeto de Marcos, pode-se dizer que P.Valdo nem se quer tinha projeto: não tinha projeto de campanha, nem projetos na *comunidade*, nem projetos de vida – P.Valdo, parecia exalar hedonismo em suas vivências no espaço; se entregava ao acaso, sem objetivos (Maffesoli, 2003) – numa “vida que se esgota no ato mesmo de sua própria criação” (MAFFESOLI, 2003, p. 14). P.Valdo vivia, em certo sentido, aquilo que Maffesoli (2003) chama de presenteísmo, de um modo de vida intenso, sem projeção, que é infinito enquanto é, sem futuro previsto, feito aventura, demarcado, trágico, mas que é intenso.

P.Valdo era um nômade, mas um nômade ligado desde sua “criação”, ao local, à Lontras, como que encarnando a própria contradição – para “contrariar”, novamente. Seu projeto era presenteísta, mas será que ele ia ao encontro dos anseios de uma *comunidade* com supostas intenções de volta e religação? Por fim, Marcos propunha excluir os tópicos “*com conversa mole*”, enquanto P.Valdo, como até então tinha feito, propunha “*deixar a coisa rolar solta*”. Era Marcos privilegiando o conteúdo e P.Valdo a forma.

De qualquer forma, as eleições foram deixadas de lado na *comunidade* e caíram no esquecimento em função do aparecimento dos chamados clones de participantes daquele espaço. Como que uma nuvem negra sobre a *minha comunidade*, eles encarnavam, segundo os nativos, uma espécie de ameaça iminente, que acabou por levar a *comunidade* por um período de trevas: os *participantes* começaram a ficar com medo de serem clonados, inclusive P.Valdo, que até então parecia inabalável. Novamente, também este foi um momento em que como “criador” (*owner*) da *comunidade*, precisei intervir como nativo na vivência dela, de maneira bem mais consciente do que até então: os clones, como eram chamados, eram também na lógica nativa *fakes*. Entretanto, não mais de artistas, ou personagens, como Dercy Gonçalves, Pedro Bial, ou Holmes, tampouco de sujeitos que foram se constituindo, como P.Valdo. Os clones eram *fakes* de pessoas da própria *comunidade*. Neste caso, todo o *orkut*: os *perfis*, as fotos, as características, as listas *minhas comunidades* de um ou outro participante da *minha comunidade* começou a ser copiada e, sob o “disfarce” dessa outra pessoa, o chamado clone começava a postar ofensas aos outros participantes, gerando grandes confusões. Estávamos diante, acredito, de mais umas das mil maneiras de se inventar no cotidiano (De Certeau, 2003), construindo aparentemente uma outra estratégia de anonimato em um espaço, supostamente constituído por conhecidos e que aparentemente não gostavam muito dos anônimos.

Entretanto, como eram logo percebidos, já que não possuíam os mesmos integrantes da lista *meus amigos* como de “suas matrizes”, os ditos clones eram logo desmascarados. Mesmo assim, um dos primeiros membros a ser clonado foi, ironicamente, o próprio P.Valdo, quando ainda não se sabia o que estava acontecendo – de alguma forma, alguém havia achado uma forma, digamos, eficaz, de enfrentar P.Valdo, clonando o *fake* – *fake de fake*, “*duplamente falso*”, como comentava Marcos entre risos.

A *comunidade*, inclusive o próprio P.Valdo, ficou muito abalada com essa “nova espécie de anonimato”. Antes, havia a possibilidade de se postar tópicos ou mensagens em anônimo, o que em grande medida já gerava uma série de conflitos, pois “anonimamente” era possível que qualquer participante escrevesse qualquer coisa para qualquer outro participante

da *comunidade* sem que fosse identificado. Havia também os ditos *fakes*, que à exemplo de P.Valdo, de alguma forma estavam anônimos no espaço, pois em grande medida não se sabia quem estava por detrás de “suas máscaras”. Estes haviam se proliferado nos últimos tempos antes daquele evento. Entretanto, como o próprio P.Valdo reconheceu, ninguém esperaria que o seu *orkut* fosse clonado. Tal fato, por um lado chegava a ser bastante curioso: para P.Valdo, o fato de ele usar as fotos de um ator indiano e constituir-se em torno de sua figura – aproveitando da beleza das fotos do ator para se chamar constantemente de “*lindão e gostoso*”, era de alguma maneira, “normal”. Agora, alguém fazer o clone de um *fake* para ele era inadmissível: “*brincar com a figura de alguém*”, alguém do meio familiar, era revoltoso, como P.Valdo mesmo afirmava se sentir, “*isso é uma puta traição*”.

Em certa medida, P.Valdo, grosso modo, pôde experienciar-se como uma espécie de antropólogo: por um tempo ele pôde estranhar (e muito) aquilo que ele mesmo fazia “naturalmente” no espaço. Na verdade, acredito que ele tenha estranhado por outro motivo: ele não era mais, nem para ele mesmo, mais um “*simples fake*”, ele era um sujeito. Acabou que eu, como *owner* do espaço fui duramente chamado pelo participantes a tomar uma postura mais rígida para a manutenção da segurança daquele espaço: queriam que eu expulsasse o clone de P.Valdo. Na ocasião, eu argumentei frente ao grupo, que esta era uma atitude que não resolveria “o problema” já que não era preciso estar na *minha comunidade* para clonar o *orkut* de alguém; mesmo assim o grupo foi irredutível, argumentando que só se “sentiriam seguros” se o clone fosse expulso.

Como sugere George Simmel (1983b), uma condição de conflito que invade um grupo pode fazer com que este aproxime “os membros tão estreitamente” que pode os obrigar “a concordar ou se repelir completamente” (SIMMEL, 1983b, p. 154). A *comunidade*, em parte já havia se dissolvido um pouco com a presença de P.Valdo meses antes e o pequeno grupo que ainda participava no espaço, inclusive o próprio P.Valdo, ameaçavam agora, com a presença do clone, a se afastarem – a bem da verdade, o grupo ia se alterando aos poucos, alguns deixavam de participar, outros começavam, mesmo assim, agora havia uma iminente ameaça de total dissolução. Começavam a ser renegociados os laços e as interações no espaço. Minha atitude de expulsar os clones foi bem aceita pelo grupo. Na ocasião, proibi também as postagens anônimas que eram muito freqüentes e que também faziam parte do “pacote de cobranças”. Como grupo, negocieei com os participantes as atitudes mais interessantes para todos.

Entretanto, muitos *owners*, principalmente em *comunidades* bastante numerosas, não costumam fazer negociações. Antes sim, já na descrição destas, determinam algumas

*regras e códigos* que devem ser seguidos pelos membros, para uma melhor manutenção da interação. São alertas como, “não são permitidos jogos”, “não é permitida a veiculação de propagandas”, “cuidado com tópicos repetidos, eles serão deletados”, ou ainda, “não peçam para adicionar mais comunidades” e “não me adicionem como amigo”. Diferentemente do que Máximo (2002) escreve em relação às negociações dessas *regras e códigos* entre os membros dos grupos na lista de discussão que ela estudou, muitas dessas posições no orkut parecem ser tomadas autocraticamente, numa postura de quem parece realmente buscar se firmar como *dono* – no sentido de posse – dessas *comunidades*.

De qualquer maneira, depois de minha tomada de atitude enquanto *owner*, aparentemente, parecia que a crise na *minha comunidade* começava a ser resolvida. Como aponta Simmel (1968), depois de conflitos, longos ou curtos, há redefinições nos grupos e estes começam a tomar outras formas. Nas suas palavras, “as soon as one is fully developed, the next begins to form; after a struggle that may be long or short, it will inevitably succeed its predecessor” (SIMMEL, 1968, p. 11). Entretanto, mesmo resolvidos esses pequenos conflitos, o conflito original, que vinha movimentando toda a *comunidade* até então ainda não havia sido resolvido. Ainda não se sabia que era P.Valdo e ele ia firmando uma espécie de liderança no espaço, construindo outros grupos bastante ativos na *comunidade*, especialmente se construindo agora como “o locutor” da “Rádio Jovem Lontras”, que marcaria o momento de maior intensidade em número de participações e ao mesmo tempo, anunciaria o fim da aventura.

## 6.1. A RÁDIO JOVEM LONTRAS

Por pelo menos duas semanas depois da “faxina” que eu promovera na *minha comunidade* por conta do aparecimento dos ditos clones, o espaço “silenciou” ao ponto de eu acreditar que era o fim daquele espaço. Entretanto esse “silêncio” de alguns dias foi quebrado pelo “som” da “Rádio Jovem Lontras” – um tópico que P.Valdo havia postado, ainda no mês de fevereiro, no fórum de discussões da *comunidade* e que até então tinha sido movimentado muitas poucas vezes.

Como P.Valdo foi quem postou o tópico, ele mesmo se declarou o locutor da “rádio” e foi ele quem assumiu o papel de “animador” daquele espaço. No início, a “rádio” ainda era usada “comunitariamente” para anunciar algumas das “descobertas” em relação à

P.Valdo, como no caso da suspeita de Carol ao apontá-lo como o padre da cidade – na ocasião, Carol postou a notícia na “rádio”, para que simbolicamente pudesse ser ouvida por todos os participantes do espaço.

A categoria animador também foi utilizada por Máximo (2002) ao descrever a dinâmica de interação na lista que estudou. Segunda ela, o papel de animador estava geralmente associado aos fundadores da lista que de alguma forma incitavam a movimentação naquele espaço, lançando sempre tópicos para serem discutidos no grupo. Nas palavras de Máximo (2002), “o *owner*, por exemplo, foi chamado intuitivamente de ‘animador’ da lista, tendo em vista, justamente, esse papel de movimentá-la, propondo tópicos que nem sempre são contemplados com respostas” (MÁXIMO, 2002, p. 169). Essa posição de animador, como sugere a autora, é atestada pelo grupo que assim reconhece o papel que está sendo desempenhado por este animador.

De alguma forma, o grupo foi elegendo P.Valdo como o nato animador da “Rádio Jovem Lontras” pedindo músicas, dicas de horóscopo, fatos que aconteceriam nas novelas durante a semana e especialmente, abrindo um canal legitimado pelo grupo para que P.Valdo desse as suas “alfinetadas” nos participantes do grupo, ou ainda fizesse as suas costumeiras fofocas; na “rádio”, como que em qualquer “rádio”, existia uma certa “imunidade jornalística” que isentava P.Valdo de qualquer culpa em relação ao que ele postava como fofoca, o que antes era motivo de intrigas. De alguma maneira, ele apenas estava publicando, em espaço aberto, o que estava acontecendo na cidade de Lontras, ou mesmo na comunidade, não passando de um porta-voz do grupo. Segundo Goffman (1998) *apud* Máximo (2002), “está implícito que o indivíduo que anima está produzindo seu próprio texto e delimitando sua posição através dele: animador, autor e responsável são um só” (Goffman 1998, p. 88 *apud* MÁXIMO, 2002, p. 169), mas o grupo o legitimava como o mediador, aquele que falava o que o grupo falava, “às escondidas”. Começava a emergir um curioso movimento em torno da “rádio” e conseqüentemente, em torno da figura de P.Valdo. Ao postarem “notícias” na rádio, das mais variadas naturezas, os participantes do espaço iniciavam escrevendo: “*publica aí, locutor*”, “*conta pro povo*”, “*avisa o pessoal*” e seguia a mensagem, que era reescrita por P.Valdo.

As mensagens assim postadas já podiam ser lidas pelos participantes, entretanto de alguma maneira elas precisavam ser editadas pelo animador da rádio, que logo em seguida republicava a mesma notícia, agora com suas próprias palavras, quase sempre iniciando com um, “*como fui avisado*”, ou “*soube por meio de fontes seguras*”, seguindo então a notícia. Se acontecesse de algum “ouvinte” querer responder, estes iniciavam da mesma forma “*avisa*

*para o...*” e seguia a mensagem de resposta. P.Valdo se constituía não apenas como animador, editor, autor e responsável pela rádio, ele de fato mediava as interações naquele espaço.

Um movimento parecido acontecia com as músicas. Os participantes da *comunidade* costumavam pedir músicas para P.Valdo, o locutor da “rádio”, postando mensagens com o nome da música ou do intérprete da canção. Logo em seguida, P.Valdo postava uma mensagem com a letra da música pedida, seguida de uma mensagem de “*curtam a música*”. Curiosamente, os participantes voltavam a postar em seguida, agradecendo o locutor por ter tocado a música deles.

À sua maneira, P.Valdo anunciava com irreverência os acontecimentos ligados à *comunidade*, como a minha falta de participação quando saí em viagem, anunciando meu falecimento e inclusive, terminando a nota com convite para minha missa de sétimo dia a ser presidida por “*Padre Valdo*”, em referência às ainda recentes acusações de Carol de que ele seria o padre da cidade.

A rádio, de alguma forma, estava ambientada não apenas na *minha comunidade*, mas na cidade de Lontras; uma intrincação entre *on-line* e *off-line* sem fronteiras aparentemente demarcadas que podia ser notada ao encontrar alguns dos participantes da *comunidade* na cidade de Lontras. Um desses participantes, Vanessa, que não era desde o início de campo sujeito-participante da pesquisa, mas que aceitou colaborar permitindo o uso de seus diálogos, comentava:

Você tem ouvido a Rádio Jovem Lontras, Jean? A programação é muito divertida, não perco um programa. Não achei que pudesse ser tão divertido assim o orkut. A gente encontra esse pessoal na rua aí sempre, mas quando encontra lá na comunidade é diferente, além do povo que a gente num via há séculos. Meu, só lá a gente comenta coisas que talvez não comentasse aqui, além do que, não dá pra perder as fofquinhas do Penisvaldo – é você ele? Porque, nossa, como ele sabe fuxicos do pessoal aqui da cidade; tem coisa que eu fico sabendo somente lá, além é claro, da programação das novelinhas. Olha, é pra rir muito com aquilo.

P.Valdo procurava de alguma forma integrar a cidade de Lontras à *minha comunidade* no orkut, trazendo para esta elementos que compunham a paisagem de Lontras, ambientando-a com elementos da cidade, fazendo com que cada vez mais se pudesse sentir ligado à Lontras, às coisas do cotidiano da cidade, como ao anunciar “*patrocinadores da rádio*”, como a “*Farmácia do Eloy*”, a loja “*Comercial Cordeiro*”, o “*Posto Texaco*”, o “*Mercado Schöemeller*”, ou a empresa “*Dudalina*”. Era o cotidiano da cidade de Lontras na *minha comunidade*.

Nesse período chegava ao fim o período que eu havia estipulado em meu cronograma de pesquisa de trabalho de campo. Entretanto, mesmo querendo me desligar do campo, um acontecimento me fez voltar a atenção novamente para a *comunidade*: a “explosão” da “Rádio Jovem Lontras”. Até então, a esmagadora maioria dos tópicos criados na *minha comunidade* não haviam recebido postagens que ultrapassem o número de sessenta e ao dar uma “espiada no movimento”. Na semana em que eu fechara o trabalho de campo percebi que a “rádio” já contava com quase 1000 postagens. Aquilo, para mim que tinha acompanhado a *comunidade* praticamente desde o primeiro dia e conseqüentemente, acompanhado a relativa falta interação nela, foi uma surpresa. Percebi que outros participantes estavam interagindo, alguns os quais eu nem sabia da entrada na *comunidade*. Voltei acompanhar a “rádio” por alguns dias e via-a receber uma média de 200 postagens por dia. De certa forma, a *comunidade* nunca estivera tão “viva”, tão movimentada – “*dias de sol forte, depois de tantas tempestades*”, escrevia P.Valdo.

A “programação” da “rádio” estava variada; P.Valdo havia trazido para o espaço pessoas de outras cidades que se ligavam a Lontras em função de amigos e amigas que moravam na cidade. Como alguns deles não a conhecia, ele falava da paisagem de Lontras, das festas que aconteciam na cidade e em seus arredores.

Nestes mesmos dias houve outro acontecimento, esse bastante polêmico, na cidade de Lontras – a publicação na internet de algumas fotos onde aparecia uma jovem bastante conhecida na cidade tendo relações sexuais com outros quatro jovens não identificados nas fotos – três homens e uma outra jovem mulher – sobre o capô de um carro de placas de Rio do Sul, em um lugar aparentemente deserto<sup>37</sup>. Essas fotos foram repassadas para mais de uma centena de pessoas da cidade de Lontras, tornando-se o assunto das “rodas de chimarrão”, das “mesas de bar” e como não poderia deixar de ser, nesse caso, da “Radio Jovem Lontras”. Nesse período, a *comunidade* chegou a receber mais 650 postagens em um só dia, sendo que naquela semana em que a notícia chegou a “rádio”, ocorreram quase 2000 postagens, o que mostrava que a “rádio”, de alguma forma acompanhava as polêmicas do cotidiano da cidade, mais que isso, fazia também parte delas e as potencializava.

Na ocasião, como *owner*, apenas não permiti que se publicasse na *comunidade* o *link* que levaria ao endereço onde as fotos foram publicadas e pedi que se evitassem nomes e ofensas diretas às pessoas envolvidas direta, ou indiretamente no caso. A jovem acabou sendo

---

<sup>37</sup> Com se tratou de uma situação bastante delicada na cidade, envolvendo uma série de pessoas bastante conhecidas e influentes, prefiro não descrever com mais profundidade o caso. Gostaria apenas de trazer alguns elementos para reflexão.

apelidada pelos participantes da “rádio” de “a talentosa de Lontras”, por ser formada em Artes e a fim de não se citar o seu nome – de fato, nenhum nome foi citado em qualquer mensagem – mas o apelido chegou a rebatizar a “rádio” naquele período de “Rádio Jovens Talentos de Lontras”.

De certa maneira, pode-se dizer que naquela ocasião a *comunidade* chegou ao seu ápice de participação e interação. Como dizia P.Valdo – no “*topo do Ibope das rádios*”. Era o auge da aventura de construir uma cidade de Lontras no orkut. Essa idéia de Ibope e de participação estava bastante presente nas falas de P.Valdo que sempre sugeria metas, como: “*até o fim de semana, devemos chegar a 1800 posts*”. Emergia novamente a idéia de uma certa intensidade vivida na superfície, na forma do grupo e não especialmente no conteúdo das relações na rádio. Como nas palavras de Maffesoli (2004b), “*il y a de l’intensité dans la superficialité des phénomènes. Le sens qui ne se tend plus vers um but lointain, se ‘tend dans’ (in tendere) ce qui est vécu, ici et maintenant, avec d’autres*” (MAFFESOLI, 2004b, p. 44). Essa intensa superficialidade pode ser notada, segundo Maffesoli, nos cultos ao corpo, nas tatuagens, nos *piercings* e em tudo aquilo que mesmo sem conteúdo preciso gera o laço social. À “rádio”, à *comunidade*, o que era interessante em última instância, era o laço social que esses espaços geravam. Espaços dos mais diversos tipos de ligações cotidianas.

Nos dias que seguiram o assunto das fotos foi aos poucos deixado de lado com a chegada da Copa do Mundo e com o desfecho da novela Belíssima, que ia ao ar no horário nobre da Rede Globo de Televisão e P.Valdo, numa tarde de sábado, me adiciona no *MSN*. Logo que o aceito ele diz querer se revelar. Curioso, eu não sabia se queria que ele se revelasse para mim: havia me acostumado com a idéia de não saber quem ele era e temia ficar chateado com a possibilidade de ter acertado alguma acusação, ou ter sido, muito pelo contrário, injusto.

Mas ele insiste e se revela: “*eu sou o José Carlos*”, escreveu-me, aparentemente acanhado.

Depois de muita discussão, depois de muita curiosidade, de muitas brigas, xingamentos e especialmente, depois de se deixar de pressionar P.Valdo, ele se revelava para mim: à exemplo da *Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe (2004), que de tão evidente não era vista, José Carlos estava filiado às *comunidades* “Estudei Colégio Regente Feijó”, “E.E.B. Regente Feijó”, “Lontras” e mais recentemente, à *minha comunidade*, participando nas três primeiras, ativamente, sem que desconfiássemos dele.

Em seguida, perguntou se eu queria contar para Carol e Marcos, eu respondi que não, que ele é quem devia fazer isso; eu não achava justo e argumentei que seria melhor que

ele mesmo contasse para não dar o ar de “mais uma suspeita”, ou mesmo que eu já sabia e que mantinha a informação em segredo. Marcos ele resolveu “enrolar” um pouco mais antes de se revelar e este, de fato, ficou bastante chateado comigo e com Carol por não havermos delatado José para ele. Eu nem me importei. Na verdade, eu havia ficado com um nó bastante incômodo na garganta desde aquele sábado, o dia era chuvoso, triste, cinza e de certa forma eu tinha perdido alguém: o amigo P.Valdo.

O segredo depois de revelado não causou nenhum entusiasmo; a bem da verdade ficamos apáticos. À exemplo do que escreve Simmel (1997) sobre o segredo, o seu conteúdo não era realmente importante, importante era sim a sua forma – a forma da relação social que ele engendrava. Segundo Simmel (1997), o segredo é um mecanismo segregador que se destina à constituição e conservação de um grupo já que em torno dele se forma uma muralha e a sua preservação define o grupo. O segredo de P.Valdo, de alguma maneira dava forma ao grupo ao seu redor. O segredo parecia ser o cimento que nos ligava, que defenia os grupos e animava a movimentação naquele espaço que havíamos construído e onde havíamos nos religado: Lontras no orkut.

Depois de sua revelação, uma espécie de nuvem escura se abateu novamente sobre nós, inclusive sobre o próprio P.Valdo, que mesmo contente com a emergência da “rádio” não se sentia mais à vontade para participar na *comunidade*, nem mesmo na “rádio”, sua criação. O drama de José Carlos, na verdade, estava no fato de não conseguir entrar naquele espaço com o seu “verdadeiro” *orkut* – para ele, como mencionou em uma mensagem que me enviara dias depois, P.Valdo havia roubado o seu espaço ali.

Na mensagem enviada por José Carlos, usando a opção *mensagens* que podem ser trocadas entre os usuários do orkut – às quais não são de acesso público, como os recados do *mural de recados* – aparece uma queixa interessante: P.Valdo não dava espaço para ele, seu próprio criador, de participar – a brincadeira fora boa, mas acabou desfazendo a *comunidade*, inclusive José cobrava minha presença, mas eu estava aos poucos “tentando sair de campo”. Enfim, como ele mesmo me dizia no *MSN*, ele já estava cansado de vivenciar P.Valdo: ele o tinha vivido com intensidade, mas agora era chegada a hora de deixá-lo de alguma forma morrer. Em resposta a P.Valdo, eu dizia que ele deveria tentar entrar mais com seu “verdadeiro *orkut*”, a fim de poder conquistar o espaço e aceitação dele também. P.Valdo, cobra minha presença na *comunidade* novamente, dizendo-se abandonado lá. Mesmo assim, depois de compreender minhas razões para um afastamento, ao menos temporário, ele aceita o meu desafio de voltar para o espaço com seus dois *orkuts*, o dele e o de P.Valdo, procurando negociar espaço para ambos.

Dias depois, ainda naquele mês, quando a “rádio” já chegava aos mais de 3.700 postagens, P.Valdo envia-me um *e-mail* dizendo ter o uso do orkut, em seu ambiente de trabalho, bloqueado pela empresa. P.Valdo utilizava aquele acesso para a sua participação na *comunidade* e conseqüentemente, na “Rádio Jovem Lontras”. Como era o tópico “Rádio” que movimentava a *comunidade* na ocasião, a impossibilidade da participação do locutor, animador dela, era praticamente a impossibilidade do funcionamento da “rádio” que passou a ficar sem receber postagens por mais de duas semanas seguidas. Passados mais de três meses desde acontecimento, a rádio não recebeu mais do que 130 postagens, deflagrando aparente ruína que a ausência de P.Valdo no espaço causara. P.Valdo, que por mais de meio ano lutou pela sua aceitação e permanência no espaço, protagonizando conflitos, crises, dando a volta por cima, encarnando até certo ponto a figura do herói popular, ao qual Maffesoli (2004b) faz referência, ao escrever sobre os heróis do esporte, ou da música que “permettent une véritable ‘réalisation’ tribale” (MAFFESOLI, 2004b, p. 67) ao reunirem em torno de si, seja pelo seu modo de se vestir, de se comportar, de falar, um grupo assegurado pela forma compartilhada de maneiras de ser, P.Valdo, na sua irreverência, na sua maneira descomprometida de ser, atraiu outros participantes para a *comunidade* – aqueles que estavam “apenas” conectados a um lugar. Ele definiu e redefiniu os grupos mas agora não podia mais participar.

Independentemente das trajetórias e das intenções de nós, participantes desses espaços, especialmente aquele construído em torno da *minha comunidade*, vivenciamos uma experiência que rompeu com o fluxo de nossas vidas, entre memórias, conflitos e negociações, num período eternamente intenso no presente de sua experimentação. Mesmo assim, diante da tragédia do fim da comunidade fica a sugestão de Simmel (1999) de que “nosotros somos los aventureros de la tierra, nuestra vida está en cada momento dominada por las tensiones que constituyen la aventura” (SIMMEL, 1999, p. 33-34). Uma aventura de encontrar alguém que conhece alguém, na proxemia; uma aventura de construir redes, uma aventura de construir espaços e ambientes de interação. Fim daquela aventura, de mais de cinco meses na *minha comunidade*. Sim. Mas não o fim das aventuras, pois como sugere o autor, nossa vida é constituída por estas aventuras cotidianas; somos todos aventureiros que vamos nos constituindo nesses pequenos instantes eternos (Maffesoli, 2003), tensos, intensos e trágicos, do dia a dia.

Lontras, construída no orkut, foi uma espécie de aventura pagã de nos ligar e religar – aventuras de se religar à terra, de se religar aos laços constituídos na terra, no local – o local que faz elo (Maffesoli, 2004a), que aproxima alguém que conhece alguém, que conhece alguém – local que liga e religa pessoas e que na história de P.Valdo ganhou

vitalidade, transformou-se numa vivência paralela às nossas e durou a eternidade de sua existência trágica; a aventura daquele ambiente e a aventura de P.Valdo se confundiram – os laços que construímos e nos religaram foram tecidos sobre o pano de Lontras, com os fios do segredo de P.Valdo, nos constituindo complexamente, entre o local e o global das redes sociotécnicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### A FRAGILIDADE DO QUE RELIGA

*...ele estava livre, infinitamente,  
a ponto de não mais se sentir sobre a terra.  
Faltava-lhe este peso das relações humanas que entrava o passo,  
essas lágrimas, esse adeuses, essas queixas, essas alegrias –  
tudo o que um homem acaricia ou dilacera toda vez que esboça um gesto,  
esses mil laços que o ligam aos outros e o tornam pesado...*

Antoine de Saint-Exupéry – “O Pequeno Príncipe”.

O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, parece resumir de maneira simples e poética o que busquei refletir ao longo desta dissertação: no ciberespaço, como no mundo do príncipezinho, é possível ir para além, feito aventureiro. É só se prender a algum cometa e ver aonde ele nos deixa. No global das redes sociotécnicas, podemos nos desterritorializar. Mas partimos de nós locais e feito o Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry que voltava todos os dias ao seu planeta-asteróide “B 612”, à sua terra, ao local, voltamos também. E o que o fazia voltar? Era o castelo para ser cuidado, a flor para ser regada, ou a falta dos adeuses, das lágrimas e das alegrias, por onde se aventurava. Não sei. Mas ele voltava todos os dias. E o que nos faz voltar ao nosso local, à nossa terra, aos nossos conhecidos, mesmo quando temos a possibilidade de nos agarrarmos ao cometa e ir para longe? O que não nos prende ao longe, a falta dos adeuses, das queixas, ou de tudo aquilo que nos torna pesados?

A pista central para a construção desta etnografia seria que mesmo com toda a potencialidade de desterritorialização oferecida pelo ciberespaço, haveria um intenso movimento de retorno à terra, ao local. Isso aconteceria pelo fato de que as redes sociotécnicas relativizam o local e o global. Neste caso, mesmo uma rede global como o orkut, seria constituída por um emaranhado de pontos locais que vão formando redes mais ou menos amplas, com múltiplas possibilidades de ligações – como a religação – com suas múltiplas potencialidades de interação, das mais diversas formas e qualidades, como a sociabilidade, a socialidade, o jogo, o conflito, o secretismo, ou mesmo a proxemia. Esta última, bastante potente para a construção de redes no jogo do alguém que conhece alguém que conhece alguém. Desse modo, parece pesar ainda o laço, os adeuses e risos que

construímos em redes que “por mais globalizantes e universalizantes que pareçam, trata-se de fenômenos locais” (RIFIOTIS, 2006, s/p).

Associada a esta pista está a sugestão de Maffesoli (2004b, 2006) de que o local faz laços. Havia um laço que me prendia à cidade de Lontras e da mesma forma, um laço que prendia tantos outros participantes das *comunidades* que constituíram, nelas, no MSN e na própria cidade de Lontras, um ambiente de interação. À medida que fomos nos enredando naquele ambiente, nos prendíamos cada vez mais ao local, reencontrando espaços de constituição e velhas amizades, construindo memórias e interações da mais diversas. De fato, nós nos ligávamos e nos religávamos dentro da rede orkut à cidade de Lontras.

Em relação a estas redes, Maffesoli (2006) sugere que “a *religação* é vivida por *ela mesma*, sem qualquer projeção, seja qual for. Além disso, as redes de amizades podem ser das mais pontuais. Com o auxílio da tecnologia, como, por exemplo, nos reagrupamentos favorecidos pelo Minitel, é no quadro do efêmero de tal ou tal ocasião específica que um certo número de pessoas vai se (re) encontrar (MAFFESOLI, 2006, p. 58 – *grifo no original*). Neste sentido, as mais diversas formas de ligações, especialmente aquelas construídas com o auxílio da internet, como sugerido por Maffesoli (2006), são construídas no quadro do efêmero e remetem pensar em formas de presenteísmo. Mas, no caso do “ambiente Lontras” construímos memórias, nos ligamos a um local que nos era significativo no passado – se existiu algum presenteísmo, ele foi construído, em grande parte, às custas do passado, da memória. Talvez, experimentamos muitas formas de sociação, presenteístas e memorativas, ao mesmo tempo. Talvez em um mesmo espaço, vivemos em temporalidades diferentes e tudo construído intrincadamente, de forma híbrida.

De outro modo, uma tensão parecia emergir sempre que eu me remetia à noção de presenteísmo: especialmente P.Valdo, que era solto e se dizia sem projetos, vivia uma luta por tentar não fazer com que aquelas reuniões não fossem tão efêmeras – marcadas apenas por um estar-junto e, acima de tudo, tinha um projeto: unir os participantes do espaço. Entretanto, especialmente tratado na segunda parte deste trabalho, em *minha comunidade* – na descrição dos constantes conflitos, das constantes negociações do grupo – ficou claro que nem um estar-junto presenteísta, tampouco a memória, davam conta das ligações: constantemente criávamos tópicos que procurassem envolver os participantes do espaço, como eleições ou a “rádio”. Especificamente falando de P.Valdo, ele estava constantemente “sacudindo” os participantes, atacando-os, rindo, dissimulando, construindo-se como alvo de perseguições, tudo, como ele mesmo apontava, com um intuito: vitalizar aquele espaço e torná-lo, como ele mesmo dizia,

“*não apenas numa coleção de caras coladas na home da comunidade*”. O estar-junto apenas, não era o suficiente, era preciso fazer a manutenção das interações naquele espaço e P.Valdo em grande parte se ocupou disto.

Neste sentido, a idéia de aventura (Simmel, 1999) veio dar conta, em boa medida, desse tipo de experiência híbrida e tensa que se viveu no “ambiente Lontras”. Ao mesmo tempo em que se podia se religar naquele espaço, pessoas e lugares, o que fazia religar – no caso, a cidade de Lontras – por si só não dava conta de assegurar o vínculo. A religação era, feito a aventura, vivida mais ou menos intensamente por um período mais ou menos demarcado de tempo. Além disso, era necessário que se sugerisse outras dinâmicas de interação, outras formas de construção de laço, senão estes eram facilmente afrouxados e a ligação se desfazia.

Em outra medida, a aventura caracteriza bem o que se viveu naquele ambiente. Quem sabe seja o sentimento do grupo que lá se constituiu. Não sei. Não posso falar por eles. Mas, certamente para mim, aquelas experiências vividas enquanto nativo e enquanto pesquisador foram intensas e demarcadas, feito aventura. Hoje, sinto novamente que me falta o peso dos mil laços: o fim da *minha comunidade* culminou também com a fim de minha pesquisa de campo e passados quase um ano, apenas agora voltei àquele espaço para ver o que lá acontecia. E pouca coisa mudou desde minha saída: as postagens continuam lá, paradas, onde estavam quando saí, feito pedras. Os “rostos” dos participantes continuam lá, mostrando que há mais de duzentas pessoas ligadas em um espaço que está ligado a Lontras, que constrói uma cidade de Lontras no orkut. Estão lá, mas apenas estão lá; não trocam mensagens naquele espaço nem ao menos para negociar alguma memória. Afinal, nem isto é preciso: está tudo escrito lá, é só ler e senti-las, sozinho, individualizado (e é certo, sem a expressão da performance). Enfim, depois de quase um ano, pergunto que laços são [foram] estes que criamos naquele ambiente? Mais ainda, que laços são estes que criamos no ciberespaço, em nossos contatos no *MSN*, em nossa lista *meus amigos* no orkut ou em nossas agendas nos telefones celulares?

De outro modo, eu perguntaria o que é um *amigo* e o que seria adicionar *amigos*, ou ser adicionado por *amigos* no orkut, senão uma espécie de plano de saúde, ou seguro de vida, do qual somos participantes, mas que aparentemente não desejamos precisar usar de seus serviços? Quem são estes, como me perguntei no início do trabalho, que compõem a minha lista de *amigos* sem que eu conheça pouco mais de 10% deles? Talvez sejam, como sugere Bauman (2007), os participantes da perniciosa dança das cadeiras, agora jogada pra valer. Ou seja, talvez seja parte do jogo da sobrevivência fugaz, de uma vida líquida, precária,

vivida na constante incerteza, onde estas listas de *amigos* se figuram como pequenos cabides que construímos aqui e acolá, a fim de podermos pendurar um pouco das incertezas de nós mesmos.

Assim, começaria a ser desenhada uma aparente fragilidade do “homem-rede” onde os frutos da incerteza têm sabor de probabilidade e como incertezas, dão passos adiante, globalizantes, mas deixando um pé firme, no local; neste sentido, “no cotidiano, o *além* exige a mediação de um *alguém* e é isto que forma pontos nodais de interação dos homens em sociedade e das sociedades nos homens (CASTRO, 2000, p. 160); pontos nodais que são tão complexos como àqueles que os constroem, ou seja, nós mesmos em nosso cotidiano, com nossas certezas e incertezas, idas e vindas, pesos e levezas e entre os apegos mais ou menos viscosos a um ou outro movimento, a uma ou outra coisa que liga e que, cada vez mais parecem de tão fácil descarte.

Neste caminho, Bauman (2007), ao se referir àquilo que ele chama de vida líquida, sugere que cada vez mais vivemos uma vida em condições de incerteza constante. Segundo ele, “as preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás” (BAUMAN, 2006, p. 08) e daí de nos construirmos a nós mesmos e as nossas relações como que numa sucessão constante de reinícios, onde os finais seriam rápidos e indolores e onde se priorizaria muito mais a habilidade de se livrar das coisas, do que de adquiri-las. Neste sentido, uma piada de escárnio insensível que infelizmente parece ser a ordem do vivido na contemporaneidade: “ligar-se ligeiramente a qualquer coisa que se apresente e deixá-la ir embora graciosamente” (BAUMAN, *op. cit.*, p. 12) como fizemos em nossos *orkuts*, ao adicionarmos centenas de *outros orkuts* às nossas listas *meus amigos*, nas dezenas de *comunidades* que adicionamos em nossas listas de *comunidades*. Tantos laços que muitas vezes não sabemos nem ao menos quem são, de onde vem ou porque ali estão. Mas estamos ligados. E isso parece gerar ligeira sensação boa.

\* \* \*

De qualquer modo, uma consideração mais ampla que faço a partir desta experiência de pesquisa é que “fluxos”, “fronteiras” e “híbridos” talvez não sejam palavras-

chave tão apenas da antropologia transnacional, como sugere Hannerz (1997). No caso desta Antropologia do Ciberespaço que temos aos poucos construído, essas palavras parecem traduzir de maneira bastante oportuna uma série de tensões que se constroem em um espaço, como o ciberespaço, que mesmo tão complexo como os demais espaços que a antropologia toma por campo e objeto de suas pesquisas, tem a característica peculiar de nos questionar o tempo todo sobre o que é isto que estamos fazendo neste espaço, sugerindo-nos constantemente que revisemos o nosso estatuto de pesquisador. Parece-me que nossos objetos, nesse campo, também são bastante fluidos e as fronteiras, nossas redes bastante flexíveis e complexas, construindo espaços tão híbridos quanto esses objetos. Tão logo, as reflexões levantadas nesta etnografia estão muito longe de esgotar a complexidade de seu objeto de análise – o orkut – o que por vezes o reduziu em muitos apontamentos.

Mais especificamente, parece-me que o que se pode considerar ao término desta etnografia é que feito o Pequeno Príncipe que pode ir longe (e quer ir), mas que volta sempre, no ciberespaço, especialmente neste exemplo do orkut, também se vive uma tensão entre o ir e o voltar. Uma tensão entre o aventurar-se de forma errante, com intensidade e vivências trágicas, construindo novas ligações, experimentando diversos laços e ao mesmo tempo prender-se ao chão firme, ligar-se à terra, feito pagão.

Os laços que construímos em torno de Lontras e em torno do segredo de P.Valdo, nas memórias, nos presentes, nos conflitos e nas mais diversas formas e qualidades de interação, formaram pontos nodais que nos ligaram, nos religaram, mas que aparentemente, preferimos manter um pouco frouxos, para que pudéssemos ligeiramente desatar quando nos sentíssemos presos demais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Tela Total**: mito-ironias do virtual e da imagem. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERTAUX, Daniel. **Les Récits de Vie**: perspective ethnosociologique. Paris: Nathan, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.
- BRUNO, Fernanda. “Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo”. In: SILVA, D. F.; FRAGOSO, S. (orgs.). **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001, pp. 191-215.
- \_\_\_\_\_. **Máquinas de Ver, Modos de Ser**: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 24, julho de 2004, pp. 110-124.
- BUTLER, Judith. “Imitation and Gender Insubordination”. In: FUSS, Diana. **Inside/Out**: lesbian theories, gay theories. New York & London: Routledge, 1991, pp. 13-31.
- \_\_\_\_\_. “Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’” In: Pagu, 11, 1998, pp. 11-42.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPBELL, John Edward. **Getting it on Online**: cyberspace, gay male sexuality and embodied identity. New York: Harrington Park Press, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTRO, Gustavo de. “Da Fragilidade do Homem-Rede”. In: CASTRO, G.; ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. (orgs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2000, 152-167.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CSORDAS, T. **Embodiment and Experience**: the existencial ground of culture and self. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **Body, Meaning, Healing**: contemporary anthropology of religion. California: Palgrave, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DESCHAMPS, Jean-Claude. “L’Individuel et le collective dans la Representation de Soi”. In: KELLERHALS, Jean; LALIVE, Christian. **La Representation de Soi**: études de sociologie et d’ethnologie. Université de Genève, 1987, pp. 09-18.

EMPOLI, Giuliano da. **Tra Edonismo e Paura**: il nostro futuro brasiliano. Roma: Marsilio Editori, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **Obras e Vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIMARÃES, JR. Mário J. L. **Vivendo no Palace**: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2000.

\_\_\_\_\_. “De Pés Descalços no Ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social *on-line*”. In: Horizontes Antropológicos. Ano 10 – n. 21. Porto Alegre: UFRGS, 2004, pp. 123-154.

GIBSON, Willian. **Neuromancer**. New York: Ace Books, 1984.

GOFFMAN, Erwing. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

GUBER, Rosana. **La Etnografía**: método, campo y reflexividad. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Edward. "A System for the Notation of Proxemic Behavior". In: **American Anthropologist**. Vol. 65, 1963, pp. 1003-1026.

\_\_\_\_\_. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteiras, Híbridos**: palavras-chave da antropologia transnacional. MANA 3(1):739, 1997.

JAURÉGUIBERRY, Francis. **Le Moi, Le Soi et Internet**. Sociologie et Sociétés (32), n. 2. Quebec, 2000.

JONES, Steve G. "Information, Internet, and Community: notes toward an understanding of community in the Information Age". In: JONES, Steve G. (ed.). **Cybersociety 2.0**: revisiting computer-mediated communication and community. London: SAGE Publications, 1998, pp. 01-34.

KEPNER, James. **Body Process**: a gestalt approach to working with the body in psychotherapy. New York. Gestalt Institute of Cleveland press, 1987.

LANGDON, Esther Jean. "Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia". In: TEIXEIRA, J. G. (org.). **Performáticos, Performance e Sociedade**. Brasília: UnB, 1996, pp. 23-29.

LEENHARDT, Maurice. "J'ai un Corps: le nom et la personnalité". In: \_\_\_\_\_. **Gens de la Grande Terre**. Paris: Gallimard, 1937.

\_\_\_\_\_. **Do Kamo**: la persona y el mito em el mundo melanesio. Barcelona: Buenos Aires, 1997.

\_\_\_\_\_. **La Persona a les Societats Primitives**. Barcelona: Icaria, 1995.

LEIRIS, Michel. **O espelho da Tauromaquia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LÉVY-BRÜHL, Lucien. “Indiferencia de la Mentalidad Primitiva a las Causas Mediatas” In: \_\_\_\_\_ . **La Mentalidad Primitiva**. Buenos Aires: Ediciones Lemienten, 1957, pp. 35-55.

\_\_\_\_\_. **El Alma Primitiva**. Barcelona: Ediciones Península, 2003.

LÉVY, Pierre. “Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura”. In: LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2003b.

\_\_\_\_\_. “O ciberespaço como um passo metaevolutivo”. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (orgs.). **A Genealogia do Virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004, pp. 157-170.

LIMA, Tânia Stolze. **Um Peixe Olhou para Mim**: o povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: Unesp, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004.

LÓPEZ, Egleé. **Noções de Corporalidade e Pessoa entre os Jodĩ**. MANA 12(2): 359-388, 2006.

MACLUHAN, Marshall. **El Medio Es la Masaje**: un inventario de efectos. Barcelona: Paidós, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. “Prefácio à Segunda Edição”. In: \_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_. **Notas Sobre a Pós-Modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Le Rythme de la Vie: variations sur les sensibilités postmodernes**. Paris: La Table Ronde, 2004b.

\_\_\_\_\_. **A Parte do Diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004c.

\_\_\_\_\_. “A Ética da Estética”. In: \_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005a, pp. 11-28.

\_\_\_\_\_. “O Lúdico e a Socialidade”. In: \_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005b, pp. 47-60.

\_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUS, George. “Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography”. In: \_\_\_\_\_. **Ethnography Through Thick & Thin**. Princeton: Princeton University Press, 1998, pp. 79-104.

MARQUEZ, Gabriel García. **Memória de Minhas Putas Tristes**. São Paulo: Record, 2005.

MOORE, Henrietta. **Fantasia de Poder e Fantasia de Identidade: gênero, raça e violência**. Cadernos Pagu (14) 2000, pp. 13 -44.

OLIVEIRA, Marina dos Anjos Martins. **Orkut**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

ORWELL, George. **1984**. 29. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 2003.

PEIRANO, Mariza. “Onde Está a Antropologia?”. In: \_\_\_\_\_. **A Teoria Viva: e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, pp. 15-36.

RIFIOTIS, Theophilos. **Antropologia do Ciberespaço**: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 51. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Duas ou Três Coisas Sobre Elas, as Comunidades Virtuais**. XXVII Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2003 (Impresso).

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGATA, Jean. **Na Fogueira On-Line**: uma etnografia da construção de subjetividade e sociabilidade no cotidiano de trabalho dos professores da E. E. B. Regente Feijó de Lontras/SC. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Psicologia. Rio do Sul: UNIDAVI, 2004.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SILVA, Ana Maria Carneiro da. **Reconectando a Sociabilidade On-Line e Off-Line**: trajetórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no *Internet Relay Chat*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Departamento de Sociologia/UNICAMP, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves. **O Antropólogo e sua Magia**. São Paulo: Edusp, 2006.

121

SIMMEL, Georg. **The Conflict in Modern Culture and Other Essays**. New York: Teachers College Press, 1968.

\_\_\_\_\_. “O Estrangeiro”. In: FILHO, Evaristo de Moraes. **Georg Simmel**. Coleção Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983a, pp. 182-188.

\_\_\_\_\_. “Conflito e Estrutura do Grupo”. In: FILHO, Evaristo de Moraes. **Georg Simmel**. Coleção Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983b, pp. 150-164.

\_\_\_\_\_. “La Aventura”. In: \_\_\_\_\_. **Cultura Femenina y Otros Ensayos**. Barcelona: Alba Editorial, 1999, pp. 15-34.

\_\_\_\_\_. “O Nível Social e o Nível Individual”. In: \_\_\_\_\_. **Questões Fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zhar Editor, 2006, pp. 39-58.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

TUCHERMAN, Ieda. “Inventando Corpos”. In: SILVA, D. F.; FRAGOSO, S. (orgs.). **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001, pp. 149-166.

TURNER, Victor. “Un Doctor Ndembu en Acción”. In: \_\_\_\_\_. **La Selva de los Simbolos:** aspectos del ritual Ndembu. Madri: Siglo Veintiuno de Espana Editores AS, 1980, pp. 399-439.

TURKLE, Sherry. **Life on the Screen:** identity in the age of the internet. New York: Simon & Schuster, 1995.

\_\_\_\_\_. “Depoimento a John Brockman”. In: BROCKMAN, John. **Digerati:** encontros com a elite digital. Rio de Janeiro: Campos, 1997, pp. 259-268.

TURNER, Victor. “Un Doctor Ndembu en Acción”. In: \_\_\_\_\_. **La Selva de los Simbolos:** aspectos del ritual Ndembu. Madri: Siglo Veintiuno de Espana Editores AS, 1980, pp. 399-439.

WATSON, Nessim. “Why We Argue About Virtual Community: a case study of the Phish.Net Fan community”. In: JONES, Steve G (ed.). **Virtual Culture:** identity & communication in cybersociety. London: Sage Publications, 1997.

VATTIMO, Gianni. **As Aventuras da Diferença:** o que significa pensar depois de Heidegger e de Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 1988.

VELHO, Gilberto. “Observando o Familiar”. In: \_\_\_\_\_. **Individualismo e Cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, pp. 121-132.

VERSIANI, Daniela. **Texto Coletivo e Auto-Etnografia:** alternativas conceituais às biografias e autobiografias. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-Rio, 2002, pp. 01-06.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté:** os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio.** MANA 2(2): 115-144, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Nativo Relativo.** MANA 8(1): 113-148, 2002a.

\_\_\_\_\_. “Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena”. In: \_\_\_\_\_. **A Inconstância da Alma Selvagem:** e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b, pp. 345-399.

## ARTIGOS DA INTERNET E OUTRAS REFERÊNCIAS

LEMOS, André. **Les Communautés Virtuelles**. 2001. pp. 01-05. Disponível em: [www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/artigos.html](http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/artigos.html)

RIFIOTIS, Theophilos. **Redes Globais dão Origem a Guetos Locais**. (Entrevista). Folha de São Paulo, 29 de novembro de 2006.

\* \* \*

ÉPOCA (Revista). “Você também está no Orkut”. 326, 16/08/2004.

GALILEU (Revista). “A vida na era do Orkut”. Revista Galileu, n. 158, setembro de 2004.

SUPERINTERESSANTE (Revista). “Orkut: como entender este fenômeno”. Setembro de 2004.

VEJA (Revista). “É como o Orkut... mas Tem Trilha Sonora”. 12 de abril de 2006, pp. 65-68.